

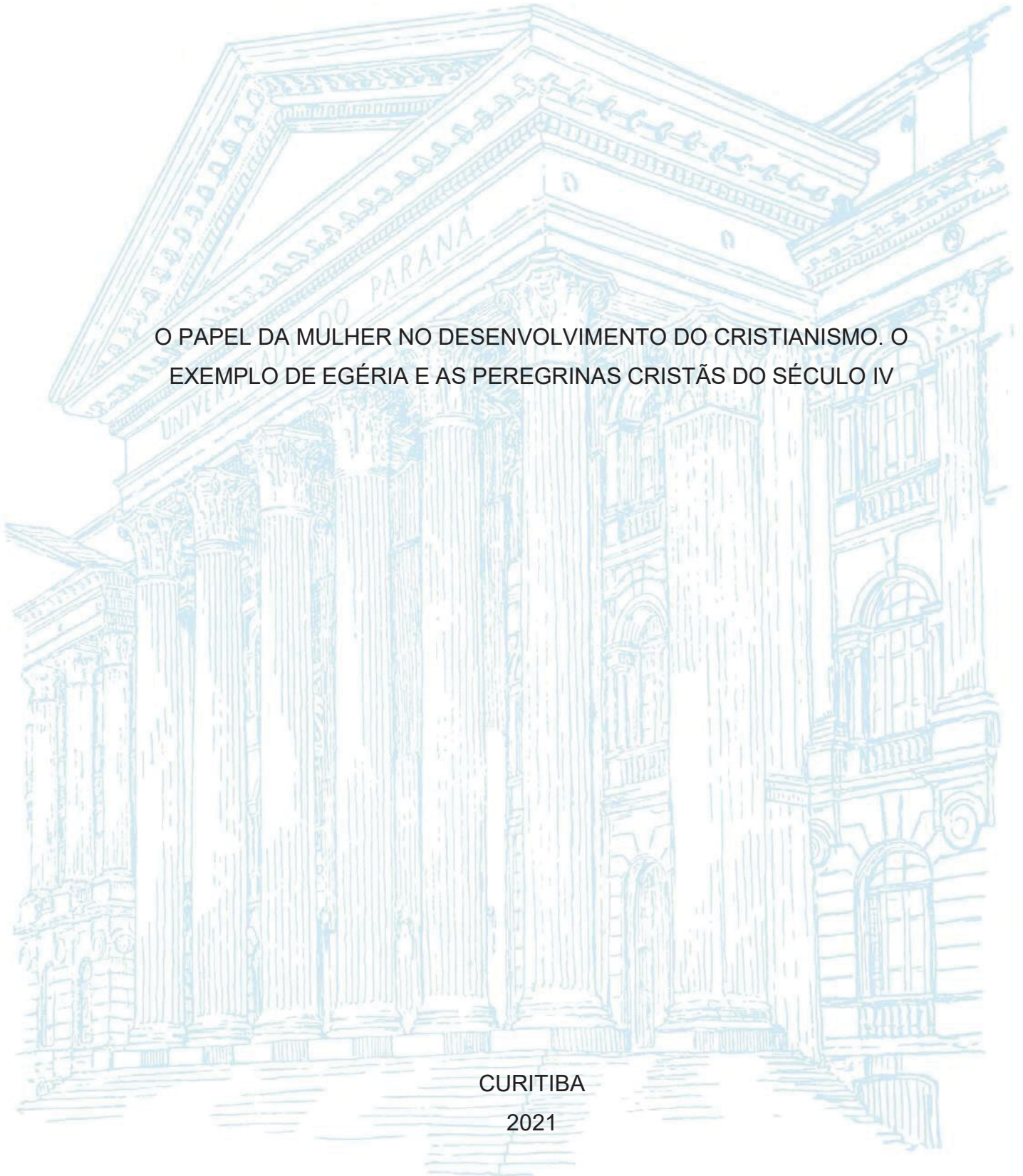
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CYNTHIA MARIA VALENTE

O PAPEL DA MULHER NO DESENVOLVIMENTO DO CRISTIANISMO. O
EXEMPLO DE EGÉRIA E AS PEREGRINAS CRISTÃS DO SÉCULO IV

CURITIBA

2021



CYNTHIA MARIA VALENTE

O PAPEL DA MULHER NO DESENVOLVIMENTO DO CRISTIANISMO. O
EXEMPLO DE EGÉRIA E AS PEREGRINAS CRISTÃS DO SÉCULO IV

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutora em História, no Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Renan Frighetto

CURITIBA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Valente, Cynthia Maria

O papel da mulher no desenvolvimento do Cristianismo : o exemplo de Egéria e as Peregrinas Cristãs do século IV. / Cynthia Maria Valente – Curitiba, 2021.

Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador : Prof. Dr. Renan Frighetto

1. Egéria, séc. IV/V – História. 2. Mulheres no cristianismo – História primitiva, ca. 30-600. 3 Mulheres – História – Séc. V. 4. História eclesiástica. I. Frighetto, Renan, 1974-. II. Título.

CDD – 270



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA -
40001016009P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **CYNTHIA MARIA VALENTE** intitulada: **O papel da mulher no desenvolvimento do Cristianismo. O exemplo de Egéria e as Peregrinas Cristãs do século IV.**, sob orientação do Prof. Dr. RENAN FRIGHETTO, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 04 de Novembro de 2021.

Assinatura Eletrônica

04/11/2021 18:17:26.0

RENAN FRIGHETTO

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

04/11/2021 23:39:49.0

DANILO MEDEIROS GAZZOTTI

Avaliador Externo (UNIC RONDONÓPOLIS, UNIDADE ARY COELHO)

Assinatura Eletrônica

04/11/2021 19:07:09.0

MARIA CECILIA BARRETO AMORIM PILLA

Avaliador Externo (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

04/11/2021 18:20:58.0

LEILA RODRIGUES DA SILVA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO)

Assinatura Eletrônica

04/11/2021 18:27:24.0

MARCELLA LOPES GUIMARÃES

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Rua General Carneiro, 460, Ed.D.Pedro I, 7º andar, sala 716 - Campus Reitoria - CURITIBA - Paraná - Brasil

CEP 80060-150 - Tel: (41) 3360-5086 - E-mail: cpghis@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 124863

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 124863

Para Airton (in memoriam), Sonia, Francisco e Luisa.

AGRADECIMENTOS

O meu saudoso pai foi quem me apresentou à História, ele me deu uma biografia sobre Carlos Magno que me encantou, eu tinha dez anos. De lá para cá foram vários anos de estudo e pesquisa desde a graduação, passando pelo mestrado e, agora, doutorado. Todos concluídos dentro do DEHIS da UFPR, minha *Alma Mater*. Esse caminho não poderia ter sido trilhado por mim sem o apoio de algumas pessoas que ajudaram e contribuíram intelectualmente, amistosamente e psicologicamente, procurarei transmitir meus sinceros agradecimentos por aqui.

Primeiramente, agradeço infinitamente ao Prof. Dr. Renan Frighetto, pela generosidade com que me acompanhou nesse período, agindo não só como orientador, mas como amigo. Estendo os agradecimentos à Profa. Dra. Fátima Regina Fernandes Frighetto e à Prof^a. Dr^a. Marcella Lopes Guimarães (juntamente com o Clube do Livro), professoras que também se tornaram minhas amigas e que tanto contribuíram com as suas disciplinas, essenciais no decorrer dessa caminhada.

Agradeço à CAPES pelo fundo de apoio ao desenvolvimento da ciência.

Agradeço aqueles que fizeram a resistência em tempos tão obscuros, o pessoal do Gilda e posteriormente do Nina, lugar de luta, resistência e amizades que se tornaram imprescindíveis, Carlos, Raquel, Mirna e Gato (in memoriam). Aqueles que estão desde sempre comigo: Adélia, Edinho, Dani, Clóvis e Léri. Ao Bruno e os meninos da Escola Tigreana, pela diversão misturada com discussões sérias. Aos meus queridos Lucymara, Magal e Marianna, amigos demais! Não esquecendo da Turma de Belize, incomparável, Carlos, Danilo, Chico, Guilherme, Vanessa e Eli.

Agradeço aos queridos Valdemar e Regina, pelos livros e discussões sobre Aristóteles e os jantares maravilhosos.

Agradeço à Casa Latino Americana, pela luta e pela oportunidade de estar presente do lado certo. Também à Profa. Dra. Ângela Fonseca pela oportunidade de participar

de sua disciplina que tanto contribuiu para o meu conhecimento sobre as questões de gênero.

Minha família foi determinante, minha mãe, meu irmão Francisco, minha filha Luisa e meu pai Airton, onde ele estiver, não conseguiria nada sem vocês.

Agradeço ao Magnífico Reitor da Universidade Federal do Paraná e amigo de todas as horas, Prof. Dr. Ricardo Marcelo Fonseca, por dar às Ciências Humanas a importância devida.

E ao meu amigo, revisor e editor, João Aroldo.

Como sou uma pessoa de fé, agradeço a Deus, por tudo.

“Sou peregrino na terra, não escondas de mim os teus mandamentos”

Salmos, 119;19

“Vós senhoras, minha luz, dignai-vos tão somente lembrar-vos de mim, quer eu esteja neste corpo, quer já fora dele”.

Egéria, Itinerarium 23.10.

RESUMO

Este trabalho consiste na análise da contribuição da mulher para o fortalecimento do cristianismo durante o século IV. Foi organizado dentro da História das Mulheres, e temporalmente nos localizamos dentro da Antiguidade Tardia, época de transformações culturais, sociais, econômicas e geográficas, que atingiram o Império Romano, em particular a Península Ibérica, ponto de partida da nossa protagonista Egéria, peregrina originária da província romana da Gallaecia, localizada no noroeste da Península Ibérica, e que atravessou o Império em direção à Terra Santa. Usando-a como exemplo central, demonstramos como a mulher peregrina foi, além de protagonista de sua história, atuante e independente em um mundo que nos chegou como sendo masculino. Através das fontes constatamos que as vozes femininas do período que nos chegaram, foram transcritas por homens, ou abandonadas por serem uma história de menor valor. O objetivo desse trabalho foi mostrar que a mulher, além de sujeito da história, também foi capaz de transcrevê-la para outras companheiras, como nos mostrou o Diário de viagem de Egéria, conhecido como *Itinerarium*. A existência de uma obra como essa, poderá ajudar a solidificar a importância da mulher no processo histórico.

Palavras-chave: Egéria. Antiguidade tardia. História das mulheres. Cristianismo primitivo.

ABSTRACT

This work consists of an analysis of the women's contribution to the strengthening of Christianity during the fourth century. It was organized within the History of Women, and temporally we are situated in the Late Antiquity, a time of cultural, social, economic, and geographic transformations that affected the Roman Empire, in particular the Iberian Peninsula, the starting point of our protagonist Egeria, a pilgrim from the Roman province of Gallaecia, located in the northwest of the Iberian Peninsula, and that crossed the Empire towards the Holy Land. Using her as a paradigm, we demonstrate how the pilgrim woman was, in addition to being the protagonist of her story, active and independent in a world that came to us as being a man's world. Through the sources we found that the female voices of the period that came to us were transcribed by men, or abandoned altogether because they were considered as a story of less value. The objective of this work was to show that the woman, in addition to being the subject of the story, was also able to transcribe it to her female companions, as shown in Egeria's Travel Diary, known as *Itinerarium*. The existence of a work such as this could help to solidify the importance of women in the historical process.

Keywords: Egeria. Late antiquity. History of women. Early Christianity.

RESUMEN

Este trabajo consiste en un análisis de la contribución de las mujeres al fortalecimiento del cristianismo durante el siglo IV. Se organizó dentro de la Historia de la Mujer y temporalmente nos ubicamos en la Antigüedad Tardía, época de transformaciones culturales, sociales, económicas y geográficas que afectaron al Imperio Romano, en particular a la Península Ibérica, punto de partida de nuestra protagonista Egeria, peregrina de la provincia romana de Galicia, situado en el noroeste de la Península Ibérica, y que ha atravesado el Imperio hacia la Tierra Santa. Utilizándola como ejemplo central, demostramos cómo la mujer peregrina era, además de protagonista de su historia, activa e independiente en un mundo que nos llegó como un mundo masculino. A través de las fuentes encontramos que las voces femeninas de la época que nos llegaron fueron transcritas por hombres, o abandonadas por completo por considerarlas como una historia de menor valor. El objetivo de este trabajo fue mostrar que la mujer, además de ser el tema de la historia, también fue capaz de transcribirla a sus compañeras, como se muestra en el Diario de Viaje de Egeria, conocida como *Itinerarium*. La existencia de un trabajo como este podría ayudar a solidificar la importancia de la mujer en el proceso histórico.

Palabras llave: Egeria. Antigüedad tardía. Historia de la mujer. Cristianismo primitivo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1 A LONGA DURAÇÃO DA HISTÓRIA.....	19
1.2 HISTÓRIA DAS MULHERES E ANÁLISE DE GÊNERO	21
1.3 VOZES FEMININAS NA HISTÓRIA.....	26
1.4 O PAPEL DA MULHER EM PAULO DE TARSO	38
2. O SÉCULO IV NO IMPÉRIO ROMANO	41
3. OS ROMANOS NA PENÍNSULA IBÉRICA	50
3.1 O CRISTIANISMO PENINSULAR.....	52
3.2 PRISCILIANISMO	53
4. CRISTÃS E PAGÃS NO IMPÉRIO ROMANO	61
4.1 MARCELA, PAULA E AS MATRONAS ROMANAS.....	61
4.2 HIPÁTIA DE ALEXANDRIA.....	65
4.3. A MULHER NA SOCIEDADE ROMANA	69
5. EVA OU MARIA?	80
7. AS MÁRTIRES	93
8. ANACORETAS E MONJAS	100
9. AS PEREGRINAS	113
9.1 AS DISCÍPULAS DO AVENTINO: PEREGRINAS RELIGIOSAS.....	117
9.2 HELENA E A PEREGRINAÇÃO POLÍTICO/RELIGIOSA.....	128
10. EGÉRIA: PEREGRINA, ESCRITORA E RELIGIOSA, A VOZ FEMININA DO ITINERARIUM	136
10.2 QUEM ERA EGÉRIA?.....	139
10.3 O <i>ITINERARIUM</i>	145
11. CONCLUSÃO	160
FONTES	165
REFERÊNCIAS	167
ANEXOS	178

1. INTRODUÇÃO

Em 1984, foi lançado na Espanha um selo comemorativo do aniversário de número um mil e seiscentos da peregrinação “da freira Egéria” à Terra Santa¹. Na realidade, ela não era uma freira e, possivelmente, não era uma monja, mas sim uma cristã devota², como tantas nesses séculos cristãos iniciais.

A Egéria que estampa o selo comemorativo está desenhada com mantos e em cima de um burrico, lembrando a Virgem Maria em seu deslocamento pela Terra Santa. No selo, vemos a datação secular da viagem, além da marcação do local de origem da peregrina. Chamou-nos a atenção a característica da obra de Egéria: um Diário de Viagem escrito para suas amigas! Além da viagem em si, longa e perigosa.

Egéria fez parte de um grupo de mulheres aristocratas que enxergaram no cristianismo uma alternativa a seu destino de mãe e esposa, que viram através da nova religião uma opção, dentro de um universo restrito de possibilidades. E é nessa

observação que resulta a nossa problemática, em que explicaremos por que o cristianismo foi adotado por muitas mulheres nesses primeiros séculos e como havia

nele uma sensação de igualdade com os homens, igualdade de almas, o que possibilitou que a mulher participasse de várias cerimônias cristãs com os homens, baseando-se na igualdade no Cristo: *“Pois, por meio da fé em Cristo Jesus, todos vocês são filhos de Deus. Porque vocês foram batizados para ficarem unidos com Cristo e assim se revestiram com as qualidades do próprio Cristo. Desse modo, não existe diferença entre judeus e não judeus, entre escravos e pessoas livres, entre homens e mulheres: todos vocês são um só por estarem unidos com Cristo Jesus”*.³

1 Disponível em <https://elpais.com/diario/1984/09/23/agenda/464738401_850215.html>. Acesso em: 02 ago 2021.

2 A bíblia diz “Lembra-te, Senhor, como tenho te servido com fidelidade e com devoção sincera. Tenho feito o que tu aprovas”. (2 Reis 20:3), mostra a questão da devoção ligada à fé. A devoção feminina nesse universo do cristianismo tardoantigo passa pelas questões de pudor, docilidade e castidade, o exemplo a ser seguido por elas foi o da Virgem Maria. Uma cristã devota deveria comportar-se como tal para fazer valer seu testemunho de fé. Para saber mais, ver BROWN, 1990, p. 178-179.

3 Gálatas 3:26-28.

Esta tese foi construída a partir da análise de fontes escritas nos primeiros anos do cristianismo, situando-nos, temporalmente, dentro do período conhecido como Antiguidade Tardia, conceito compartilhado por Renan Frighetto, Peter Brown e Melanie Wolfram, historiadores com os quais nos identificamos e nos quais baseamos nossas discussões. Esse período histórico marcado por diversas transformações dentro da sociedade romana, essas transformações que acontecerão do século II ao VIII e modificarão o mundo romano social, cultural e religiosamente. Aqui, portanto, não cabe a ideia de declínio, pois o período é riquíssimo em diversas manifestações, que se mesclarão com as tradições bárbaras, dando início a um outro tipo de Antiguidade e mostram a mulher como sujeito histórico e partícipe da construção dessa religião. A participação das mulheres foi notável, pois elas se misturam aos homens nesse universo de peregrinos, mártires, anacoretas e movimentos monásticos. Uma época de mobilidade, pois o cristianismo impulsionou a busca por conhecimento, tanto espiritual como intelectual, e provocou nos fiéis cristãos a vontade de estar onde o Cristo viveu, a Terra Santa.

Mas não foi somente de peregrinos religiosos que se deu a mobilidade durante o período tardoantigo, podemos pensar essa questão sob outras variantes, como nos foi apresentado durante o seminário “As mobilidades e as suas formas na Antiguidade Tardia e na Idade Média”, que ocorreu durante os dias 06 e 08 de novembro de 2017 em um dos campi da Universidade Federal do Paraná. Durante as palestras, pudemos conferir que a sociedade ocidental do período não era estática e, por não ser estática, possibilitou que novas formas de cultura e sociedade se misturassem à sociedade romana.

Pudemos notar como o mundo tardoantigo estava em constante movimento e transformação, e o movimento não se caracterizou apenas pela mobilidade física, como veremos quando adentrarmos a parte das peregrinas. Havia a movimentação espiritual, do peregrino que colocará o seu espírito em busca da fé verdadeira, a fé do Cristo. A obra da peregrina Egéria nos colocou em contato, também, com as características geográficas e botânicas da região percorrida, pudemos também perceber algo sobre a dieta dos monges do deserto, e que diferenciavam de grupo para grupo. As práticas litúrgicas da região também foram descritas na obra de Egéria, que consistem na liturgia de Jerusalém, é a liturgia mais antiga da cristandade, o início do desenvolvimento dos vários ritos litúrgicos e que foi nos relatado por Egéria.

O *Itinerarium* mostra como a participação feminina na vida política e cultural daquele mundo romano do século IV foi ativa e também responsável pela evangelização do período. Mais que simples coadjuvante, Egéria e suas colegas peregrinas, mártires, eremitas e monjas contribuíram para a construção e consolidação do cristianismo.

Assim como Egéria, veremos no decorrer do texto peregrinas como Paula, Melânia, a Velha, e Melânia, a Jovem, matronas, como Marcela e Helena, mãe do Imperador Constantino, que também se aventurará por terras santas. Mulheres que exerceram papéis importantes e que deixaram um legado para as próximas cristãs, que com suas discussões teológicas e experiências de viagem, auxiliaram às cristãs que vieram a seguir, pioneiras de uma participação mais livre da mulher na sociedade.

Egéria tem ainda a importância de uma escritora, uma das poucas do período, que conseguiram alfabetizar-se, e produziu um Diário de Viagem para mulheres, que, assim como ela, estavam provavelmente almejando uma peregrinação. O conhecimento desse feito esteve presente por séculos após a viagem, pelo menos no que se refere à região da Gallaecia, prova disso é uma carta escrita pelo monge Valério do Bierzo (630-695)⁴ intitulada “EPISTOLA DE BEATISSIMAE ECHERIAE LAUDE”⁵, dedicada aos feitos da beata que percorreu o caminho até a Terra Santa. A carta de monge Valério pede que seu amigo Donadeus transmita aos monges que ele conhece a virtuosa campanha de Egéria: *“Ruéganos, hermanos, santos y queridos de Dios, que meditéis con ánimo atento qué ejercicio de variadas obras es necesario para llegar al reino de los cielos. Cuando consideramos los hechos y virtudes de varones fortísimos y santos, hallamos más digna de admiración la contentísima práctica de la virtud en la debilidad de una mujer, cual lo refiere la notabilísima historia de la bien aventurada Egeria, más fuerte que todos los hombres del siglo. Así, pues cuando en otro tiempo el feliz renacer de la fe católica y la inmensa claridad radiante de la sagrada religión llenaban finalmente de luz – al tardo paso del tiempo – la extremidad*

4 Valério abandonou a vida cenobítica e passou a viver como um ermitão, circulando por vezes nos cenóbios da região do Bierzo, província de León, atual Comunidade Autónoma de Castilla e León, na Espanha.

5 Utilizamos duas versões, a primeira para o francês, de Manuel Diaz y Diaz, da carta de Valério do Bierzo para o livro de Pierre Maraval do Itinerário, de 1983. *En appendice, M. Manuel Díaz y Díaz, professeur de l'Université de Compostelle, a publié une nouvelle édition et une traduction française de la Lettre où Valerius du Bierzo (abbé du monastère de Compludum en Galice au vne siècle) propose en modèle à un groupe d'ascètes la «bienheureuse Égérie».* (MARAVAL, 1983, p. 417). A segunda é de Agustín Arce, de 1980, para a Biblioteca de Autores Cristianos (BAC).

*de esta región occidental, esta bienaventurada monja Egeria, con el deseo de la divina gracia y ayudada por la virtud de la majestad del Señor, emprendió con intrépido corazón y con todas sus fuerzas un larguísimo viaje por todo el orbe...Cuanto más instruida estaba en la santa doctrina, tanto más sentía encendido su corazón en la llama de un deseo santo inenarrable”.*⁶

Embora Valério tenha mostrado Egéria aos seus como uma beata de fé católica, fomos levados a perceber algumas características em sua obra muito favoráveis à heresia prisciliana, que se fez necessário uma explicação da mesma e de seu fundador.

O estereótipo tradicional do viajante era do sexo masculino, por motivos de segurança, em um período em que as estradas não eram seguras, pela própria condição da mulher tardoantiga, geralmente acomodada nos espaços privados e sem instrução intelectual, além do fator monetário, pois tal deslocamento exigia uma grande soma de recursos.

Com o fim das perseguições, as peregrinações começam a tornarem-se mais populares, e percebemos que esse grupo tinha um grande protagonismo feminino, o próprio cristianismo defendia as visitas aos lugares santos e, com isso, a disseminação da própria religião, que apresentava um caráter universalista.

Por meio de nossa pesquisa, traçamos um paralelo entre algumas peregrinas do período – Egéria, Paula, Marcella, e Helena Augusta – e constatamos que pertenciam a um mesmo estrato social: a aristocracia. Eram viúvas, em sua maioria, outras, como Egéria, não sabemos de seu estado civil, mas pode ser, também, uma viúva. Essas mulheres tinham uma condição financeira privilegiada, conheciam a leitura e escrita, viviam de forma confortável, embora Paula tenha assumido os valores ascéticos. Marcella, por exemplo, vivia em uma enorme casa na parte mais nobre de Roma, o Aventino⁷.

O cristianismo as atraiu pela liberdade com a qual essa religião estava se desenvolvendo. Embora apresentando uma condição sociocultural privilegiada, não havia a facilidade, ou melhor, a opção de mobilidade física, de viagens, para a mulher romana, a não ser em companhia de pais ou maridos. Provavelmente, nossas

6 AUGUSTÍN ARCE, 1980, p. 9.

7 O Aventino é uma das sete colinas que fazem parte da região de fundação de Roma, durante o período Imperial, ela abrigou várias casas de membros da aristocracia, inclusive futuros Imperadores, como Trajano e Adriano.

peregrinas foram seduzidas pela sensação de aventura que envolvia as peregrinações, uma terra distante, com outras pessoas fora de seu círculo e uma grande parte de discussões teológicas e participações em cerimônias litúrgicas. Liberdade que essas mulheres sentiram no ambiente dos peregrinos cristãos do século IV, liberdade de movimento, de morar no deserto e de ser ascética. Mas essa liberdade limitava-se, em alguns aspectos, primeiramente, à questão econômica e, em segundo, e não menos importante, vemos que a participação feminina em toda a conjuntura de construção e fortalecimento do cristianismo foi incentivada e aceita dentro de limites estabelecidos pelos homens e, embora as cristãs tivessem uma maior liberdade que as pagãs, seus limites estavam sendo bem definidos pelas lideranças masculinas cristãs.

Nosso trabalho centrou-se na análise da fonte principal: uma tradução para o português, em edição crítica e bilíngue, da narrativa de peregrinação de Egéria, seu diário de viagem. O trabalho de tradução e análise filológica da obra é de autoria da filóloga brasileira Maria Cristina Martins, a obra foi editada pela Universidade Federal de Uberlândia, em 2017. A obra está incompleta, uma parte do início e do fim perderam-se, mas o corpo está bem representado, e pode-se trabalhar com facilidade. Ali estão pistas sobre a autora, seu contexto histórico, além do que ficou conhecido como Liturgia de Jerusalém, os primórdios da Liturgia da Igreja.

Outras fontes do período também foram consultadas: obras de Padres da Igreja, como *As Confissões*, *A Cidade de Deus v.I*, *A Doutrina Cristã* e *Comentário aos Salmos*, de Agostinho de Hipona. De Eusébio de Cesareia, utilizamos *História Eclesiástica* e *Vida de Constantino*; *Epistolário*, *Select letters of St. Jerome* e *The Pilgrimage of The Holy Paula*, de Jerônimo de Strídon; *Historia Lausiaca* de Paládio de Galácia, e de Ambrósio de Milão trabalhamos com a obra *A Virgindade*.

A bibliografia disponível sobre o tema nos auxiliou sobre a contextualização histórica do século IV e também sobre a utilização de alguns conceitos tratados neste trabalho. Um dos conceitos utilizados é com referência ao período histórico em que está inserido nosso trabalho, que é a Antiguidade Tardia, que se situa temporalmente entre a Antiguidade Clássica e a Idade Média, compreendendo do século IV ao VIII, época de grandes transições, mas também uma época em que tradições mais antigas herdadas da dominação romana e práticas pagãs originárias de povos autóctones convivem no mesmo ambiente, criando um período histórico em particular.

A historiografia a partir dos anos 1970 e 1980 começou a questionar o antigo conceito de crise do Império Romano no século III, devido ao entendimento de que na realidade o que se observava entre os séculos IV e VIII era um período de transformações nas esferas sociais, políticas e culturais, e não uma decadência. A mulher tardoantiga acompanhou essa transformação e, a partir do século IV, toda a concepção do que é ser mulher passa pelo cristianismo. Na Antiguidade Tardia, o papel feminino estava atrelado à definição e interpretação que o cristianismo fez da mulher. *“Segundo a historiadora Mélanie Wolfram, as fontes tardoantigas nos mostram três tipos de mulheres, as mais abastadas financeiramente, que se tornavam benfeitoras, apadrinhando a comunidade mais pobre, mosteiros e Igrejas, as monjas e as que sofriam martírio. Podemos observar nos três casos, que a mulher está ligada de alguma forma ao cristianismo”*⁸.

Quando pensamos em tempo da história, pensamos em uma longa duração, um período mais lento em que, segundo Braudel, *“Alguns traços lhes são comuns e permanecem imutáveis, enquanto, em torno deles, entre outras continuidades, mil rupturas e reviravoltas renovavam o panorama do mundo”*⁹. A Antiguidade Tardia é um período longo em que as estruturas da sociedade se mantêm por um tempo, assim como a história das mulheres também o é, foram características que perduraram por décadas.

Diversos pesquisadores brasileiros têm abordado a Antiguidade Tardia, de forma a colocar-nos nos debates mundiais acerca do período, em específico, citamos aqueles que utilizamos para nossa pesquisa, como Ana Teresa Marques Gonçalves, em especial o texto sobre a morte como mobilidade entre a vida terrestre e a espiritual, segundo o pensamento de Cipriano de Cartago, localizado temporalmente no século III. Gilvan Ventura da Silva tem uma extensa produção no estudo do universo de João Crisóstomo, alguns dos quais utilizamos aqui para compreender as martírias. Danilo Medeiros Gazzotti, que nos ajudou com seu estudo sobre o priscilianismo na Gallaecia, já que essa heresia dominou a região e o pensamento de muitos gallaecios do período de Egéria. Também, Janira Feliciano Pohlmann e seu trabalho sobre Ambrósio de Milão, que nos auxiliou na noção de cristianismo do bispo milanês.

8 WOLFRAM, apud SENKO; VALENTE, 2016, p. 106.

9 BRAUDEL, 1967, p. 271.

Define-se como cristianismo primitivo os séculos iniciais do cristianismo devido às diversas interpretações das Escrituras e à falta de centralidade dogmática. Peter Brown classifica como textos do cristianismo primitivo os escritos de Paulo até Agostinho¹⁰. O cristianismo tardoantigo do século IV em diante buscará uma unidade dogmática e se aproximará cada vez mais das altas esferas sociopolíticas da sociedade imperial e, com isso, torna-se cada vez mais intolerante com as crenças cristãs heréticas.

Mesmo após o Primeiro Concílio de Niceia, em 325, muitas eram as interpretações e correntes que divergiam dos dogmas eleitos em Niceia como verdadeiro, a unidade dogmática ainda precisava ser alcançada. No decorrer do nosso trabalho, mostraremos como a mulher contribuiu para a divulgação do evangelho e para o fortalecimento do cristianismo no mundo imperial romano nesse século IV. Nosso objetivo é contribuir para a percepção das mulheres como sujeitos históricos, participantes da construção e do fortalecimento da cristandade, e não meras coadjuvantes.

Portanto, justifica-se a importância do nosso estudo para compreendermos a imagem da mulher dentro dessa nova religião, que acabará por tomar toda a extensão do Império romano. E que está em pleno século XXI, tentando resgatar uma forma de cristianismo que se julga pura, mas, na realidade, não corresponde ao que realmente existia nos séculos iniciais do cristianismo.

Começaremos o trabalho contextualizando o século IV d.C., passando pela Hispania no próprio período, pois é o lugar de origem da Peregrina Egéria. Discorreremos sobre o universo feminino do quarto século, para isso, foi estudado não somente o exemplo de Egéria, mas de outras peregrinas cristãs, como Helena Augusta e Paula. Também para enriquecer mais a compreensão desse universo, resolvemos estudar uma mulher pagã, a filósofa e astrônoma Hipátia. Compreendendo que seria importante a comparação entre pagãs e cristãs, e suas diferenças, mostrando como o modo de vida cristão possibilitou uma maior liberdade às mulheres do período. Definimos o que foi ser uma peregrina e os tipos de peregrinação, e finalizamos com a análise do *Itinerarium* de Egéria. Pretendemos mostrar o cristianismo como caminho de libertação e mobilidade feminina social, política e cultural. A busca pelo sagrado impulsionou centenas de mulheres a

10 BROWN, 1990, p. 9.

percorrerem caminhos geográficos sem a companhia ou autorização de um homem. Muitas chegaram ao deserto e lá se estabeleceram, escolhendo para si uma vida ascética, outras visitaram a Terra Santa e retornaram para seus locais de origem, e alguma fundaram cenóbios, que serviam como casas de passagem e acolhimento dos peregrinos.

1.1 A LONGA DURAÇÃO DA HISTÓRIA

Faz-se necessário contextualizar o conceito de longa duração na história. O historiador francês Fernand Braudel dirigia nos anos 1950 a revista fundada por Marc Bloch e Lucien Febvre em 1929 (os *Annales*). Nesse momento, a sociedade intelectual francesa gira em torno da crítica feita por antropólogos estruturalistas, como Claude Lévi-Strauss, acerca da forma como a história valorizava as ações pensadas e construídas pelo sujeito: para os estruturalistas, o inconsciente deveria prevalecer na análise de uma conjuntura, e não o consciente. Os estruturalistas reduziram o papel de historiadores a coletores de fatos, *“fornecedores de materiais que alimentariam as teorias de profissionais (antropólogos, linguistas, filósofos, etc.), supostamente mais gabaritados”*¹¹, questionando o papel da história como ciência social. No capítulo *“Antropologia estrutural”*, o autor recusou à história seu direito de se autodefinir enquanto ciência social.¹²

A resposta de Braudel veio em forma de um artigo escrito em 1958, intitulado *“História e ciências sociais: a longa duração”*, o artigo foi uma espécie de manifesto, escreveu Braudel: *“Para nós, historiadores, uma estrutura é, indubitavelmente, um agrupamento, uma arquitetura; mais ainda, uma realidade que o tempo demora imenso a desgastar e a transportar. Certas estruturas são dotadas de uma vida tão longa que se convertem em elementos estáveis de uma infinidade de gerações: obstruem a história, entorpecem-na e, portanto, determinam o seu decorrer. Outras, pelo contrário, desintegram-se mais rapidamente. Mas todas elas constituem* ¹³, *ao mesmo tempo, apoios e obstáculos, apresentam-se como limites (envolventes, no sentido matemático) dos quais o homem e as suas experiências não se podem emancipar. Pense-se na dificuldade em romper certos marcos geográficos, certas*

11 PALMEIRA, 2020. Disponível em <<http://revhistoria.usp.br/blog/?p=114>>. Acesso em: 05 ago 2021.

12 MATOS, 2010, p. 58.

13 REIS, 2000, p. 105

reações espirituais: também os enquadramentos mentais representam prisões de longa duração".¹⁴

Braudel preocupou-se com o estudo das mentalidades coletivas, pois ocupava-se do estudo das estruturas nas quais o homem estava envolvido, tal posição foi criticada por François Dosse, que o acusou de eliminar o homem como sujeito, na realidade, concordamos com a explicação de José Carlos Reis segundo a qual Braudel não retirou do homem sua condição de sujeito, *"mas submete a sua ação às circunstâncias objetivas, estruturais, pelas quais ele está envolvido, e que ele pode alterar, mas à custa de um esforço penoso, e só obterá resultados a longo prazo"*.

De fato, Braudel viveu em um período em que o pensamento histórico estava sendo influenciado por teorias de sujeitos coletivos e não individuais, como o marxismo, por exemplo, para D'Assunção Barros, a complexidade do pensamento de Braudel pode ser percebida pelas diversas nuances que influenciaram sua obra¹⁵, *"Os Annales da segunda geração, todavia, puderam se beneficiar desta conjugação.*

Stoianovich, um dos mais reconhecidos historiadores do movimento, considera Braudel o verdadeiro fundador daquilo que se poderia chamar de um 'paradigma dos Annales' (1976), considerando que é aqui que o modelo estrutural que incorpora permanência e mudança sob a égide do conceito de "longa duração" adquire sua forma mais bem-acabada, transformando-se em um modelo que seria seguido por novos historiadores seja nas monografias regionais, seja nos trabalhos de recorte mais amplo".¹⁶

Na decorrência do pensamento de Braudel, chegamos à Terceira Geração dos *Annales*, em que se encontra o norte do nosso trabalho, a História das Mulheres. *"Nomear, identificar, quantificar a presença das mulheres nos lugares, nas instâncias, nos papéis que lhes são próprios, aparecem como uma etapa necessária, um justo retorno das coisas. São assim iluminadas as categorias do masculino e do feminino, até aqui escondidas sob um neutralismo sexual, só beneficiando o mundo masculino"*¹⁷, portanto, os trabalhos de Michelle Perrot, Annelise Fresenbruch e Rosa Maria Cid Lopez foram imprescindíveis. A escolha em trabalhar com a História das Mulheres tem a ver com a escolha da fonte principal, que, devido ao desenvolvimento

14 BRAUDEL, 1990, p. 14 In: MATOS, 2010. p.59.

15 BARROS, 2012, p. 4.

16 Ibidem.

17 Annales ESC, mars-avril 1986, n° 2, p. 271-293.

desse modo de análise, nos permitiu dar voz às mulheres, que por muito tempo foram relegadas ao segundo plano. E a história das mulheres também se relaciona com períodos longos, a estrutura social da mulher permaneceu com estruturas típicas do período e imutáveis por longos períodos.

1.2 HISTÓRIA DAS MULHERES E ANÁLISE DE GÊNERO

Georges Duby e Perrot deram o pontapé inicial para identificarmos as vozes femininas na história. Duby achava que houve uma progressiva feminização do cristianismo, principalmente quando o culto da Virgem se irrompe na Europa e traz junto consigo santas, mártires e devotas¹⁸. Embora ele fale do século XII, já presenciaremos esse acontecimento em nossas fontes tardoantigas.

No mesmo caminho interpretativo de George Duby, Michelle Perrot reforça em seus escritos que a Nova História¹⁹ possibilitou a compreensão de que havia outros sujeitos na História, que até então estavam invisíveis aos olhos dos pesquisadores. Para tanto, nos apoiamos numa interessante citação de sua obra *Os Excluídos da História*, na qual indica um novo percurso historiográfico, “*Um desejo análogo de inverter as perspectivas historiográficas tradicionais, de mostrar a presença real das mulheres na história mais cotidiana, sustentou o esforço das historiadoras nesses últimos anos*”²⁰. Nesse sentido, a contribuição historiográfica de Perrot está centrada nesta nova “chave interpretativa”, em que as mulheres têm um papel de enorme significado no estudo das sociedades, sejam elas tardoantiga, medieval, moderna ou contemporânea. Parece-nos certo afirmar que essa forma de análise do papel da mulher no âmbito social estava vinculada à crise de grandes paradigmas filosóficos, como o positivismo e o marxismo.

E por que a crise dessas duas correntes de pensamento auxiliaram na formação de uma história das mulheres? No caso do positivismo²¹, o ambiente

18 DUBY, 2011, p. 115.

19 Corrente historiográfica encabeçada por Pierre Nora e Jacques Le Goff, pertencente à terceira geração dos *Annales*, foi responsável por introduzir novos objetos de estudo, abrindo caminho para a história das mulheres.

20 PERROT, 2018, p. 180.

21 Corrente filosófica criada por Auguste Comte (1798-1857).

intelectual onde ele se desenvolveu foi no meio do liberalismo²² vigente do século XIX. Nessas circunstâncias, a historiografia positivista priorizava os grandes feitos, o objeto, ao invés do sujeito. Como se as ações do sujeito não fossem preponderantes no processo histórico, “o conhecimento é representação do real” significa dizer que não deve existir participação do sujeito na construção da paisagem/conhecimento; o sujeito deve apenas seguir os passos metodológicos para, ao final, refletir no espelho aquilo que o objeto “é”.²³ Juntamente com um sujeito não preponderante, aliamos a própria noção do papel feminino na sociedade, em que a mulher seria a rainha do lar, e que se encaixava perfeitamente com a moral vigente no período. “*Além de procriar, criar, cuidar do marido e da manutenção da ordem da casa, a mulher deveria servir de musa para inspirar o marido e os filhos para serem homens honrados e a praticar o culto privado, mantendo presentes as ideias positivistas*”. (ISMÉRIO, 1994: 34). Esta corrente de pensamento pleiteava a complementaridade biológica, mental e social entre homens e mulheres, mas apesar de companheiras, as mulheres não eram iguais aos homens. À superioridade do caráter masculino corresponderia à superioridade afetiva feminina, consubstanciada no instinto maternal, combinação de altruísmo e bondade. O Positivismo, apesar de posicionar-se contra os dogmas da Igreja Católica, no que tange às mulheres, reproduzia o mesmo discurso com a finalidade de controlar e limitar a atuação da mulher na sociedade como também sua sexualidade”. (ISMÉRIO, *op. cit.*, 114)²⁴. Portanto, não havia um reconhecimento da mulher como agente histórico passível de realizações na sociedade tanto quanto os homens.

A corrente teórica desenvolvida pelos filósofos alemães Karl Marx e Friedrich Engels abrangeu a história, a sociologia, a economia e a filosofia, principalmente fazendo uma profunda crítica ao capitalismo, sistema econômico que se originou com a crise do modo de produção feudal e começo da industrialização, Marx analisou a economia através de modos de produção típicos de um determinado momento histórico, “*Marx diz que mais importante do que o que produz a humanidade num certo momento é como a humanidade se organiza para executar essa produção. Em outras palavras, para se compreender o conceito de modo de produção, é preciso considerar esse aspecto central: as relações específicas, que são postas em movimento pelos*

22 Filosofia Política que começou a ser difundida em meio ao Iluminismo e se opunha às ingerências do Estado na economia. Sua fundação foi creditada ao filósofo do século XVII, John Locke, ganhou muita popularidade no período de formação dos Estados Nacionais e do Mercantilismo.

23 FONSECA, 2009, p. 149.

24 CALEIRO, 2002, p. 2.

humanos numa dada sociedade, com a intenção de produzir e reproduzir sua vida material".²⁵ Para Marx, o sujeito transformador de uma sociedade era um sujeito coletivo, e não um indivíduo: *"É sabido que, para Marx, os homens são os demiurgos de sua própria história, porém, não como indivíduos, mas como sujeitos coletivos. Na sociedade capitalista o protagonismo no processo de transformação social é atribuído à classe proletária. A transformação da classe em si em classe para si supõe, na perspectiva marxista, a eliminação da alienação e, em consequência, o acesso do proletariado à compreensão racional da realidade, momento decisivo na sua configuração como sujeito coletivo revolucionário"*²⁶.

Podemos perceber, portanto, que a mulher como sujeito histórico não constituía uma categoria de análise dentro desses paradigmas. Somente com a introdução de outros modos de pensar a história, quando se elevou o sujeito como detentor das transformações sociais, e quando se desenvolveu a compreensão de outros sujeitos que estavam excluídos da história, é que se abriu espaço para as mulheres. O movimento feminista, que passou a advogar uma posição igualitária na sociedade, automaticamente colocou a mulher como protagonista, e não mera espectadora dos acontecimentos, pois, como aponta Tilly, "O movimento feminista é de importância fundamental em todas as conquistas do feminino [...] foi este movimento o responsável pelas inúmeras conquistas femininas"²⁷, particularmente na segunda metade do século XX.

A História das Mulheres nos possibilitou trazê-las como sujeitos históricos, por muito tempo as fontes pareciam "perceber" apenas a participação masculina na construção histórica. As mulheres permaneciam como coadjuvantes silenciosas e silenciadas, quando sabemos que a participação das mulheres no processo histórico é inquestionável. Concordando uma vez mais com Tilly, "a contribuição da história das mulheres foi a de reorientar o interesse pelas pessoas comuns do passado – motor da história social – na direção das mulheres e das suas relações sociais, econômicas e políticas"²⁸. Ou seja, as mulheres tiveram, assim como continuam tendo, um significativo papel de agentes sociais na configuração das comunidades políticas ao

25 Disponível em:

<https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/934137/mod_resource/content/1/elementos%20b%C3%A1sicos_0_MODO_DE_PRODU%C3%87%C3%83O.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2021, p. 5.

26 PLASTINO, 2005, p. 18.

27 COLLING, 2004, p. 32.

28 TILLY, 1994, p. 35.

longo da história e, em particular, no lapso temporal que pretendemos analisar, o da Antiguidade Tardia. Sabemos que os historiadores do século XIX e de boa parte do século XX acentuavam nas suas interpretações e análises o papel dos homens nas guerras e nas revoluções, embora, ao mesmo tempo, um olhar mais acurado sobre vários destes episódios da História nos revele o protagonismo de ações perpetradas, também, pelas mulheres.

O desenvolvimento da História das Mulheres possibilitou o aprofundamento das discussões à volta do conceito de gênero, que, de fato, contribuíram para o incremento no campo da história social, sendo que estas encontravam-se voltadas à análise dos problemas e oferecem “uma possibilidade real de operar uma ligação entre conhecimento de gênero, experiência das mulheres no passado e história em geral”²⁹. Para tanto, utilizaremos a definição de Joan Scott para um conceito de gênero, segundo a qual o gênero é uma organização social da diferença sexual presente nas representações do passado e que ajudam a construir o gênero no presente.³⁰ No âmbito da historiografia brasileira, a historiadora Andréia Frazão compartilha do conceito de gênero definido por Scott, segundo o qual “gênero é saber sobre as diferenças sexuais, construído por um dado grupo social e em determinado período histórico, e que constitui quatro elementos inter-relacionados: os símbolos, os conceitos normativos, as instituições e as identidades subjetivas e genéricas”³¹.

O conceito de gênero nos auxiliou a compreender a dinâmica social do período tardoantigo, distanciando a ação feminina de uma generalidade enquadrada dentro de dois grupos interligados, a aristocracia romana e os cristãos. Percebemos que a experiência cristã foi diferentemente retratada no que se refere às experiências de mulheres e homens para mulheres e homens, notamos que os relatos passam pelo relato de homens, com a exceção do *Itinerarium* de Egéria, as outras fontes aqui utilizadas, como, por exemplo, as cartas de Jerônimo e a *Historia Lausiaca*, de Paládio de Galácia, relatam feitos femininos, mas escritos por homens. Utilizaremos marcadores de gênero para analisar a representatividade feminina na construção do cristianismo.

Entendemos a importância da discussão dos conceitos para uma melhor compreensão da problematização do trabalho, nesse sentido, essas definições

29 TILLY, 1994, p. 30.

30 SCOTT, 2008, p. 20.

31 1988 apud SILVA, 2019, p. 77

facilitam o ofício de historiador, pois organizam em si realidades que, separadas, “*afigurariam demasiado caóticas aos seres humanos*”³². Por exemplo, o conceito de *protofeminismo*, quando identificam uma personagem que, com práticas e reflexões, reclamavam uma maior visibilidade e presença da mulher na sociedade, antes que o conceito de feminismo fosse construído: “*termo gerado na segunda metade do século XX, em meio a intensos debates acadêmicos, para nomear as lutas por direitos das mulheres nos séculos XVIII e XIX. A expressão pretende contemplar as primeiras elaborações teóricas e ações reivindicatórias que tinham por mote o direito*

das mulheres no contexto de uma sociedade patriarcal”.³³ No entanto, nos arriscaremos a pensar em um protofeminismo que reflita atitudes que quebraram a sequência de preponderância masculina no espaço público nesses primeiros séculos.

Se aplicássemos esse conceito no nosso trabalho, a viagem de Egéria poderia configurar-se dentro de um *protofeminismo*, devido à realização de sua peregrinação e de sua produção literária, endereçada a um grupo de mulheres de perfil aristocrático e que teriam um significativo impacto sociopolítico nas esferas do poder imperial romano do século IV, revelando, por sua vez, a importância das mobilidades no mundo do Mediterrâneo tardoantigo.

Isso nos remete a questionamentos e abordagens relacionados aos espaços das peregrinações e manifestações femininas no deserto, foco central da narrativa oferecida por Egéria. A partir dessas questões, poderíamos utilizar o conceito de lugar de fala para esses espaços?

Conceito sem uma origem definida, o lugar de fala pode ser compreendido como um poder de expressão, no caso, feminina. Dentro de uma sociedade majoritariamente patriarcal, o cristianismo possibilitou às mulheres, um espaço social onde poderiam expressar-se. Sendo assim, podemos pensar na possibilidade dessas mulheres cristãs tardoantigas, através de sua atuação como agentes de difusão do cristianismo, de suas virtudes e valores morais, terem conquistado um lugar de fala no meio de uma sociedade em que os discursos masculinos e papéis pré-definidos eram predominantes. Mostraremos como as mobilidades e poder de expressão se vincularam no espaço do deserto, as peregrinações possibilitaram que muitas

32 BARROS, 2016, p. 35.

33 CORREIA, 2018, p. 69.

mulheres se deslocassem de seus lugares de origem e pudessem se expressar em forma de ações ascéticas ou visitas às martírias, por exemplo.

A história das mulheres tem utilizado o conceito de gênero como mecanismo de análise para demonstrar as diferenças sexuais existentes na sociedade. Joan Scott o significa como “*conocimiento de la diferencia sexual*”³⁴, para ela, o conhecimento da diferença entre os sexos possibilita que se compreenda as relações de poder, dominação e subordinação que constituem as relações sociais, o gênero funciona como um organizador social das diferenças sexuais³⁵, mas não as estabelece, ele as esclarece para que possamos pontuar as diferenças nas relações de poder que envolvem homens e mulheres em uma determinada sociedade. Segundo Scott, as representações do passado ajudam a construir o gênero no presente, dividindo com as feministas a preocupação em mostrar as desigualdades entre homens e mulheres e mudá-las³⁶. Ainda sobre o termo gênero, a historiadora Bonnie Smith “*propõe que o desenvolvimento da moderna metodologia científica, de epistemologia, da prática profissional e da literatura tenha estado intimamente ligado a definições evolutivas de masculinidade e feminilidade!*”³⁷

1.3 VOZES FEMININAS NA HISTÓRIA

Desde muito tempo, tem-se uma dominação masculina da escrita da história, Smith comenta que, quando pensamos em um grande historiador, instintivamente nos vêm um homem³⁸, essa “naturalidade” com que aceitamos esse pensamento têm raízes na formação da História como disciplina acadêmica, que era dominada por pessoas do sexo masculino. Mas onde estavam as mulheres nesse período?

Não será necessário fazermos uma narrativa cronológica absurdamente grande para entendermos o quanto demorou para que a mulher fosse minimamente respeitada dentro da produção historiográfica. No longo caminho percorrido das amadoras até a história das mulheres e de gênero, a produção histórica da mulher era caracterizada como inferior, uma “má história”³⁹. A história feita por homens era

34 SCOTT, 2008, p. 20.

35 Ibidem.

36 Ibidem.

37 SMITH, 1998, p. 13.

38 Ibidem, p. 16.

39 SMITH, 1998, p. 18.

profissional, sem a influência da sensualidade e de termos da moda, a mulher priorizava o sensual ao invés do racional, tornando-se incapaz de raciocínios mais profundos para analisar a história. Esse pensamento explica-se da seguinte forma: quando a ciência histórica se profissionalizou, foi concomitante com a formação dos estados-nação, os quais subsidiaram muitos historiadores e suas pesquisas, enquanto as mulheres levavam sobretudo uma vida doméstica. Além do mais, nesse período, a mulher ainda não tinha conquistado uma série de direitos, e a noção de cidadania pertencia ao gênero masculino⁴⁰.

E quem eram as amadoras? E por que eram chamadas assim? Amadoras eram aquelas primeiras escritoras que se aventuraram por produzir uma narrativa histórica, seus temas eram geralmente histórias de rainhas e acontecimentos da corte, suas obras foram produzidas em sua maioria no século XIX. Mas mesmo depois da profissionalização da história, historiadoras continuaram por muito tempo ainda sendo chamada de amadoras, pois não tinham filiações acadêmicas, mesmo aquelas que estavam trabalhando com a disciplina, ainda eram vistas como reféns do feminino. E aqui vale ressaltar o significado de feminino e o que ele representava nos circuitos literários e acadêmicos. Feminino era quase um sinônimo de fraco, a antítese da fortaleza de costumes e psicológica, uma característica pejorativa para algo que fosse vulnerável e suscetível às tentações mundanas: *“As opiniões eram realmente ambíguas com relação ao que as mulheres realmente representavam quando tratava-se de empreender um trabalho literário”*⁴¹. Segundo Smith, *“Antes de 1850, a história não tinha ainda claramente um gênero, nem as mulheres intelectuais situavam-se de maneira plena como parte do universo feminino. Como mulheres, elas estavam além do círculo de cidadania; como intelectuais, contudo, elas próprias excluía-se ou afastavam-se das definições de feminilidade”*⁴², justamente porque feminilidade era visto como algo inferior e de pouco valor.

A luta feminista resgatou, ou melhor, ressignificou o valor da feminilidade, com as primeiras lutas por melhores condições de trabalho e direitos civis, as mulheres empoderaram-se de um orgulho de gênero, Joan Scott explica como a conexão entre história das mulheres e política é indissociável. Como vimos anteriormente, a história era escrita de homens para homens, ou seja, a valorização de “feitos” masculinos e

40 Ibidem, p. 16-17.

41 Ibidem, p. 114.

42 SMITH, 1998, p. 115.

de heróis, durante os movimentos da década de 1960, as mulheres começaram a reivindicar heroínas, narrativas sobre a participação das mulheres na escrita da história e reivindicar o papel de sujeito histórico para elas, e foi nesse caminho que o campo da história das mulheres começou a ser construído.

Na década de 1970, segundo Scott, a história das mulheres se afasta da política, e passa a avançar em direção às discussões de caráter sistemático, o aumento de trabalhos dentro do campo de história das mulheres foi provocando discussões e percepções de que seriam necessárias novas ferramentas de análise que dessem conta das várias nuances que apareceram com as recentes pesquisas, foi com essa trajetória que a história das mulheres, na década de 1980, afastou-se da política e se ligou ao gênero⁴³, “*A emergência da história das mulheres como um campo de estudo envolve, nesta interpretação, uma evolução do feminismo para as mulheres e daí para o gênero; ou seja, da política para história especializada e daí para a análise*”⁴⁴.

Quando nos propusemos a trabalhar com a história das mulheres, percebemos que nossas fontes pontuavam questões envolvendo gênero, a começar pelas fontes usadas, das dezesseis, apenas uma (daí a importância do *Itinerarium*) foi escrita por uma mulher. As outras quinze, como veremos adiante, foram escritas por homens. Nove descreviam relatos das ações de peregrinas e mártires, a de Ambrósio de Milão, sobre a virgindade, já estabelecia o caráter normativo para as mulheres, a vida de Virgem Maria. Percebemos, portanto que o cristianismo tardoantigo possibilitou a liberdade de mobilidade feminina, o deslocamento e a participação na divulgação de evangelho, mas não possibilitou que escrevessem sobre si ou sobre os dogmas, a questão foi abordada pela autora Mélanie Wolfram, em um artigo sobre a mulher cristã nas fontes tardoantigas, em que ela questiona a história dessas mulheres por ser, em sua maioria escrita por homens, e que pode ser mais uma representação escrita e analisada sob o viés masculino, do que verdadeiramente o que foi a atuação real delas⁴⁵.

Quando examinamos as cartas das matronas romanas, como Paula e Marcela para Jerônimo de Strídon, percebemos que, no seu relato, existe a voz masculina (de Jerônimo) que transcreve o conteúdo das cartas de suas discípulas,

43 SCOTT, 1992, p. 64.

44 Ibidem, p. 65.

45 WOLFRAM apud SENKO; VALENTE, 2016, p.105.

elas falam através da voz dele. Nesse sentido, embora a mulher tivesse alcançado uma liberdade maior com o advento do cristianismo, ela continuava em subordinação ao homem, sua voz não era ouvida diretamente, ela era passada por um “filtro” masculino.

No nosso trabalho, mostramos duas exceções, mas uma delas foi devidamente calada, já que seus escritos, estudos, trabalhos e cartas foram destruídos: Hipátia sofreu uma *Damnatio Memoriae*, pena prescrita no Direito Romano, pela qual o condenado sofria algo como um apagamento de lembranças, nada que a posteridade pudesse lembrar do indivíduo imputado. A partir da trágica morte de Hipátia, tudo que relação a ela desapareceu. Historiadores têm dificuldade em estudá-la, porque não há fontes diretas, ou seja, resquícios de seus trabalhos, pesquisas e pensamentos, apenas algumas cartas de seu discípulo, o bispo Sinésio de Cirene, endereçadas a ela que sobreviveram. Foi através delas que conseguimos saber sobre alguns de seus feitos.

Já a peregrina Egéria é a exceção que se perpetuou, possivelmente, por ser cristã, ou por ser uma aristocrata de um círculo muito influente. Sua originalidade é inegável, uma voz feminina falando para outras vozes femininas. O texto de Egéria nos sugere uma liberdade que só mulheres pertencentes aos círculos aristocráticos e imperial, conseguiram. Com exceções das mártires e eremitas nascidas na região da Judeia e do Egito, as que se deslocaram para essas regiões eram pertencentes às esferas mais altas da sociedade romana. Percebemos que classe social e dinheiro também foram preponderantes na mobilidade das peregrinas cristãs.

Um caráter de subordinação está presente quando lemos as cartas de Jerônimo de Strídon às suas discípulas Paula e Marcela, há um tom deveras recriminatório, inclusive no luto de Paula pela filha. E como seus preceitos ascéticos eram seguidos por elas. Percebemos também as relações de poder que se configuravam entre ele e Marcela, a dona da casa onde essas discípulas viviam. Marcela parece discordar de Jerônimo, tanto que quando Paula e Eustáquia partem em peregrinação à Terra Santa, Marcela escolhe ficar em sua casa em Roma.

A historiografia demorou para soltar a voz dessas mulheres tardoantigas, consideradas de baixa importância, elas passaram a ser regatadas com a luta feminista por direitos iguais, dentro desses direitos, encontravam-se a valorização da mulher dentro da escrita histórica e o resgate dela como um sujeito histórico.

Portanto, feminismo e história das mulheres não pode ser separada, Scott vai mais além: “*En lugar de existir una separación entre la política feminista y los estudios académicos sobre el género, ambos forman parte del mismo proyecto político que consiste en el intento colectivo de enfrentarse a la actual distribución del poder y cambiarla*”⁴⁶. A história das mulheres não é uma categoria desprovida de politização, ela não pode ser apenas relatada linearmente sem levar em consideração “a posição variável das mulheres na história, o movimento feminista e a disciplina da história”⁴⁷.

A posição das mulheres no mundo acadêmico deve ser levada em consideração para esse estudo, já que trabalhamos com história das mulheres e análise de gênero. Como foi a construção da posição feminina como historiadora, pesquisadora e professora. Tivemos que abordar a história das mulheres dentro da academia para entender a formação de um campo específico para o estudo delas, e por que o feminismo e o gênero não podem se dissociar dessa construção.

A historiadora Michelle Perrot diz que “*Escrever a História das mulheres é sair do silêncio em que estavam confinadas*”⁴⁸, o silêncio feminino se demonstra nas fontes, muitas não tiveram acesso à educação, seus pais não autorizavam ou não tinham dinheiro para o investimento em tutores, eram poucas as mulheres que durante o Império romano aprenderam grego, latim e filosofia.

Essa invisibilidade feminina não quer dizer que não houve mulheres que ultrapassaram a barreira do mundo doméstico e tornaram-se senhoras do próprio destino, mas essas também caíam na barreira daquilo que ficou entendido com escritos de menor valor.

Por que de menor valor? Simplesmente pelo fato de que muitos escritos diziam respeito ao universo no qual elas viviam: casamento, filhos, exclusão, falta de direitos, importantes relatos sociais que se perderam pelo fato de serem uma História privada, e não uma História do universo público, de grandes batalhas.

A historiadora de gênero⁴⁹, a estadunidense Bonnie Smith, abre seu livro sobre gênero e história, com uma citação do *Annales*⁵⁰ de Lucien Febvre que diz “*Não sou*

46 SCOTT, 2008, p. 24.

47 SCOTT, 1992, p. 65.

48 PERROT, 2017, p. 16.

49 Analisa a história a partir da perspectiva de gênero. A construção de uma História das Mulheres, na terceira geração dos *Annales*, possibilitou essa outra modalidade de estudo.

50 Movimento que revolucionou a historiografia no século XX, que girou em torno da revista *Annales d'histoire économique et sociale*, fundada em 1929 pelos historiadores franceses Marc Bloch e Lucien Febvre.

*sectário... Por quê? Porque na história nada vejo senão história*⁵¹, claro que havia aí uma nova concepção em estudar a história que possibilitará o advento da História das Mulheres anos depois.

Febvre fez parte do que chamamos de primeira geração dos *Annales*, que propunha uma alternativa ao modo de se trabalhar a história, uma substituição da simples narrativa dos fatos, como a história era trabalhada até então, para uma problematização do tema, uma abertura maior para o historiador se aventurar fora da história política e a aproximação como outras ciências, como a antropologia, sociologia, psicologia, economia, geografia, linguística, etc.

A segunda geração assume a liderança da revista no pós-guerra⁵² e se aproximou dos conceitos estruturais⁵³ e conjunturais⁵⁴, esquemas como estruturalismo e o marxismo abrangem em grande quantidade as obras produzidas nesse período, que é o da história de longa duração, em que o historiador francês Fernand Braudel dominou a revista.

A primeira e a segunda geração afastaram-se do sujeito e da narrativa, e será somente após os acontecimentos de maio de 1968 que a terceira geração passará a colocar em dúvida esses métodos de longa duração e centrados em uma análise econômica e demográfica da história, para ressuscitarem o sujeito. Foi o período da História das mentalidades, dos excluídos e dos sentidos, foi então que a História passou a “perceber” as mulheres.

Quando desviou o olhar para os espaços privados, auxiliada pela antropologia, a História redescobre a família, nos espaços públicos predominava o ambiente masculino, poucas foram as mulheres que quebraram a barreira entre o público e o privado e participaram de eventos históricos que as colocassem nas penas dos primeiros historiadores, gregos e romanos.

Michelle Perrot divide em três os fatores que impulsionaram o surgimento da história das mulheres: o científico, o sociológico e o político, coincidentemente, todos

51 SMITH, 2003, p. 13.

52 Marc Bloch, judeu e membro da Resistência Francesa durante a II Grande Guerra, foi preso e fuzilado em julho de 1944 pela Gestapo.

53 Pierre Chaunu, historiador francês, foi quem melhor definiu o termo e, possivelmente, quem o introduziu no período da segunda geração dos *Annales*, segundo ele, estrutura é “tudo que numa sociedade, ou numa economia, tem uma duração suficientemente longa em sua modificação para escapar ao observador comum” (CHAUNU, 1959, p. 1-12).

54 O historiador francês Fernand Braudel trouxe da economia para a história o conceito de conjuntura, que ele entendeu como “uma conexão entre fenômenos diversos, mas simultâneos” (BURKE, 2010, p. 145).

se situam temporalmente a partir da segunda metade do século XX, é uma conjunção de mudança nos paradigmas das ciências sociais, Maio de 1968 e a ascensão feminina a vários postos de trabalho.

A crise das grandes estruturas de análise, que viam a sociedade como um todo, como o marxismo e o estruturalismo, provocou uma aproximação entre a História e a Antropologia, a redescoberta do sujeito coloca a mulher como protagonista da História de várias formas, é o que descobriu o historiador francês Georges Duby, um dos grandes responsáveis pelo nascimento da História das Mulheres, interessado em pesquisar o casamento no Medievo durante o século XII, Duby se depara com personagens femininos e muitas protagonistas de seu próprio mundo.

O interesse de Duby pelas mulheres vai de encontro à transformação promovida pela chamada terceira geração dos *Annales*, encabeçada por André Burguière e Jacques Revel, que entraram em 1969, na parte administrativa da revista, e acabaram por promover o estudo de temas mais específicos e detalhistas na História – infância, corpo, casamento, mulheres, medo e morte são alguns dos temas aos quais as grandes estruturas não se prendiam para analisar a sociedade como um todo.

O resgate da mulher de dentro dos anais históricos também foi possível, pois elas estavam ocupando, após o final da II Grande Guerra, praticamente todos os campos de trabalho, com isso, as historiadoras, antropólogas e sociólogas estavam dividindo as discussões epistemológicas com colegas do sexo masculino.

A terceira geração dos *Annales* foi a primeira a aceitar mulheres no seu quadro, além de Michelle Perrot, Christiane Klapisch, Arlette Farge e Mona Ozouf integraram a revista a partir de 1974⁵⁵. Movimento que vem junto com reivindicações feministas e discussões de gênero, como no caso de Bonnie Smith.

A partir daí, ficou a indagação de Duby: “Mas as mulheres, o que se sabe sobre elas?”⁵⁶. Como fazer uma História das mulheres? Essas perguntas não são em vão, há uma escassez de fontes sobre elas, e o problema não se resume a alguns períodos pequenos, foram séculos de invisibilidade, de arquivos e fontes destruídos, e relatos dispensados por serem de menor valor, pois eram escritos de mulheres.

55 BURKE, 2010, p. 90.

56 PERROT, 2017, p. 20.

Muitas tiveram sua produção apagada, como é o caso de Hipátia, a astrônoma, filósofa e matemática alexandrina, morta acusada de feitiçaria no início do século V, nada, nem suas cartas aos seus discípulos, nem seus trabalhos, nada foi preservado, tudo foi destruído para apagar sua existência da História. Bonnie Smith adverte “*que o desenvolvimento da moderna metodologia científica, da epistemologia, da prática profissional e da literatura tem estado intimamente ligado a definições evolutivas de masculinidade e feminilidade*”⁵⁷.

Estranhamente, há uma série de discursos sobre mulheres feitos por homens, e não pelas protagonistas, era desprezada a escrita da mulher sobre ela mesma, mas o homem escrever sob o ponto de vista deles acerca do que pensavam ou sentiam as mulheres era aceitável. No decorrer de vários períodos históricos, o pensamento foi marcado pelo gênero, privilegiando os homens como intelectos e sexualizando as mulheres⁵⁸.

Para Louise Tilly, a utilização do conceito de gênero auxilia uma análise mais acurada do papel das mulheres, já que “as distinções dicotômicas exageram as diferenças, minimizam as características comuns, definem e estabelecem hierarquias”⁵⁹.

A história das mulheres desenvolveu-se através da história social, que, ao estudar a sociedade, possibilitou o aparecimento de vozes até então inaudíveis, grupos sociais excluídos, dos quais as mulheres faziam parte.

Analisando os discurso masculinos, percebemos como se fortaleceu a concepção da superioridade de gêneros, Perrot afirma que “*das mulheres muito se fala, sem parar, de maneira obsessiva. Para dizer o que elas são ou o que elas deveriam fazer*”⁶⁰, ela cita Aristóteles, Paulo, Tomás de Aquino e Rousseau como exemplos que influenciaram o pensamento ocidental acerca da mulher e do seu papel na sociedade.

Aristóteles (384 a.C.- 322 a.C.) filósofo grego do período clássico, reforça a incapacitação política e ética da mulher⁶¹, enxergando-a como um ser inacabado. Ao discorrer sobre a concepção, ele coloca a mulher como o ser que acolhe e gera a semente masculina, o esperma, e esse líquido é o que carrega a alma do indivíduo a

57 SMITH, 2003, p. 13.

58 Ibidem, p. 20-21.

59 TILLY, 1994, p. 43.

60 PERROT, 2017, p. 22.

61 LOPES, 2010, p. 81.

ser gerado, a mulher é apenas o seu receptáculo: *“A fêmea é como um macho mutilado, pois o que lhe falta é o princípio da alma, que é trazido sempre pelo macho. As sementes são portadoras de alma, mas na fêmea esta alma está em potência (a alma nutritiva, responsável pelo crescimento), e é ativada pelo princípio motor externo: o esperma masculino ativa a alma. No esperma há o que torna as sementes fecundas, o calor, que não é o fogo, mas o pneuma (ar quente e água), cuja natureza é análoga ao elemento astral (éter) armazenado no esperma. A matéria do líquido seminal é o veículo do princípio psíquico (alma), sendo que o intelecto é a única porção que é independente da matéria”*.⁶² Para Aristóteles, a mulher é naturalmente inferior ao homem, destinada a ser subordinada a esse, porque necessita ser governada, é de sua natureza e, portanto, a desigualdade entre ambos sempre existirá. *“Na Política, Aristóteles afirma que a relação entre homem e mulher consiste no fato de que, por natureza, um é superior, a outra, inferior, um governante, outra governada, conseqüentemente, a relação entre homem e mulher é de permanente desigualdade”*⁶³.

O pensamento grego é uma base poderosa na naturalização do poder dos homens sobre as mulheres na cultura ocidental.

Na construção da República descrita por Aristóteles em sua obra *A Política*, a família aparece assim constituída: *“O senhor e o escravo, o marido e a mulher, o pai e os filhos”*⁶⁴ [...] *Em todas as espécies, o macho é evidentemente superior à fêmea: a espécie humana não é exceção*”.⁶⁵

No trecho acima, Aristóteles segue dizendo que o escravo é inteiramente desprovido da faculdade de deliberar. Já a mulher possui capacidade de decidir, mas de forma débil e ineficaz

“Na ordem natural [...] o macho está acima da fêmea, e o mais velho está acima do mais jovem. Na ordem política, todos os homens livres são considerados iguais por natureza e todas as diferenças se eclipsam. [...] Quanto ao sexo, a diferença é indelével: qualquer que seja a idade da mulher, o homem deve conservar sua superioridade”.

62 LOPES, 2010, p. 92

63 LOPES, 2010, p. 93.

64 ARISTÓTELES, 1991, p. 11.

65 Ibid, p. 13.

Quanto aos poderes na família, diz Aristóteles: “*Quanto ao sexo, a diferença é indelével: qualquer que seja a idade da mulher, o homem deve conservar sua superioridade*”.⁶⁶

“*A força de um homem consiste em se impor, a de uma mulher, em vencer a dificuldade de obedecer*”⁶⁷.

Ou seja, às mulheres cabe a submissão aos homens, porque são eles os provedores das necessidades materiais do lar. As mulheres pertencem naturalmente à esfera privada, entendida como espaço pré-político, um espaço vital sem o qual os homens não podem se suprir e se preparar para atuar na esfera pública, como cidadãos livres que são.

Na página 53, Aristóteles faz uma crítica ao despotismo cego, isto é, fora da norma pública: “Para que seus procedimentos fossem toleráveis, era preciso pelo menos que eles tivessem sobre nós o mesmo poder que tem o marido sobre a mulher, o pai sobre o filho e o senhor sobre o escravo [...] A desigualdade entre iguais e as distinções entre semelhantes são contra a natureza e, por conseguinte, contra a honestidade”.

Hannah Arendt também fala sobre a necessidade que o homem grego possui do espaço privado como condição *sine qua non* para a esfera pública: “O que distinguia a esfera familiar era que nela os homens viviam juntos por serem compelidos por suas necessidades e carências [...]. A esfera da pólis, ao contrário, era a esfera da liberdade e, se havia uma relação entre essas duas esferas, era que a vitória sobre as necessidades da família constituía a condição natural para a liberdade na pólis”.⁶⁸

Tomás de Aquino (1224/25-1274) nasceu no seio de uma família aristocrática, em Roccasecca (reino de Nápoles). O século XIII foi o período do surgimento das primeiras universidades e da introdução do pensamento de Aristóteles no ocidente, embora proibido, ele não deixará de influenciar os filósofos e teólogos da época, como Tomás de Aquino, que, já ordenado dominicano e lecionando na Universidade de Paris, começa a produção das suas obras, influenciada por autores pagãos, cristãos e muçulmanos⁶⁹. A Universidade de Paris, então “capital da

66 ARISTÓTELES, 1991, p. 29.

67 Ibid, p. 31.

68 ARENDT, 1989, p. 40.

69 AQUINO, 2013, p. 21-22.

Cristandade”, considerava-se mesmo herdeira da famosa Academia de Atenas. Na época de Tomás, era ela que dominava “o panorama intelectual do Ocidente”.⁷⁰

Tomás, ao comentar a natureza das coisas, reafirma o pensamento de Aristóteles acerca do passivo e ativo ao falar da concepção. Ativo é o homem, pois ele apresenta o sêmen, a matéria, a mulher é passiva, a matéria precisa da mulher para se desenvolver, mas a matéria, que carrega a alma, não vem da mulher. Para Tomás, a mulher não pode jamais se impor ao homem, ela, assim como o escravo, apresenta um caráter natural de subordinação *“Era conveniente que a mulher fosse formada a partir da costela do homem. Primeiro, para indicar que, entre o homem e a mulher, deve haver um vínculo de amor. Por outro lado, a mulher ‘não deve dominar sobre o homem’ [1Tm 2,12] e, por isso, não foi formada a partir da cabeça. Tampouco deve ser desprezada pelo homem como uma escrava; por isso, ela não foi formada a partir dos pés. Segundo, por uma razão mística: pois, do lado de Cristo dormente na cruz, deviam surgir os sacramentos, isto é, o sangue e a água, com os quais se edificaria a Igreja (S. Th. q92 a3 co)”*.⁷¹ Entendemos que, para Tomás, a mulher está um grau abaixo do escravo, justamente devido ao caráter de sua subordinação, enquanto a do escravo é reversível, devido a um contrato, ou dívida, a subordinação da mulher é irreversível pois é da natureza da mulher, e não pode ser modificada.⁷²

Tomás de Aquino escreve que o homem e a mulher foram feitos por Deus, concordando com Agostinho, mas Deus gosta mais do Homem, mesmo assim a mulher é da primeira “produção” de Deus, a Mulher tem importância, mas é menos que o Homem, já que esse tem mais razão que a Mulher, ela é um ser passivo, enquanto que o Homem é o ativo, a força geradora, o agente, a Mulher o complementa, mas em segundo plano, pois quem carrega a força da criação é o Homem. Essa desigualdade é salutar, segundo Tomás de Aquino, pois estabelece a função das coisas, e a função da mulher é apoiar o Homem e fazer “coisas de mulher”, que estão no âmbito privado, a esfera pública é para o Homem *“– Era necessário que a mulher fosse feita para adjutório do homem. Não, certo, adjutório para qualquer outra obra, como alguns disseram; pois, nisso o homem pode ser ajudado, mais convenientemente, por outro homem, do que pela mulher; mas para o adjutório da*

70 Ibid, p. 23.

71 Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/593990-quaestio-de-mulierum-similitudine-tomas-de-aquino-a-mulher-e-o-escravo-artigo-de-andrea-grillo>>. Acesso em: 24 ago 2021.

72 Ibidem.

geração. O que se pode compreender mais manifestamente, se se considerar o modo da geração, nos seres vivos. – Assim, certos têm conjuntamente 1) virtude da geração ativa e passiva, como acontece com as plantas, geradas da semente; pois não há nelas nenhuma operação vital mais nobre que a geração e, por isso, a todo tempo e convenientemente, nelas, a virtude geratriz ativa vai junta com a passiva. – Porém os animais perfeitos têm a virtude geratriz ativa, no sexo masculino, e a passiva, no feminino. E como eles são capazes de alguma operação vital mais nobre que a geração, para cuja operação a vida se lhes ordena principalmente, por isso, o sexo masculino não se une com o feminino a todo o tempo, mas só no do coito. E assim podemos pensar que, pelo coito, constituem um só ser o macho e a fêmea, como na planta, a todo tempo, conjugam-se as virtudes masculina e feminina, embora em umas abunde mais uma dessas virtudes, e, noutras, a outra. – Ora, o homem se ordena a uma operação vital mais nobre, que é o inteligir. E por isso nele, com maior razão, devia haver a distinção entre uma e outra virtude, de modo que a fêmea fosse produzida separadamente do macho; e, contudo, ambos se unissem, carnalmente, para a obra da geração. Por onde, logo depois da formação da mulher, diz a Escritura: Serão dois numa só carne”.⁷³

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), filósofo iluminista do século XVIII, tinha claro que o papel da mulher era servir ao homem e, portanto, seu lugar era dentro da esfera privada. Na obra *O discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, ele escreve que a mulher diferenciou-se desde muito cedo dos homens, em comunidades primitivas, elas tornaram-se sedentárias, aguardando o homem na cabana “[...] se estabeleceu a primeira diferença na maneira de viver dos dois sexos. As mulheres tornaram-se mais sedentárias e se acostumaram a guardar a cabana e os filhos, enquanto o homem ia procurar a subsistência comum”.⁷⁴ Mas a obra em que ele consolidou essa diferença de gênero foi *Emílio ou da Educação*, a referida obra, publicada em 1762, é uma proposta de educação da criança até a fase adulta, nela Rousseau aproveita para diferenciar o mundo masculino do feminino. Dividido por dois personagens, Emílio e Sofia, o livro vai estabelecendo o lugar de cada um na sociedade através das suas aptidões, homens são vistos como mais capacitados e, portanto, seu lugar seria o da esfera pública,

73 S.Th. I, q. 92, a. 1, co.

74 ROUSSEAU, 2005, p. 64.

enquanto o pensamento limitado feminino as coloca na esfera privada com a função de apoiar e servir o homem, nessa obra, ele *“desenvolve um elaborado e requintado discurso sobre a inferioridade feminina, que, permeado de palavras bonitas e românticas, consolida a teoria de exclusão das mulheres do espaço político”*⁷⁵. As aptidões de Sofia estão ligadas ao lar, à costura, à comida, à arrumação da casa, são para ela lugares de conforto em que ela se ocupa com funções de mulher: *“O que Sofia sabe mais a fundo, e que lhe fizeram aprender com mais cuidado, são os trabalhos de seu sexo, mesmo aqueles de que não se lembram, como cortar e costurar seus vestidos. Não há trabalho de agulha que não saiba fazer e que não faça com prazer; mas o trabalho que prefere a qualquer outro é o de fazer renda, porque nenhum outro dá atitude mais agradável e em nenhum os dedos se exercitam com mais graça e ligeireza. Dedicou-se também a todas as tarefas do lar. Conhece a cozinha e a copa; sabe os preços dos mantimentos, conhece-lhes as qualidades; sabe muito bem fazer suas contas; serve de mordomo para sua mãe. Feita para ser um dia mãe de família ela própria, governando a casa paterna, aprende a governar a dela; é capaz de atender às funções dos criados e sempre o faz de bom grado”*.⁷⁶

Embora temporalmente distantes das nossas cristãs primitivas, essa exemplificação acerca do pensamento dos três autores acima (Aristóteles, Tomás de Aquino e Rousseau), torna-se necessária para entendermos a implicação que Michelle Perrot dá a eles de como seus pensamentos legitimaram a exclusão da mulher do espaço público.

1.4 O PAPEL DA MULHER EM PAULO DE TARSO

Um outro personagem é de suma importância para entendermos como as mulheres ficaram excluídas de seu papel como sujeitos da história: Paulo de Tarso, Apóstolo Paulo ou São Paulo (5 d.C.-67 d.C.)⁷⁷ foi o apóstolo que mais influenciou o pensamento de Ambrósio de Milão, Agostinho de Hipona e Jerônimo de Strídon, considerados os Grandes Pais da Igreja. Paulo era um judeu do norte da Galiléia,

75 SOUZA, 2005, p. 50.

76 ROUSSEAU, 1992, p. 473. In: SOUZA, 2005, p. 150.

77 Paulo nasceu em Tarso, cidade próspera da Ásia Menor, em uma família judaica que deu a ele o nome de Saulo, chegou a estudar em uma escola rabínica. Após a conversão, recebe o nome de Paulo. Conheceu Pedro e Thiago e, nas suas peregrinações, escrevia cartas e epístolas aos cidadãos das cidades que visitava.

estudou em uma escola rabínica, aprendeu a falar grego e aramaico e lia em hebraico as escrituras e a Septuaginta⁷⁸. Converteu-se ao cristianismo, tornando-se um ardoroso defensor e evangelizador⁷⁹.

A imagem da mulher em Paulo pode ser explicada de duas formas: pela influência grega, muito presente na cidade de Tarso, de onde ele era originário e que era considerada a “Atenas da Ásia Menor”⁸⁰, e também pela sua formação judaica. Tanto em uma cultura como em outra, o espaço feminino era o privado, e sua função era agradar e obedecer ao homem. Paulo condena a imoralidade e pratica o celibato: *“E aos solteiros e viúvos digo que seria bom se permanecessem no estado em que também eu vivo”*⁸¹, mas defende o casamento como forma de controle dos desejos, pois dentro da união entre homem e mulher ele é tolerado, *“Caso, porém, não se dominem que se casem, porque é melhor casar que viver abrasado”*⁸².

O casamento para Paulo é indissolúvel, em caso de separação, a mulher não deve se casar, ou se preferir, deve se reconciliar novamente com o marido, ao marido também é aconselhável não se separar da mulher. Em Coríntios, Paulo defende o mesmo comportamento moral para homens e mulheres, *“Quem não é casado cuida das coisas do Senhor, de como agradar ao Senhor, mas o que casou cuida das coisas do mundo, de como agradar à esposa, e assim está dividido. Também a mulher, tanto a viúva como a virgem, cuida das coisas do Senhor, para ser santa, assim no corpo como no espírito; a que se casou, porém se preocupa com as coisas do mundo, em como agradar ao marido”*⁸³. A equidade de comportamento na sociedade apresenta uma equidade entre homens e mulheres, mas isso não quer dizer que Paulo veja a mulher em um mesmo patamar que o homem, ele também “hierarquiza” a mulher, colocando-a em uma relação de inferioridade para com o homem, na 1 Carta aos Coríntios, Paulo escreve *“Quero entretanto que saibais ser Cristo o cabeça de todo o homem, e o homem a cabeça da mulher, e Deus o cabeça de Cristo”*.⁸⁴ Segundo Teresa Toldy, *“Está criada aquela que será a matriz da exclusão das mulheres. De*

78 Septuaginta é o Antigo Testamento hebraico, foi traduzida para o grego e adotada pelos cristãos. É anterior à Vulgata de Jerônimo.

79 As cartas paulinas são em número de catorze livros do Novo Testamento, são elas: I e II Tessalonicenses (50-51 d.C.); I e II Coríntios (55- 57 d.C.); Gálatas, Romanos, Filipenses, Colossenses, Efésios e Hebreus (60-62 d.C.); I e II Timóteo, Tito e Filêmon (64- 65 d.C.).

80 JOHNSON, 2001, p. 50.

81 Co 7:8.

82 Co 7:9.

83 Co 7: 22-24.

84 1Co 11:3.

facto, ela resulta de uma teologia que foi desenvolvendo progressivamente toda uma reflexão antropológica centrada na temática da imagem e semelhança com Deus e do pecado original. Esta contribuiu decisivamente para uma visão da mulher como ser inferior e como tentadora, à semelhança de Eva. Associada a uma biologia e estratificação social aristotélica, esta cosmovisão “empurrou” a maioria das mulheres para o domínio do privado, do lar, e para os papéis sociais relacionados com ele, universo único onde seria possível manter o seu espírito e o seu corpo “inferiores e pecaminosos” resguardados da perdição (para si e para os outros).⁸⁵

A duras penas, algumas mulheres conseguiram, de algum modo, se sobressaírem em meio à opressão da sociedade patriarcal, com a História das Mulheres, essas personagens ganharam voz e foram alçadas a sujeitos da história, a análise de gênero virá para auxiliar e esmiuçar como se davam as relações de poder entre homens e mulheres, e quais foram as ferramentas usadas para garantirem a submissão feminina. Neste trabalho, mostraremos como as mulheres ajudaram a solidificar e espalhar a fé cristã pelo Império, em meio ao patriarcalismo, essas mulheres abriram caminho dentro de uma religião que ainda estava se construindo

A virgindade e o celibato são defendidos por ele, o que influenciou muito as práticas ascéticas cristãs. No entanto, embora a moral judaico-cristã esteja presente para homens e mulheres, Paulo, na primeira Epístola a Timóteo, descreve a forma de se portar das mulheres em público, principalmente se estiverem em um culto, para tanto, deverão vestir-se decentemente, sem adornos, como joias, vestimentas caras e cabelos adornados⁸⁶, “*porém com boas obras (como é próprio às mulheres que professam ser piedosas)*,”⁸⁷ Aqui, Paulo condena as vestimentas das matronas romanas, sempre adornadas e que pecam com vaidade.

85 TOLDY, 2010, p. 173.

86 1 Tm 2:9

87 1 Tm 2:10

2. O SÉCULO IV NO IMPÉRIO ROMANO

“Os historiadores perseguem cotidianamente as afirmações sem provas, tanto nos exercícios dos estudantes, quanto nos artigos dos jornalistas. Independentemente do que possa ser dito, mais tarde, para evitar simplismos, existe aí uma base essencial para o ofício do historiador: toda a informação deverá ser comprovada, ou seja, a história só é possível respaldada em fatos”⁸⁸.

Ao dispendermos uma rápida olhada no ocidente do finalzinho do século III, já entrando o século IV, percebemos a diversidade de comportamentos, credos (inclusive interpretações diferentes de uma mesma crença, como os “diversos cristianismos”), a política romana passando para quatro governantes (um Império já em vias de divisão), tudo isso provocou discussões dentro da historiografia, a partir dos anos 1970 e 1980, que questionaram o antigo conceito de decadência do Império Romano a partir do século III d.C.

Historiadores como o inglês Peter Brown percebiam que era um período de transformações nas esferas sociais, políticas e culturais, e não uma sociedade decadente, muito pelo contrário, era uma sociedade em total movimentação e rica em várias frentes, situava-se entre a Antiguidade Clássica, de tradições helenísticas, e o Medievo.

O conceito não era novo, segundo o historiador brasileiro Renan Friguetto, “Trata-se, por certo, de um conceito histórico forjado pela historiografia alemã da primeira metade do século XX, a *Spätantike*, apresentado pelo arqueólogo Alois Riegl, em 1901, e que ganhou força com a realização dos estudos filológicos realizados por Johannes Straub, especialmente a partir de seus esforços em analisar a coleção de biografias presentes na *Historia Augusta* redigida no século IV”⁸⁹.

A percepção de Straub foi que, a partir do século III, existia uma tradição clássica e helenística, mas que se encontrava revigorada e reinterpretada⁹⁰. Anos mais tarde, historiadores como o italiano Arnaldo Momigliano e o francês Henri Irinnee Marrou, afirmaram que o período compreendido entre o século III e VIII era um período com características próprias, que apresentava elementos da tradição clássica, mas misturados com culturas oriundas de outros lugares.

88 PROST, 2008, p. 56.

89 FRIGHETTO, 2012, p. 20.

90 Ibidem.

Esse caldeirão de elementos culturais deu forma a um período histórico único, a Antiguidade Tardia, que se subdivide ainda entre Império Romano Tardio, entre o século III e V (onde está localizado temporalmente nosso trabalho), lembrando que não há uma data específica para início ou final de um período, e as Monarquias Romano-Bárbaras, que, a partir do século V até o VIII, se formarão pelo Ocidente europeu⁹¹.

Portanto, o alvorecer do século IV no Império Romano mostra uma sociedade em plena transformação. Até então, o Império Romano apresentava uma uniformidade capitaneada pela grande influência da cultura helenística. A aristocracia sentia-se à vontade em conversar com seus iguais, pois seu grupo falava uma mesma língua e obedecia aos mesmos costumes e tradições.

Mas essa segurança começaria a ser abalada em diversas frentes: no ano 200 d.C., o Império Romano tinha alcançado uma extensão perigosamente ampla, o que logo geraria uma cisão no poder imperial, além da entrada no Império de povos fronteiriços ao *limes*⁹².

O Império já não conseguia controlar o modelo de comunidade, que fora construído para dar conta de regiões pequenas, com o território romano, chegando até regiões muito afastadas de Roma, o modelo tradicional de cidadão romano foi ficando cada vez mais inviável⁹³

As modificações começaram aos poucos, conforme ficava cada vez mais difícil defender uma fronteira tão extensas, grupos bárbaros começaram a migrar para dentro do Império, pelos locais mais vulneráveis, não necessariamente essas “invasões” caracterizavam uma horda bárbara destruidora, muitas vezes eram grupos pequenos que já estabeleceram algum grau de relação com os romanos.

Segundo Peter Brown, “*esses bárbaros faziam uma pressão silenciosa e persistente sobre a cultura do Império Romano*”⁹⁴, e mais, eles eram tolerados pelos romanos, com a condição que adotassem os costumes do Império, inclusive as línguas vigentes, o latim e o grego.

Como ofereciam a opção de fazerem parte de algum modo do mundo romano, aqueles que recusavam, como os judeus e, posteriormente, os cristãos, eram odiados

91 Ibidem, p. 21.

92 *Limes* são as delimitações fronteiriças do Império Romano, muros, fortalezas e paliçadas poderiam ser encontradas nessas regiões de fronteira.

93 FRIGHETTO, 2012, p.30.

94 BROWN, 1972, p. 16.

e tratados como inimigos do Império. No caso, os cristãos passaram a ser tratados de forma mais violenta.

Há uma explicação para isso: não só os cristãos desprezavam a religião e os costumes romanos como eles colocaram em dúvida o poder sagrado do Imperador, quando diziam que Jesus era filho do rei e representante dele na terra, eles colocavam a santidade imperial como inexistente, houve um só rei, que foi Jesus e um só Deus, sendo assim, desqualificavam o panteão romano e seus imperadores.

Os cristãos foram, pouco a pouco, provocando e influenciando a sociedade romana clássica, eles veneravam um pastor da Judeia que foi considerado o filho de Deus, um profeta, que realizava milagres e pregava um reino de Deus único, desafiando o culto aos imperadores romanos.

Geralmente, cada cidade tinha o seu deus de devoção, o que não queria dizer que os indivíduos devessem cultuar o deus local⁹⁵, havia uma movimentação para visita de templos e locais sagrados em outras localidades. Os fiéis tinham liberdade para praticar sua fé, pois o paganismo não era dotado de uma liturgia, não havia salvação ou além, nesse sentido, a solenidade de devoção estava mais ligada ao prazer⁹⁶.

O ato principal era um sacrifício, que culminava no cozimento e no consumo do animal sacrificado, Paul Veyne explica que nos textos gregos e nos latinos a palavra sacrifício tem um significado de festim⁹⁷.

Os romanos não se importavam com a imortalidade da alma, a maioria acreditava na morte como um sonho eterno⁹⁸. Embora não houvesse a preocupação dogmática com relação a um encaminhamento e preparação da alma, e essa não tivesse a importância dada pelos judeus e depois pelos cristãos, muitos romanos celebravam seus mortos, levando oferendas a seus túmulos, prática que acabou sendo adaptada pelos cristãos quando das festas dos martírios nas tumbas dos mártires.

O cristianismo, primeiramente restrito as regiões da Judeia, rapidamente foi se difundindo para outros lugares do Império, missionários cristãos se encarregavam de levar a palavra para regiões mais distantes.

95 VEYNE, 2010, p. 202.

96 Ibidem, p.189.

97 Ibidem, p. 191.

98 Ibidem, p 210

Cristãos e pagãos⁹⁹ tinham diferenças básicas que estavam diretamente relacionadas com suas origens, cristãos eram monoteístas como os judeus, que por sinal só se separaram definitivamente após o século I d.C., até então, o cristianismo era uma vertente judaica. Já o paganismo praticado no Império não tinha se diferenciado muitos da influência do panteão grego. Geralmente, cada cidade tinha o seu deus de devoção, o que não queria dizer que os indivíduos devessem cultuar o deus local ¹⁰⁰, havia uma movimentação para visita de templos e locais sagrados em outras localidades.

Os primeiros anos do cristianismo foram difíceis para os seguidores do Cristo, a situação desse grupo no Império sempre era incerta. Ora eram tolerados, ora perseguidos, e as perseguições acabavam com exílio, perda de bens ou morte de cristãos. As perseguições nem sempre foram promovidas por éditos governamentais, muitas vezes, principalmente antes das grandes perseguições de Valeriano e Diocleciano, elas eram fomentadas por religiões rivais, que promoviam a pilhagem e apedrejamentos de casas cristãs.

O governo de Valeriano não começou sendo antagonista dos cristãos, Eusébio de Cesareia, em sua *História Eclesiástica*, relata uma carta do bispo Dionísio de Alexandria (247-265) endereçada a um cidadão de nome Hermamon, em que fica registrado que, quando subiu ao poder, precisamente entre 253 e 257, para Eusébio, Valeriano

era favorável e benevolente para com os homens de Deus porque nenhum outro imperador, nem mesmo aqueles que se diz que foram abertamente cristãos, teve uma disposição tão favorável e acolhedora. No começo recebiamos com uma familiaridade e uma amizade manifestas, e toda sua casa estava cheia de homens piedosos e era uma igreja de Deus¹⁰¹.

Com o passar do tempo, Valeriano foi pressionado pelas elites locais para iniciar uma perseguição e eliminação de cristãos para o bem do Império, justificando que a negação cristã em não adorar o Imperador como deus poderia colocar em cheque o poder do mesmo, contribuindo para uma derrocada imperial.

99 Utilizaremos o termo pagão com referência a qualquer prática religiosa não judaica ou não cristã, como sinônimo de gentio, termo utilizado na bíblia para quem não era judeu, “*Esses doze enviou Jesus com estas recomendações: ‘Não tomeis o caminho dos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos. Dirigi-vos, antes as ovelhas perdidas da casa de Israel’*” (Mateus 10:5-6).

100 VEYNE, 2010, p. 202.

101 EUSEBIO DE Cesareia, X-1.

Eusébio de Cesareia, novamente através de uma carta de Dionísio de Alexandria, cita especificamente a figura de *Fulvius Macrianus*, “o mestre e chefe supremo dos magos no Egito” (EUSÉBIO, X-2), e um dos homens mais próximos de Valeriano, e que era um sinagogarca “*representante máximo de um grupo de pagãos dedicados à práticas mágicas*”.¹⁰²

Sendo assim, Valeriano decreta um Édito, em 258 d.C., ordenando a execução de todos os líderes cristãos que já estavam exilados, se se recusassem a fazer sacrifícios em honra aos deuses pagão, e os fiéis cristãos deveriam se reconverter ao paganismo, sendo condenados a perder seus bens e serem exilados no caso de não cumprirem a ordem¹⁰³.

Em 303, o então Imperador Romano Diocleciano (284-305) promoveu uma severa perseguição aos cristãos, provocando uma série de assassinatos e de martírio, segundo o historiador Diogo da Silva, em um artigo referente ao Imperador Diocleciano:

Contudo, ocorre uma mudança profunda nas relações entre o poder imperial e as comunidades cristãs que esteve relacionada às transformações políticas, econômicas, sociais, militares e culturais que ocorreram durante o século III. No panorama global das instabilidades deste século – em especial a fragilidade do poder imperial incapaz de lidar com as pressões dos povos germânicos, com os persas, e com os conflitos internos –, observamos a preocupação dos imperadores em manter uma unidade cultural normativa em torno das divindades tradicionais e do culto imperial.¹⁰⁴

Em 313, já com o Imperador Constantino (272-337), a liberdade de culto cristão é conseguida, através do Édito de Milão (313), que concedeu ao cristianismo um caráter lícito, assim como para outras religiões. Constantino pretendeu de uma vez por todas acabar com o estigma das perseguições de Diocleciano (245-316), para tanto, ele convoca os bispos cristãos para uma reunião em Niceia, cidade localizada perto de Constantinopla, para lá estabelecer finalmente os principais dogmas cristãos. Aí foi definida a crença na natureza sagrada e humana de Cristo.

A ascensão do cristianismo não se deu isoladamente das mudanças sociais que estavam ocorrendo dentro do Império Romano, sua expansão não se deu de modo gradual e tranquilo, começando com São Paulo e terminando com a conversão de Constantino em 312, o terceiro século foi impressionante e inesperado, de repente,

102 FRIGHETTO, 2019, p. 61.

103 GONÇALVES, 2019, p. 163.

104. Disponível em: <<http://www.revistajesushistorico.ifcs.ufrj.br/arquivos7/ARTIGO-DIOGO-DA-SILVA.pdf.p.40>>. Acesso em: 30 ago 2021.

a Igreja Cristã tornou-se uma força a ser reconhecida nas cidades mediterrâneas¹⁰⁵. Muitos pregadores cristãos se encarregaram de levar o evangelho para regiões do Império Romano onde o cristianismo não estava muito forte.

No período entre 260 e 302 d.C., a Igreja vivenciou um período de paz, que foi crucial para o desenvolvimento do cristianismo dentro do Império¹⁰⁶. Tanto que no ano 300, o cristianismo já tinha criado raízes em todas as grandes cidades mediterrâneas, Antioquia e Alexandria tinham as maiores Igrejas e os grupos religiosos mais bem organizados da cidade¹⁰⁷

Mas a trajetória da Igreja iria se deparar com uma reação pagã, com a ascensão do Imperador Juliano (361-363), ele representava a nobreza oprimida das antigas cidades gregas, homens menos importantes que observavam com crescente raiva as blasfêmias, a riqueza indecente, a profunda confusão intelectual da sociedade na corte de Constantino e Constâncio II¹⁰⁸, *“La muerte del emperador Constancio, en el año 361, y la subida de Juliano al poder imperial traerán como de la mano un cambio en la escena eclesiástica”*¹⁰⁹

Juliano restituiu cerimônias pagãs e incrementou o status dos sacerdotes pagãos, mostrando que os deuses existiam e, portanto, não poderiam deixar de existir. Seu governo foi mais austero no que se refere à vida na corte, segundo Peter Brown,

Ele lembrou às classes superiores de pontos de referência que haviam sumido devido à fluidez social do início do século IV: instou-os a lembrarem dos antigos status dos sacerdotes pagãos e das antigas tradições de responsabilidade social: os pobres¹¹⁰.

Na realidade, Juliano estava revoltoso com as classes mais altas gregas que haviam se comprometido com o cristianismo nos períodos de Constantino e Constâncio II. Juliano achava que os cristãos tinham abusado da herança grega, tinham usado da erudição, da filosofia para engrossar a literatura cristã e blasfemar contra os deuses pagãos. Para Juliano, se eles quisessem aprender literatura, eles deveriam usar os seus eruditos e a sua produção cristã, como Marcos e Lucas.

105 BROWN, 1976, p. 65.

106 BROWN, 1976, p. 68.

107 Ibid, p. 82.

108 Ibid, p. 91.

109 Disponível em: <www.archive.org/details/sanjeronimoepistolario1/page/m.21/mode/2p>. Acesso em 30 ago 2021.

110 BROWN, 1976, p. 92.

A visão de Juliano sobre o cristianismo era de uma praga que ia sombreando a cultura helenística, sugando sua herança e a matando para tomar seu lugar, Peter Brown aponta para o erro de Juliano em não enxergar que o cristianismo foi capaz de transmitir a cultura clássica de uma elite ao cidadão comum¹¹¹.

Ao contrário da análise pessimista de Juliano, o cristianismo adaptou-se perfeitamente à vida urbana em todo império e possibilitou uma abrangência maior na alfabetização de um número maior de pessoas. Os membros eclesiásticos não abandonaram o grego, como pensou Juliano, muito pelo contrário, mais flexível, o grego doutrinário dos bispos cristãos pode viajar mais rápido do que o grego clássico dos retores¹¹². Juliano morreu em 363, com 31 anos, durante uma expedição à Pérsia.

Com Juliano, morre a última tentativa de fazer frente ao crescimento do poder cristão dentro do Império, no final do século IV, o cristianismo não só era o credo predominante, como o único.¹¹³

Desde então o cristianismo só cresce. Com a penetração nos grandes círculos do poder romano, ele torna-se a religião oficial do império com o Édito de Tessalônica, em 24 de novembro de 380, assinado pelo então imperador Teodósio.

Diferentemente de Constantino, Teodósio inseriu o cristianismo de forma legislativa, um processo que colocou Igreja e política como parceiros na governabilidade do reino, “Os fins são comuns: a paz e a concórdia no império, com a difusão do Evangelho”.¹¹⁴

Política de paz e centralidade, assim está no Édito: “É nossa vontade que todos os povos governados pela administração de nossa clemência professem a religião que o divino Pedro, o Apóstolo, deu aos romanos [...] É evidente que esta é a religião que professam o Pontífice Dâmaso e Pedro, bispo de Alexandria, homem de santidade apostólica [...]”.¹¹⁵

Outros concílios foram realizados a partir do Concílio de Niceia, em 325, que estabeleceu os dogmas aceitos pela ortodoxia da Igreja, a partir daí, qualquer interpretação que se diferenciasse da niceísta seria considerada heresia e não seria aceita pelas autoridades eclesiásticas.

111 BROWN, 1976, p. 93.

112 Ibid., p. 944-95.

113 JOHNSON, 2011, p. 125.

114 GUERRAS, 1992, p. 156.

115 C. Th. XVI, 1.2; apud GUERRAS, 1992, p. 156.

Todas essas medidas, tomadas desde Constantino em 313, não garantiram as diversas interpretações que os Evangelhos terão, tanto a liturgia quanto os dogmas serão motivos de muitos debates retóricos e tribunais eclesiásticos.

Desde o início do seu mandato, Teodósio aumentou sua devoção cristã, proibindo toda a manifestação que incluísse algum tipo de ritual pagão, ainda praticado nas regiões rurais, chegando ao ponto de proibir os jogos Olímpicos de 393, pois eram feitos em homenagem a Zeus.

A radicalização de Teodósio possivelmente teve influência do bispo de Milão, Ambrósio que, a partir de um momento do governo do imperador, passa a ter uma enorme influência sobre ele.

Considerado um dos Padres da Igreja, Ambrósio era muito popular, seus pensamentos encontraram um outro grande expoente da Igreja, Agostinho de Hipona, convertido pelo bispo de Milão. Ambrósio se esmerava em fortalecer a fé cristã e radicalizar o cerco contra o paganismo.

Em 390, um acontecimento colocará Bispo e Imperador como antagonistas: Teodósio seria duramente criticado por Ambrósio com relação a sua responsabilidade pelo massacre de Tessalônica, ocorrido por represália pelo assassinato de um militar romano. Ambrósio estabelece uma penitência ao imperador, como expiação pela culpa pelo massacre, proibindo o imperador de entrar na sua Igreja e o excomungando. Durante oito meses, Teodósio “despiu-se de sua realeza”, oferecendo sua humildade diante de Deus.¹¹⁶

A Penitência de Milão coloca as duas instituições poderosas do período frente a frente, a Igreja em construção e o Império. Seria o momento em que o poder espiritual submete o temporal? Nesse momento, sim, *pois “pela primeira vez um imperador coloca sua condição de cristão acima de sua condição de soberano”*¹¹⁷.

Consideramos Constantino e Teodósio os imperadores mais importantes para o cristianismo, não é coincidência que ambos tenham governado durante o século IV, esse que foi um período de transição político e cultural.

Constantino, diferentemente de Teodósio, acabou apenas confessando sua fé no leito de morte, pode ter sido por estratégia política ou por ainda praticar rituais pagãos. Mesmo assim, seu legado abriu caminho para o fortalecimento e estruturação

116 Disponível em: <<https://www.newadvent.org/cathen/01383c.htm>>. Acesso em: 29/06/21.

117 CRUZ, 2013, p. 33.

do cristianismo, culminado com o governo do devoto Teodósio, que se comprometeu em combater o que restava de rituais pagãos.

3. OS ROMANOS NA PENÍNSULA IBÉRICA

Os romanos chegaram na Península Ibéria, chamada por eles de *Hispania*, durante a Segunda Guerra Púnica¹¹⁸, que se desenrolou de 218 a 201 a.C. e, com a vitória romana, o Império decidiu anexar esse território, mas não o conseguiu de modo pacífico, já que ali habitavam povos autóctones que retardaram a dominação romana em quase duzentos anos, só conseguida com o fim das Guerras Cantábricas¹¹⁹, quando os povos do norte peninsular acabaram derrotados, iniciando-se, assim, a fase de romanização mais aguda da Península.

Os romanos foram avançando em direção à Costa do Atlântico, a partir do Mediterrâneo, nesses primeiros assentamentos, alguns daqueles que ali desembarcavam, comerciantes e legionários, acabaram se miscigenando com os povos autóctones, os líderes locais foram admitidos na administração romana em altos cargos.

Após anos de romanização, a *Hispania* já estava perfeitamente inserida no Império Romano, o latim foi difundido, tornando-se a língua local, a construção de cidades pelos romanos, com arquitetura e divisões iguais a Roma, garantiam uma dominação identitária, na qual os hispalenses podiam sentir-se parte do Império, mesmo longe do seu centro.

A cidade de *Emerita Augusta* é um claro exemplo de como os romanos difundiam sua identidade para todos os rincões do território romano. Mérida (*Emerita Augusta*), capital da comunidade autónoma espanhola da Estremadura, localiza-se nas margens do rio Guadiana, a poucos quilômetros da fronteira com Portugal. Sua fundação remete ao século I a.C., entre os anos de 25 e 16, por um grupo de legionários romanos, oriundos das guerras Cantábricas, que, após a pacificação dessas regiões, teriam se estabelecido na região.

A fundação da colônia de *Emerita Augusta* foi autorizada pelo Imperador Augusto, com o objetivo de levar até essa província longínqua o esplendor da capital imperial. Mérida, então, foi projetada para ser um “Espelho de Roma”, para tanto, edificações majestosas foram construídas em similaridade às romanas.

118 Conflito entre a República Romana e a República de Cartago, Cidade-estado fenícia, dividida em três fases, que duraram de 218 a 146 antes da Era Comum.

119 Conflito envolvendo as províncias do norte da *Hispania*, Cantábria e Astúrias, e os romanos, os hispalenses não aceitavam a presença romana, o conflito durou de 29 a 19 antes da Era Comum, e terminou com a conquista romana dos últimos espaços de resistência peninsular.

O território hispânico passou por três reestruturações administrativas, inicialmente contava com duas províncias, entre 218-205 a.C., quando os cartagineses pereceram frente aos romanos e foram expulsos do território, *Hispania Citerior*, com sede em Tarracona, e *Hispania Ulterior*, com sede em Córdoba.

Em 27 a.C., o general Agripa a dividiu em três províncias, já com a totalidade da Península sob jugo romano, ficando assim: Bética, Lusitânia e Terraconense.

No período da Tetrarquia de Diocleciano, em 298, as três províncias foram subdivididas, dando origem às cinco províncias peninsulares: Bética, Galécia, Lusitânia, Cartaginense e Tarraconense. Segundo Huesma, "*Las nuevas provincias fueron agrupadas en una demarcación territorial de nueva creación denominada dioceses Hispaniarum, de forma similar como ocurrió en el resto del Imperio. En efecto, Diocleciano optó por crear una nueva figura administrativa cuyo objetivo era facilitar el gobierno provincial y procurar una mayor eficacia*"¹²⁰.

Galécia, província originária de Egéria, ia do Rio Douro ao Mar Cantábrico, a capital da província foi Braga, alçada a essa categoria pelo Imperador Caracala (188-217), que já teria tentado criar a Gallaecia anteriormente, em 216, e logo depois seria fundada a primeira diocese, durante o século II, e embora apresentasse vários bispos dentro do seu território, a província foi representada no Concílio de Elvira, (realizado entre 300 e 302), por Decêncio, bispo de León, que provavelmente formava uma diocese juntamente com Astorga, "*Do primitivo território diocesano, que era vastíssimo, pois ia de c. de Pontevedra ao Douro e do Atlântico ao rio Esla, foram-se desmembrando outras dioceses e localidades, no decorrer dos séculos*".¹²¹

O período da crise política do século III pareceu não afetar a *Hispania*, como nos relata o historiador espanhol Francisco Huesma, "*Los eventos políticos ocurridos en 284-286 en nada afectaron a Hispania, ajena por completo a las luchas por el poder, de las que solo podía ser testigo, no partícipe. Los provinciales y administradores del gobierno local debieron de aceptar sin mayores aspavientos los cambios en la cúpula del poder que, desde la óptica provincial, no parecían esencialmente distintos de otros ya ocurridos*"¹²².

A administração provincial durante o século III ficava a cargo dos governadores provinciais, que abarcavam também as funções de juiz de primeira

120 Huesma, 2007, p. 72.

121 COSTA, 1984, p. 130/131; In: Oliveira, 2014, p. 10.

122 Ibidem, p. 45.

instância, controle das finanças, responsáveis por obras públicas, vigilantes da vida civil, além de comandantes das tropas ali estabelecidas.¹²³

A concessão da cidadania romana, em 212, pelo Imperador Caracala, abarcava todos os estrangeiros domiciliados em território romano. Por esse Édito, os novos cidadãos poderiam escolher entre obedecer ao direito romano ou permanecerem sob as leis e costumes de sua origem. Huesma concorda com o historiador francês Jean Michel Carrié, que “*busca implicaciones que no se limiten solo al ejercicio de los derechos políticos o a la economía, sino que abarquen también aspectos políticos y también morales. Además, contribuyó de una forma fundamental a que se dieran las condiciones necesarias para la creación de un Imperio Cristiano en el siglo IV*”.¹²⁴

3.1 O CRISTIANISMO PENINSULAR

Sobre a origem do cristianismo peninsular, muitos historiadores desse período argumentam sobre uma única influência, ou a norte-africana, italiana ou a via oriental¹²⁵. A proposta de Sotomayor, citada por Maza, em que ele defende várias influências, nos parece a mais acertada, pois há fontes que nos indicam influências distintas, como a Epístola 67 de Cipriano de Cartago, sobre os bispos apóstatas da *Hispania*, Basilides e Marcial, que denota um conhecimento do que acontecia na igreja peninsular pelo bispo de Cartago¹²⁶. Existe também um mausoléu, encontrado na região de Múrcia, com características de uma martíria iugoslava, e outro em *Puebla Nova*, de características bizantinas, ambas datadas a partir da metade do século IV¹²⁷.

Os agentes difusores do cristianismo foram os legionários, já batizados e que vinham de outros lugares, e acabaram por se estabelecer na península, além dos comerciantes, é certo que o cristianismo enraizou-se primeiramente nos centros urbanos costeiros e já no século II e III estava espalhado por toda a península.

O caminho percorrido pelos cristãos foram os mesmos que no restante do Império, perseguições e martírios também ocorreram em território hispânico, a historiadora espanhola Celia Martines Maza relata que as perseguições de

123 Ibidem, p. 63-64.

124 HUESMA, 2007, p.67.

125 MAZA,2007, p. 166.

126 Ibidem, p. 162.

127 Ibidem, p. 171.

Diocleciano tiveram um caráter radical, por conta de Maximiano, declarado Augusto do Ocidente no período pelo Imperador, ele ordenou a aplicação de éditos imperiais que ordenavam a destruição de Igrejas e a prisão dos líderes cristãos, que seriam obrigados a praticar a apostasia, sob ameaça de cárcere e torturas. Esse Édito de 303 durou dois anos e provocou o martírio de muitos cristãos¹²⁸, entre eles, a jovem Eulália.

Eulália nasceu em Mérida de pais cristãos, segundo consta, teria consagrado sua virgindade a Cristo ainda na infância, muito devota, ela negou-se a cometer apostasia durante as perseguições de Diocleciano, postou-se na frente do governador da província e repetiu sua devoção à fé cristã. Ela foi despida, torturada e queimada viva. Tinha 12 anos.

Um santuário foi logo erguido sobre o local de seu martírio, e sua veneração tomou corpo. As peregrinações têm início na martíria de Eulália, esse tipo de ocupação geográfica do espaço urbano será uma estratégia cristã muito utilizada no período, já que o terreno religioso era disputado com as religiões pagãs autóctones e romana, e ainda havia as heresias, muito prolíficas no período, e que produzirão líderes que a ortodoxia católica terá dificuldades em combater, como é o caso do priscilianismo.

3.2 PRISCILIANISMO

Ao analisarmos o *Itinerarium* de Egéria, percebemos algumas características que nos apontam a uma provável ligação da nossa peregrina com as ideias de Prisciliano, sem dúvida, há uma aproximação cronológica, ambiental e filosófica, portanto, concluímos que, de qualquer modo, Egéria teve contato com a heresia.

A heresia prisciliana surge na Gallaecia na segunda metade do século IV. Segundo Sulpício Severo, escritor cristão do período, "*Prisciliano era de família nobre, rica, sutil e deslumbrante, inquieto, eloquente, erudito por largos estudos, pronto para dialogar e discutir. Verdadeiramente bem-aventurado, seu esplêndido engenho, com uma melhor sorte não teria corrompido sua excelente inteligência para o pernicioso estudo*"¹²⁹.

128 Ibidem, p. 163.

129 SEVERO, I, II, 46.

Prisciliano pertencia a uma família de aristocratas fundiários do noroeste peninsular, provavelmente da Galécia, mas também poderia ser da Bética ou Lusitânia, não há uma localidade precisa sobre seu nascimento, mas sabe-se que obteve seguidores nessas três províncias, que suas ideias ainda mantiveram seguidores durante dois séculos após sua morte.

Prisciliano era um homem curioso acerca da espiritualidade, como tinha uma formação intelectual ampla, seus conhecimentos acabaram levando-o a entrar em contato com uma comunidade ascética, de homens e mulheres, localizada na Galécia, nesse lugar, Prisciliano se batizou e passou a seguir rigidamente os preceitos ascéticos.

A doutrina priscilianista alcançou membros da aristocracia e, também, de ambientes rurais, com as classes mais baixas. Há uma discussão entre historiadores acerca de em qual estrato social da população Prisciliano teria mais adeptos, segundo o historiador brasileiro Danilo Medeiros Gazzotti, *“Há uma ampla gama de autores que consideram o movimento priscilianista com dois polos distintos. Um grupo considera o movimento essencialmente elitista que se desenvolveu perante as sociedades da Hispania e Aquitania. Esta tese explica que a afixação do priscilianismo entre as classes mais pobres foi apenas uma consequência da pregação e da atividade do missionário. Já outro grupo de estudiosos interpreta o movimento priscilianista como um canalizador de esperanças sociais dos grupos mais desfavorecidos”*¹³⁰.

Muitos apontam o priscilianismo como um movimento ascético e gnóstico, com interferências de Zoroastrismo e de seitas cristãs maniqueístas, o que unia essas influências era o caráter dualista e a divisão do mundo em bem e mal. O Gnosticismo *“é um sistema de correntes filosóficas religiosas sincréticas que teve como base filosofias pagãs da antiguidade, que floresciam na Babilônia, Pérsia, Egito, Síria, Grécia... No início, o gnosticismo não se tratava de um conjunto coerente ou uniforme de crenças, mas sim de uma constelação de movimentos que partilhavam características em comum, esses movimentos foram se mesclando, e no século primeiro começou a tomar forma”*¹³¹. O autor Paulo Nogueira esclarece a dificuldade em explicar a origem da gnose, no entanto, a descoberta em 1945 dos códices de Nag

130 GAZZOTTI, 2012, p. 76.

131 Disponível em: <<https://www.aluzdoevangelho.com/single-post/2016/04/08/gnosticismo>>. Acesso em: 30 ago 2021.

Hammadi¹³², conjunto de documentos acondicionados em bilhas referentes a textos gnósticos e sobre o Velho Testamento, resultou em importantes esclarecimentos sobre o cristianismo primitivo. O documento mais importante descoberto foi o Evangelho Copta de Tomé: *“Não se trata de uma obra explicitamente gnóstica. Em seu caso faltam alguns dos traços característicos desse grupo, como: dualismo, explicitação do mito do retorno da alma, os seres divinos intermediários da criação, entre outros. Trata-se de uma obra que nos permite observar a passagem de crenças antigas do cristianismo primitivo para uma linguagem esotérica, iniciática, dualista. Essa obra mostra parte do processo de construção de uma cristologia sem referências à história concreta de Jesus de Nazaré. Cristo aqui ainda não profere longos discursos, mas seus ditos, num total de 114, são todos enigmáticos e ambíguos. Trata-se de um Cristo que não fala às grandes multidões, mas aos seus escolhidos, e de uma forma que exige deles as chaves interpretativas que permitem entender o sentido profundo de suas palavras”*.¹³³ Segundo o autor o Evangelho de Tomé pode ser considerado de transição para o que será considerado mais tarde como uma cristologia definitiva.

O priscilianismo absorveu a questão do aperfeiçoamento espiritual, o próprio Prisciliano se descreve como membro de um grupo de ascetas que busca o aperfeiçoamento espiritual¹³⁴. Com relação ao Zoroastrismo, *“O zoroastrismo é uma das mais antigas religiões monoteístas. Foi fundado na Pérsia, atual Irã, por Zaratustra, ou Zoroastro, com diziam os gregos. Essa religião influenciou – direta ou indiretamente – outras crenças religiosas, entre elas o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. Em sua época áurea tornou-se religião de Estado de três grandes impérios iranianos dos séculos VI a.C. até VII d.C.*¹³⁵. E ainda: *“Na teologia de Zoroastro, o bem e o mal precedem ao próprio Criador. O dualismo de seu pensamento está na separação desses opostos revelada na origem da criação dos espíritos gêmeos: tanto Angra Mainyu quanto Spenta Mainyu tiveram a liberdade de optar pelo caminho a seguir”*.¹³⁶

132 Mohammed Ali Samman, foi o camponês da região de Nag Hamman, no Alto Egito, que descobriu as bilhas enterradas na areia.

133 NOGUEIRA; In: FUNARI, 2009, p. 86.

134 MAZA, 2007, p. 212.

135 TATSCH, In: FUNARI, 2009, p. 124.

136 Ibidem, p. 127.

A outra influência citada pelos acusadores de Prisciliano foram os Maniqueus, “*dualismo religioso sincretista que se originou na Pérsia e foi amplamente difundido no Império Romano (s. III d.C. e IV d.C.), cuja doutrina consistia basicamente em afirmar a existência de um conflito cósmico entre o reino da luz (o Bem) e o das sombras (o Mal), em localizar a matéria e a carne no reino das sombras, e em afirmar que ao homem se impunha o dever de ajudar à vitória do Bem por meio de práticas ascéticas, esp. evitando a procriação e os alimentos de origem animal*”¹³⁷. Seu fundador, Maniqueu, também conhecido como Mani ou Manés, viveu na segunda metade do século III, de data incerta de nascimento, veio a falecer em 276, o significado do nome é “espírito do mundo luminoso”, tentou explicar o mal através da dualidade presente em Deus e Satanás, mas não conhece esse último como anjo caído, o reconhece como originalmente pertencente às coisas materiais, que para Maniqueu são ruins, daí o caráter ascético.¹³⁸

Agostinho de Hipona foi maniqueísta por nove anos, anteriormente a sua conversão ao cristianismo, pelo Bispo Ambrósio de Milão, refutará a doutrina em *Confissões*, chamando seus seguidores de vaidosos, sensuais e charlatães.¹³⁹

A figura de Prisciliano se confunde com o movimento quando ele é ordenado bispo de Ávila em 380, nesse momento, ele começa a chamar a atenção de membros do clero, que se sentiam ameaçados pela liderança carismática de Prisciliano e também por seus questionamentos espirituais, Higinio bispo de Córdoba, relatou a Hidácio, bispo de Mérida, a preocupação com relação ao movimento priscilianista, que, para ele, era influenciado pela heresia maniqueísta.

Desde então, no mesmo ano, forma-se um concílio, realizado no mesmo ano em *Caesaraugusta* (Zaragoza), com o objetivo de estudar mais profundamente as denúncias do bispo Higinio, participaram desse concílio os acusadores e mais outros poucos bispos, o resultado foi a condenação do movimento e dos bispos Instâncio e Salviano, que o seguiam. Prisciliano não pode ser condenado, pois ele não tinha formação eclesiástica, ele era laico, o que causava mais incômodo ainda nos seus inimigos, um laico à frente de um movimento e da sede de Ávila!

137 Disponível em:

<<https://www.google.com/search?q=manique%C3%Adsmo&oq=manique%C3%Adsmo&aqs=chrome..69j57j0l7.3758j1j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>. Acesso em: 12 ago 2021.

138 AGOSTINHO, 1985, p. 38.

139 Ibidem, p. 37.

A situação se prolonga com enfrentamento em tribunais eclesiásticos, pedidos de interferência tanto de um lado como de outro para Ambrósio, Bispo de Milão, e para o Imperador Magno Máximo, esse, um usurpador ansioso por agradar à Igreja, convoca os envolvidos, acusados e acusadores para um Concílio em Bordéus, se apresentam Prisciliano, Instâncio, Higino, Hidácio e Itácio.

Prisciliano, percebendo que o Concílio já tinha a condenação decidida antes mesmo da reunião, dirige-se à cidade de Tréveris, onde se localiza o Imperador, para clamar por justiça. Lá chegando, é preso sob a acusação de todo o tipo de comportamento relacionado à bruxaria, orgia com mulheres, rituais abortivos, magia e prática de ciências ocultas, sob tortura admite a culpa de todas as acusações, é decapitado em 385, com seus seguidores, o Imperador também ordena a perseguição e prisão de priscilianistas.

Entre 380 e 400, é elaborado um *memorandum* de reconhecimento das práticas e ensinamentos do movimento, a historiadora espanhola Clelia Martínez Maza demonstra quais são:

- 1-Los priscilianistas niegan la doctrina de la Trinidad y son sabelianos.¹⁴⁰
- 2-Sostienen que ciertos poderes no son poseídos por Dios desde el principio ya que la esencia divina es anterior a ellos.
- 3-Afirman que el hijo de Dios es el único engendrado pues solo él es nacido de una virgen.
- 4-Practican el ayuno en la natividad de Cristo y semanalmente en el día dedicado al Señor.
- 5-El alma humana es de substancia divina.
- 6-Condenan el matrimonio y la procreación.
- 7-El demonio no es un ángel caído sino que surgió del caos y la oscuridad.
- 8-El demonio forma los cuerpos humanos (idea presente en el maniqueísmo).
- 9-“Los hijos de la promesa” son nacidos de mujer pero concebidos por el Espíritu Santo.
- 10- Las almas encarnadas fueron previamente incorpóreas y pecaron en el cielo, lo que provoco su caída. Después fueron aprisionados por los poderes aereos y siderales en diferentes cuerpos.
- 11- Creen en el destino marcado por las estrellas.

140 Herege de uma seita do século III que negava a distinção das três pessoas da Santíssima Trindade, Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/sabelianos>>. Acesso em: 13 ago 2020.

12- Asignan las distintas partes del cuerpo a los signos del zodiaco. Orosio recoge asimismo esta creencia como característica del priscilianismo.

13- Defienden la posibilidad de designar el conjunto de las escrituras bajo el nombre de los distintos patriarcas, como símbolo de las doce virtudes que participan en la renovación interior del hombre.

14- Cuestionan los códices de la Biblia y no rechazan la lectura de los apócrifos atribuidos a los apóstoles.

15- Aceptan y muestran su admiración por el libro de Dictinio aunque hubiera sido condenado por su mismo autor.¹⁴¹

O I Concílio Toledano realizou-se entre 397 e 400 e teve como tema principal a condenação da heresia prisciliana.

A condenação e morte de Prisciliano, para seus seguidores um martírio, só fez aumentar e fortalecer o movimento, composto de muitas mulheres, já que ele as encorajava ao estudo e ao aperfeiçoamento espiritual, como era um grupo rigidamente ascético, homens e mulheres conviviam sem o apelo sexual, essa possibilidade de seguir um líder espiritual e aprender sobre coisas a elas inacessíveis apresentava um enorme grau de interesse, pois era uma liberdade até então não vivenciada pelas mulheres.

A expansão priscilianista na Gallaecia deve-se a dois fatores: a baixa romanização dessa região, além de uma possível identificação com as religiões autóctones com a doutrina.

A Igreja, nessa região, enfrentava os mesmos problemas de estruturação e centralização que em nos outros lugares do império, uma profusão de interpretações dos evangelhos, e uma região rural, que, longe dos grandes centros, ainda praticava ritos de cultos pagãos.

Havia uma fragmentação do poder dentro da Igreja, em que a autoridade eclesiástica se concentrava nas mãos dos bispos, que gozavam de um status especial perante os governantes, pois eram a ponte entre esses últimos e a população, nesse momento, temos uma população espalhada pela região rural, com uma dificuldade grande de comunicação.

A ascensão do poder dos bispos ocorreu nesse período, os líderes da Igreja tornaram-se defensores da ortodoxia, ou seja, defensores de uma interpretação considerada oficial, de modo que não desse margem a tantas outras. Segundo

141 MAZA, 2007, p. 211-212.

Geoffrey Barraclough, *“O bispo torna-se o guarda da ortodoxia – Ubi episcopus, ibi ecclesia – e a partir de meados do século III os bispos das cidades vizinhas começam a reunir-se em sínodos, para definir a doutrina e combater a heresia. Foi assim que nasceram as províncias eclesiásticas, dirigidas por metrópolitas, tendo por modelo a organização provincial do Império”*¹⁴².

A destruição de altares pagãos e a construção de Igrejas católicas no lugar foi uma tática usada por diferentes segmentos do culto niceno, tanto normatizada em concílios como defendida por eremitas que passavam pelas regiões rurais com suas atividades evangelizadoras¹⁴³.

O cristianismo, nos seus primeiros séculos de vida, teve diversas pequenas seitas que defendiam cada uma a sua interpretação dos Evangelhos, provocando embates que em nada favoreciam seus fiéis. Foi um período de grandes confrontos, físicos e intelectuais, de delimitação do espaço espiritual e geográfico, o caminhar do cristianismo dentro do Império teve “avanços e retrocessos, perdas e ganhos, recurso explícito à violência, mas também acomodação e negociação”.¹⁴⁴

Com caráter evangelizador e missionário, a cristianização não se deu apenas no campo espiritual, mas no campo geográfico também, a fim de que seus fiéis se reconhecessem no ambiente em que transitavam.¹⁴⁵

Os ritos pagãos existentes nessas regiões rurais eram de natureza ancestral, nada em comum com o paganismo greco-romano *“A partir do momento em que o Cristianismo passou a estar vinculado aos desígnios sociopolíticos do ocidente tardoantigo, as tentativas de conversão e evangelização daquelas populações rurais foram cada vez mais realçadas pelos poderes político-religiosos.[...] estes viam a unidade religiosa como condição sine qua non para a verdadeira e plena unidade política”*¹⁴⁶

Havia muito pouco tempo que o Concílio de Niceia, em 325, tinha estabelecido uma doutrina para a Igreja em construção, essa ortodoxia demoraria alguns séculos para ser completamente preponderante no Ocidente cristão.

142 BARRACLOUGH, 1972, p. 16-17.

143 FRIGHETTO, 2005, p. 40.

144 SILVA, 2012, p. 136.

145 SILVA, 2012, p. 137.

146 Ibidem, p. 43.

4. CRISTÃS E PAGÃS NO IMPÉRIO ROMANO

4.1 MARCELA, PAULA E AS MATRONAS ROMANAS

“A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito que a mulher ensine nem use de autoridade sobre o marido, mas que permaneça em silêncio”¹⁴⁷.

Essa epístola em particular nos remete a Jerônimo, que, ao discutir o Evangelho com Paula ou Marcela, parece percebê-las como intelectualmente iguais, principalmente Marcela, que não era submissa a ele intelectualmente. Jerônimo teve ligações intelectuais e de amizade muito próximas com essas duas mulheres, comunicava-se muito bem com elas, tanto que o círculo de matronas¹⁴⁸ romanas que se reuniam ao redor dele para estudar o Evangelho não era pequeno.

A correspondência de Jerônimo com suas discípulas nos mostra uma raridade no que concerne aos escritos por mãos femininas a respeito da percepção de seu mundo, como a carta de Paula e Eustóquia à Marcela¹⁴⁹, que nos traz a erudição teológica de Paula e o sentido da peregrinação para ela. Mas, em geral, temos obras escritas por homens acerca de experiências de vida femininas.

Inicialmente as mulheres, dentro da cultura greco-romana, eram vistas como pertencentes ao espaço da casa e sem a opção de passar dele para o espaço público. A erupção de dentro desse modelo toma forma com as primeiras comunidades cristãs, onde as mulheres começaram a participar lado a lado com os homens na evangelização, chamadas de missionárias apóstolas pelo apóstolo Paulo.¹⁵⁰

Essa nomeação de Paulo legitimou que as mulheres cristãs se movimentassem dentro do Império, por isso elas foram as impulsionadoras da conversão cristã.

Seduzidas por uma liberdade de movimento e de escolha, essas mulheres possibilitaram a rápida difusão do cristianismo.

147 1Tm 2.11-12.

148 As matronas eram as esposas dos patrícios, homens, ambos pertencentes à aristocracia romana.

149 JERÔNIMO, 46.

150 TEIXEIRA, 2010, p. 59.

Com essas mulheres, percebemos uma mudança na imagem do feminino, Eva, a primeira mulher, tentadora, a personificação do pecado inicial, perde terreno para Maria, símbolo de fé e pureza, o espelho a ser seguido por toda cristã.

Maria representou a redenção da mulher, a saída do lugar obscuro, para um sinônimo de pureza e devoção. Eva e Maria são representações simbólicas contraditórias “mitos de luz e escuridão, purificação e poluição, inocência e corrupção”.¹⁵¹

A dificuldade de encontrar a voz feminina em escritos do baixo Império só foi facilitada com a chegada do cristianismo e das práticas evangelizadoras de transmissão das Escrituras, mesmo que pertencentes às classes mais altas, nos proporcionam uma compreensão do que circulava nos círculos aristocráticos dessas mulheres.

Cartas das Matronas, o livro de viagem de Egéria, são testemunhos preciosos de um período de pouca ação pública da mulher, na maior parte confinada aos espaços privados: *“Esses diversos tipos de escritos são infinitamente preciosos porque autorizam a afirmação de um ‘eu’. É graças a eles que se ouve o ‘eu’, a voz das mulheres. Voz em tom menor, mas de mulheres cultas, ou, pelo menos, que tem acesso à escrita. E cujos papéis, além do mais, foram conservados. São condições difíceis de serem cumpridas”*.¹⁵²

Por mais que estivessem em uma sociedade patriarcal, essas mulheres conseguiram, através do cristianismo, abrir uma brecha para explorar sua religiosidade de uma forma não subjugada por uma figura masculina. As peregrinações proporcionaram às mulheres um espaço público onde ela poderia circular e se manifestar.

Concordamos com a historiadora francesa Michelle Perrot, que entende que o cristianismo proporcionou um sentido igualitário para homens e mulheres, uma igualdade de almas¹⁵³. A salvação e a vida eterna era igualmente oferecida para ambos os gêneros, se fossem devotos e aceitassem os preceitos cristãos.

Embora a historiografia tenha dado exemplos de conquistas femininas durante o Império Romano, a realidade é que socialmente e economicamente, o papel da mulher era dentro do *domus*. Ao nascer, seu caminho já seria traçado sob a tutela

151 SCOTT, 1990, p. 86.

152 PERROT, 2017, p. 30.

153 PERROT, 2017, p. 83.

masculina, mesmo as que se tornavam vestais, eram assim escolhidas por homens, a opção de escolha da mulher não fazia parte da sociedade. Era esperado que ela gerasse filhos legítimos (homens, de preferência), que se tornariam cidadãos romanos, no caso de que ambos os pais fossem cidadãos, garantindo a continuidade do *status quo* da sociedade romana no Império.

Cabia à mulher o domínio do lar, cuidar do marido, da casa e da prole, resumidamente, da administração do lar, o trabalho manual de fiar e tecer era o máximo que seria permitido como ajuda para a economia familiar.

A fidelidade feminina e a preservação da castidade eram ideais de comportamento esperado, a discrição em se vestir e se portar eram o exemplo dado a ser seguido, em oposição a esse comportamento estavam as que seguiam um modo de vida que, embora muito desfrutado pelos homens romanos, eram hipocritamente estereotipados e condenados, era o caso das atrizes, acompanhantes e prostitutas.

Mulheres casadas que saíam as ruas deveriam usar um véu para cobrir os cabelos, caso não o fizessem, o marido poderia pedir o divórcio. O véu romano, conhecido como *rica*, funcionava como um instrumento de pudor¹⁵⁴, cabelos e corpos femininos jamais poderiam estar desnudos, pois eram objetos de tentação, portanto, as casadas tinham a tarefa de zelar pela moral de duas pessoas, dela e do marido.

Mulheres da aristocracia tinham mais conforto, e acesso ao estudo e ao poder. Em muitos casos, tiveram papel fundamental na influência de decisões de seus pares. Membros de classes mais pobres, estrangeiras e escravas, claramente tiveram uma vida mais difícil.

Para a sociedade romana patriarcal continuar funcionando como ela era concebida, em que cada qual já tinha seu lugar determinado e bem definido, era necessário que a mulher continuasse a ocupar o lugar proposto a ela. A mulher não era um ser invisível, mas ela não teria a opção de mudar a ordem das coisas.

Portanto, autores como Salústio e Cícero reforçaram o estereótipo da mulher como um ser dependente, de temperamento vulnerável, que deveria estar sempre sob um direcionamento masculino (BEARD, 2017, p. 302).

A autora Mary Beard afirma que as mulheres romanas tinham uma vida mais livre do que as gregas, que eram proibidas de fazer refeições com seus pais, maridos

154 PERROT, 2017, p. 56.

e filhos, tal atitude, de compartilhar as refeições, era um comportamento praticado por atrizes, acompanhantes e prostitutas (BEARD, 2017, p. 303).

A falta de liberdade de escolha também era relacionada ao casamento, que era arranjado pelos pais, sem domínio sobre seu corpo, ela passava da casa dos pais para a casa com o marido, o pacto nupcial era uma importante moeda de troca econômica e política. A idade para uma mulher se casar girava em torno dos 14-15 anos, os homens se casavam mais velhos, em média, dez anos de diferença entre o casal: “Quaisquer que fossem as liberdades relativas das mulheres romanas, sua subordinação certamente baseava-se nessa disparidade entre um macho adulto e o que chamaríamos hoje de uma noiva criança (BEARD, 2017, p. 308).

A vida da mulher romana era dominada pelo casamento e pela geração de filhos legítimos, no caso da impossibilidade de gravidez, a culpa era da mulher e, portanto, o marido teria direito ao divórcio. Sem métodos anticoncepcionais seguros, a mulher ficava sujeita às diversas gestações e a abortos precários. O parto, outro momento difícil, com mortalidade alta, tanto para mães quanto para bebês. Filhos homens eram preferidos, pois mulheres representavam gastos com dotes, eram vistas como fontes de despesas, com isso, o infanticídio não era incomum “uma carta sobrevivente em papiro, do Egito romano, escrita por um marido à sua mulher grávida, dá instruções para que ela crie a criança se for um menino, mas ‘se for menina, livre-se dela’”¹⁵⁵.

A infância das meninas em geral era muito curta, devido à tenra idade em que estariam aptas a casar, os brinquedos não diferem muito do que conhecemos, foram encontradas algumas bonecas, inclusive “grávidas”, que davam a ideia de reprodução do papel feminino desde criança. Com relação à alfabetização, essa dependia da classe social e dos hábitos de uma família, os mais tradicionais não viam com bons olhos a instrução feminina, o que diferia de pais filósofos, por exemplo, que defendiam uma educação igual para meninas e meninos, “mas uma linha mais tradicional e mais ruidosa desprezava a ideia e predizia que mulheres que recebessem muita educação, ou se tornariam escritoras pretensiosas, ou mulheres vis e amorais”.¹⁵⁶

Um exemplo de pais proeminentes, no estilo dos filósofos, é Theon, o pai de Hipátia, que a incentivou desde criança a seguir seus passos na compreensão e no

155 BEARD, 2017, p. 311.

156 FREISENBRUCH, 2014, p. 70-71.

ensino da matemática, da filosofia e da astronomia, acredita-se que ele a tenha, inclusive, enviado para estudar na Grécia.

4.2 HIPÁTIA DE ALEXANDRIA

Hipátia era neoplatônica, escola filosófica que se desenvolveu nos primeiros séculos d.C. Escolhemos falar sobre essa filósofa, para compreendermos o papel de uma mulher com tanta projeção intelectual e política no século IV, mostrando que a mobilidade experimentada por cristãs no período não era a mesma para mulheres como Hipátia. Seu lugar e posição perante a sociedade alexandrina não proporcionava a liberdade de ir e vir.

Infelizmente, Hipátia também é um caso emblemático de como tornar uma mulher invisível, eliminando sua passagem pela história; o que chegou a nossos dias foram escritos de seus discípulos sobre ela, seus escritos e estudos provavelmente foram destruídos por aqueles que provocaram sua morte.

Uma das únicas referências a ela está na *História Eclesiástica*, de Sócrates Escolástico, que abrange o período posterior ao escrito por Eusébio, e corrige alguns erros da parte escrita por Rufino, nos conta Sócrates: *“Havia uma mulher em Alexandria chamada Hipátia, filha do filósofo Theon, que alcançou tais realizações na literatura e na ciência, que ultrapassou de longe todos os filósofos de seu próprio tempo. Tendo sido bem-sucedida na escola de Platão e Plotino, ela explicou os princípios da filosofia a seus ouvintes, muitos dos quais vieram de longe para receber suas instruções. Por causa do autocontrole e da facilidade de comportamento que adquirira em consequência do cultivo de sua mente, não raramente aparecia em público na presença dos magistrados. Nem se sentiu envergonhada por vir a uma assembleia de homens. Porque todos os homens, por conta de sua extraordinária dignidade e virtude, a admiravam ainda mais. Mesmo assim, ela foi vítima do ciúme político que prevalecia na época. Pois, como ela tinha entrevistas frequentes com Orestes, foi caluniosamente relatado entre a população cristã que foi ela quem impediu Orestes de se reconciliar com o bispo. Alguns deles, portanto, apressados por um zelo feroz e fanático, cujo líder era um leitor chamado Pedro, a cercaram ao voltar para casa e, arrastando-a de sua carruagem, levaram-na para a igreja chamada Cæsareum, onde eles a despiram completamente e, em seguida, a assassinaram com azulejos. Depois de rasgar seu corpo em pedaços, eles levaram seus membros*

mutilados para um lugar chamado Cinaron, e lá os queimaram. Este caso não trouxe o menor opróbrio, não apenas sobre Cirilo, mas também sobre toda a igreja alexandrina. E certamente nada pode estar mais longe do espírito do cristianismo do que permitir massacres, lutas e transações desse tipo. Isso aconteceu no mês de março durante a Quaresma, no quarto ano do episcopado de Cirilo, sob o décimo consulado de Honório, e o sexto de Teodósio¹⁵⁷

A mediterrânea Alexandria, localizada no delta do Nilo, abrigava desde o século IV a.C. a Escola de Alexandria, importante centro cultural helenístico, local de pesquisa, ensino e estudo de literatura e ciências. Nesse período, a profissão de filósofo era muito respeitada e procurada por autoridades interessadas em esclarecer os problemas políticos e sociais e a melhor maneira de resolvê-los.

Hipátia não era uma religiosa, seus preceitos ascéticos e celibatários tinham relação com a sua própria visão da filosofia e do papel dos filósofos enquanto seres voltados ao exercício da mente, e não às preocupações materiais e carnis, mas, devido à própria conjuntura da época e ao seu papel de destaque na sociedade alexandrina, ela acaba se envolvendo nas disputas de espaços entre cristãos e pagãos.

Entre 391 e 392, após o Imperador Teodósio I proibir as práticas de cultos pagãos no Império, o Patriarca Teófilo de Alexandria incita os fiéis a atacarem o Serapeu, um dos centros de culto mais importante para os pagãos de Alexandria¹⁵⁸.

Travou-se uma verdadeira batalha entre cristão e pagãos, estes defendendo com suas vidas os objetos sagrados de seu culto: *“Os que se encerraram no Serapeu prepararam uma resistência mais enérgica, por medo da punição que sabiam que aguardaria seus audaciosos procedimentos, e foram ainda instigados a se revoltar pelos discursos inflamados de um homem chamado Olympius, vestido com as vestes de um filósofo, que lhes disse que deveriam morrer em vez de negligenciar os deuses de seus pais. Percebendo que estavam muito desanimados com a destruição das estátuas idólatras, ele assegurou-lhes que tal circunstância não justificava sua renúncia à sua religião; pois as estátuas eram compostas de materiais corruptíveis e eram meras imagens e, portanto, desapareceriam; ao passo que os poderes que*

157 SOCRATES SCHOLASTICUS, *Historia Ecclesiastica*, VII – XV.

158 O Serapeu de Alexandria, era um templo dedicado a Serápis, protetor da cidade.

*habitavam dentro deles voaram para o céu. Por meio de representações como essas, ele manteve a multidão com ele no Serapeu*¹⁵⁹.

Consta que a batalha entre cristãos e pagãos pela posse de Serapeu dividiu alguns filósofos de Alexandria, não sabemos se Hipátia esteve presente na defesa do Serapeu, mas acreditamos que ela não poderia ter tomado partido de um ou de outro em meio à guerra que se formou em torno do Serapeu, pois no seu círculo de estudos haviam cristãos e pagãos.

O conflito terminou com a vitória dos cristãos, apoiados pelo imperador: *“Quando o imperador foi informado dessas ocorrências, ele declarou que os cristãos que haviam sido mortos eram abençoados, visto que haviam sido admitidos à honra do martírio e sofrido em defesa da fé. Ele ofereceu perdão gratuito àqueles que os haviam assassinado, esperando que por esse ato de clemência eles fossem induzidos mais prontamente a abraçar o Cristianismo; e ele ordenou a demolição dos templos em Alexandria que haviam sido a causa da sedição popular. Diz-se que, quando este édito imperial foi lido em público, os cristãos deram altos gritos de alegria, porque o imperador colocou o ódio do que havia acontecido sobre os pagãos. As pessoas que guardavam o Serapeu ficaram tão apavoradas ao ouvir esses gritos, que fugiram, e os cristãos imediatamente obtiveram a posse do local, que mantiveram desde então. Fui informado de que, na noite anterior a este acontecimento, Olympius ouviu a voz de um aleluia cantando no Serapeu. As portas estavam fechadas e tudo estava quieto; e como ele não podia ver ninguém, mas podia apenas ouvir a voz do cantor, ele imediatamente entendeu o que o sinal significava; e sem o conhecimento de ninguém, ele deixou o Serapeu e embarcou para a Itália*¹⁶⁰.

As circunstâncias de sua morte, se não se originam diretamente com o ocorrido em 391 ou 392, tem raízes nele. Na realidade, o quadro que se montou a partir de então foi da impossibilidade de convivência entre cristãos e pagãos.

Em 415, o Bispo Cirilo procurava, de modo austero, sua consolidação no poder e a construção de um Estado cristão, procurando ampliar seu poder dentro dos campos públicos e municipais. Para isso, ele começa a desencadear uma batalha pela defesa da fé cristã pura, sem influência de hereges, judeus e pagãos.

159 SOCRATES SCHOLASTICUS, *História Eclesiástica*, VII – XV.

160 SOCRATES SCHOLASTICUS, *Historia Eclesiástica*, VII – XV.

De personalidade impulsiva e ambiciosa, Cirilo estava se antagonizando com o prefeito Orestes, que não estava aceitando suas ações discriminatórias, violentas e autoritárias. O caos se instala, Cirilo tenta uma aproximação com Orestes, que o rejeita. Esse será um momento de explosão de um grupo de monges que saem em auxílio ao bispo. Esses monges viviam em isolamento na região de Nítria e, devido aos acontecimentos, saem de seu mosteiro e partem em direção à Alexandria, onde forçam a entrada na cidade: *“Alguns dos monges que habitavam as montanhas de Nitria, de temperamento muito ígneo, que Teófilo algum tempo antes armara injustamente contra Dióscoro e seus irmãos, sendo novamente transportados com um zelo ardente, resolveram lutar em nome de Cirilo. Cerca de quinhentos deles, portanto, deixando seus mosteiros, vieram para a cidade; e encontrando o prefeito em sua carruagem, eles o chamaram de ídólatra pagão e aplicaram a ele muitos outros epítetos abusivos. Ele supôs que isso fosse uma armadilha preparada por Cirilo, exclamou que ele era um cristão e havia sido batizado pelo bispo Ático em Constantinopla. Como eles deram pouca atenção aos seus protestos, e um certo deles chamado Amônio atirou uma pedra em Orestes que o atingiu na cabeça e o cobriu com o sangue que escorria da ferida, todos os guardas, com algumas exceções, fugiram, mergulhando na multidão, alguns em uma direção e outros em outra, com medo de ser apedrejado até a morte. Enquanto isso, a população de Alexandria correu para resgatar o governador e colocar o resto dos monges para correr¹⁶¹; mas, tendo obtido Amônio, eles o entregaram ao prefeito. Ele imediatamente o apresentou publicamente à tortura, que foi infligida com tal severidade que ele morreu sob os efeitos dela: e não muito depois ele prestou contas aos imperadores do que havia acontecido. Cirilo, por outro lado, também encaminhou sua declaração sobre o assunto ao imperador: e fazendo com que o corpo de Amônio fosse depositado em uma certa igreja, deu-lhe o novo nome de Taumásio, ordenando que ele fosse inscrito entre os mártires e elogiando sua magnanimidade na igreja como a de alguém que caiu em um conflito em defesa da piedade. Mas os mais sóbrios, embora cristãos, não aceitavam a avaliação preconceituosa de Cirilo por ele; pois eles sabiam bem que ele havia sofrido o castigo devido à sua precipitação, e que ele não havia perdido sua vida sob a tortura porque ele não negaria a Cristo. E o próprio Cirilo, estando consciente*

161 *“Interea dux populi Alexandrini eripere festinans monachorum reliquos in fugam coniecerunt;”* Sócrates Escolástico, *História Eclesiástica*, VII -XIV.

*disso, deixou que a lembrança da circunstância fosse gradualmente obliterada pelo silêncio. Mas a animosidade entre Cirilo e Orestes não diminuiu de forma alguma neste ponto, mas foi acesa novamente por uma ocorrência semelhante à anterior*¹⁶².

Orestes contava com um grupo de apoio que saiu em sua defesa, Hipátia entre eles. A população cristã começou a espalhar boatos acerca da filósofa, chamando-a de feiticeira e praticante de magia negra, e que ela fomentava os atritos na cidade. Sendo assim, em um dia de março de 415, durante o período da Quaresma, Hipátia foi arrancada de sua carruagem e arrastada para dentro da igreja do *Caesarion*¹⁶³ – ali lhe arrancaram as roupas e a mutilaram com cacos de cerâmica, arrastando depois seu corpo sem vida até um lugar de nome *Kinaron*¹⁶⁴, onde foi queimado em uma pira de lenha.

A educação erudita de Hipátia é uma exceção até para os pais que acreditavam em uma educação para as filhas também, geralmente, as meninas que eram instruídas recebiam ensinamentos do grego e do latim e, posteriormente, passaram a receber aulas de música também.

4.3. A MULHER NA SOCIEDADE ROMANA

Diferentemente dos filósofos, outros pais romanos viam na instrução das filhas uma moeda de troca de valor, visando um casamento com membros da aristocracia, já que estariam aptas a receber convidados e delegações relacionados ao marido, em sua casa, o objetivo era que se tornassem excelentes anfitriãs, causando boa impressão aos amigos do marido. “Porém, as reservas com relação aos limites para a educação de uma mulher não desapareceram. Frequentemente, a descrição de uma moça como *docta*, ou, inteligente, era um eufemismo para algo bem menos respeitoso”¹⁶⁵.

Augusto, conhecido como um imperador de valores e disciplina austera, que pregava uma volta às tradições romanas, procurou mostrar um modo de vida simples, até austero, em que aparecia com roupas de lã, que eram tecidas pela esposa e pela

162 Ibidem.

163 O *Caesareum* de Alexandria foi concebido por Cleópatra VII para homenagear Júlio César e concluído por Augusto.

164 Esse lugar, possivelmente era uma localidade dentro de Alexandria, de maioria cristã, um bairro possivelmente.

165 FREISENBRUCH, 2014, p. 72.

filha, que eram retratadas sempre tecendo e fiando, inclusive ficavam posicionadas em casa de uma forma que quem passasse pela rua as vissem nesses afazeres domésticos. “As tentativas de Augusto de pintar os membros do sexo feminino de sua família como irmãs rústicas do tear destoavam do fato de que a casa do Paladino possuía centenas de empregados, alguns dos quais certamente eram responsáveis pela tarefa de fazer as roupas de Augusto”¹⁶⁶.

Para o incentivo à família tradicional, de cidadãos romanos de mesma classe e filhos legítimos, foram criadas as *leges Iuliae*, ou Leis Julianas, batizadas assim em homenagem à filha de Augusto, Júlia.

Tais leis visavam diminuir a geração de filhos entre membros de classes sociais diferentes, principalmente entre membros da aristocracia e outros de classes inferiores. Estabeleciam restrições a casamentos interclasses, e heranças recebidas por membros de fora da família, para isso, transformaram o adultério em crime. Seguindo o costume de tratamento desigual, a punição para homens era bem mais branda do que a com relação às mulheres, que, em alguns casos, poderia ocasionar na morte dela e do amante, isso caso fossem pegos em flagrante pelo pai da mulher, ao marido traído era obrigatório o divórcio, punido, no caso de se negar, com a alcunha de alcoviteiro, que era dada àqueles que se relacionavam com prostitutas.

Aos homens cabia punição apenas se fosse praticado com uma mulher casada; com mulheres solteiras, concubinas, prostitutas ou escravas, não era considerado adultério.

Viúvas e divorciadas eram obrigadas a se casarem no prazo de um ano (viúvas) e seis meses (divorciadas), a mulher que teimasse em ficar solteira estaria destinada a pagar tributos enormes, o que desencorajava a grande maioria.

As Leis Julianas recompensavam aqueles membros da aristocracia que gerassem um número grande de filhos legítimos, a nomeação em cargos públicos melhores e diminuição de impostos, eram normas que visavam estimular mais cidadãos legitimamente romanos, segundo Freisenbruch, as Leis Julianas “prometiam um retorno aos antigos valores familiares e ‘aos bons e velhos dias’ do passado romano, um período imaginário em que as mulheres eram castas e o adultério era considerado uma aberração”.¹⁶⁷

166 FREISENBRUCH, 2014, p. 67.

167 FREISENBRUCH, 2014, p. 88.

A situação da mulher romana transcorria da mesma forma quando o cristianismo começou a ser conhecido e seus seguidores começaram a aparecer em outros lugares do Império que não somente na Judeia.

Esse curioso grupo de devotos era composto por homens e mulheres que praticavam um estilo de vida ascético e a preservação do celibato, o que chamou a atenção foi a presença de mulheres solteiras que resolveram permanecer assim para preservar a virgindade, escolhendo seguir um modo de vida muito parecida com Maria, a mãe do pastor Jesus, que eles afirmavam ser o filho de Deus. Essa escolha era permitida na comunidade cristã para suas fiéis e, o mais inovador, era uma escolha delas, não era imposto por nenhum homem, elas escolhiam dedicar sua vida a Cristo.

Os anos foram passando, e a ideia de um Deus único começou a incomodar os membros da corte imperial, já que o imperador era visto como um deus vivo. A negação dos cristãos em venerar os imperadores provocou uma série de martírios femininos e masculinos por mais ou menos trezentos anos, durante todo esse tempo, foram poucos os períodos de tranquilidade para os devotos de Cristo.

Mesmo com as dificuldades e perseguições, muitas mulheres animaram-se a serem batizadas, dessas muitas fugiram, outras foram martirizadas e tantas outras cometeram apostasia. Mas assim mesmo, o cristianismo crescia.

Flavius Valerius Constantinus nasceu em Naissus (Nisch, na atual Sérvia) filho de um oficial romano, Constâncio Cloro, que mais tarde se tornou imperador romano Constâncio I, e de Helena, filha de um estalajadeiro. A data de seu nascimento é incerta, sendo dada já em 274 e até 288. Constantino, que o sucedeu, convocou sua mãe para a corte imperial, conferiu a ela o título de Augusta, ordenou que toda a honra lhe fosse paga como mãe do soberano e que moedas fossem cunhadas com sua efígie. A influência de seu filho a levou a abraçar o cristianismo após a vitória deste sobre Magêncio¹⁶⁸.

A mítica história envolvendo a conversão de Constantino dá conta que, em 312, nas vésperas da batalha contra Magêncio, ele teria visto no céu uma formação de letras cruzadas que eram as iniciais do Cristo em grego e também teria ouvido uma voz que o mandava marcar esse símbolo nas armaduras de sua tropa, Constantino o fez e saiu vitorioso. Então, em 313 d.C., o imperador decretou o Édito de Milão,

168 Marcus Aurelius Valerius Maxentius Augustus, imperador romano de 306-312, filho de Maximiano, tentou derrubar Constantino, mas foi derrotado por ele em 312, na Batalha de Milvia, em um período em que o poder imperial estava dividido entre tetrarcas.

garantindo a liberdade de credo religioso, legitimando assim o cristianismo; no mesmo momento, o paganismo deixava de ser a religião oficial do império, pois, se havia liberdade de culto, não havia necessidade de uma religião oficial.

Sempre à procura de sinais e orientado por interpretações de sortilégios, Constantino não aparentava uma devoção cristã, como Eusébio de Cesareia nos mostra. Constantino parece ter tido uma visão estratégica com relação às diversas interpretações religiosas existentes no Império, deixando de lado as perseguições religiosas, leia-se, contra os cristãos, ela traz para si a visão de um Imperador clemente, angariando, assim, apoiadores dentro dos círculos cristãos.

Além do mais, o cristianismo já tomava uma característica própria, afastando-se do judaísmo e se aproximando mais com o Império.

Inicialmente, os cristãos eram confundidos com os judeus e dividiam com esses a fúria antissemita existente no império, um escritor anticristão do século II d.C. via-os como *“pessoas ignorantes de aprendizado, iletradas e sem perícia nas artes mais vis [...] um bando de criminosos dispostos a tudo, proscritos e desacreditados [...] composto da mais baixa ralé da população, homens ignorantes e mulheres crédulas [...] em seus encontros noturnos, festins solenes e refeições bárbaras, o vínculo que os une não é um rito sagrado, mas o crime”*¹⁶⁹

Eusébio de Cesareia relatou as leis que Constantino aplicou aos cristãos, o Imperador escreve *“ao considerar, já há tempo que não se há de negar a liberdade da religião, mas que se deve outorgar à mente e à vontade de cada um a faculdade de ocupar-se dos assuntos divinos segundo a preferência de cada um, tínhamos ordenado aos cristãos que guardassem a fé de sua escolha e de sua religião”*¹⁷⁰.

Constantino então abole qualquer tipo de perseguição aos cristãos e seus sacerdotes: *“Que ninguém se negue em absoluto a faculdade de seguir e escolher a observância ou a religião dos cristãos, e que a cada um se dê a faculdade de entregar sua própria mente à religião que creia que se adapta a ele, a fim de que a divindade possa em todas as coisas outorgar-nos sua habitual solicitude e benevolência”*.

Quando Constantino chegou ao poder, o cristianismo já estava presente nas classes altas e círculos influentes, na política e na cultura. A política de extermínio praticada por seus antecessores já não se enquadrava na realidade do seu governo,

169 JOHNSON, 2001, p. 87.

170 EUSEBIO, V-2.

a outra opção, oposta às perseguições, era a aceitação, que foi a decisão tomada por Constantino.¹⁷¹

O paganismo também começou a ser visto como uma fé de obrigação, já que em outros governos era exigido um atestado de devoção pagã, como oferendas e participação em festas, provocando uma fé de obrigação cívica, e não um ato espontâneo.

O estado percebeu que seu inimigo havia se tornado semelhante a ele em vários aspectos, era universalista, multirracial e legalista: *“Na longa batalha para supressão da clivagem interna, pela codificação de sua doutrina e expansão de suas fronteiras, o cristianismo havia se tornado, sob vários aspectos impressionantes, uma imagem do próprio império”*¹⁷²

O avanço do cristianismo dentro das esferas do poder vai promovendo um maior contato das damas da aristocracia romana com essa nova forma religiosa, a grande precursora da conversão cristã, dentro da aristocracia será a mãe de Constantino, a Imperatriz Flavia Julia Helena, que, convertida, empreenderá uma peregrinação à Terra Santa.

A ideia de que a mulher deveria ser discreta e não se deixasse seduzir pela vaidade e luxúria já existia dentro do Império, o que era novo e diverso era a castidade, a preservação da pureza e o abandono do sexo, o casamento não era algo muito estimulado pelos sacerdotes desse período, que viam na virgindade o maior valor de uma mulher, a exemplo de Maria, mãe do Cristo, com isso, a ideia de mulheres que abandonavam luxos e prazeres carnavais e começavam a seguir valores ascéticos era muito usada e valorizada nesse período: *“a tradição cristã rica em histórias sobre prostitutas e mulheres com origens humildes que encontraram a redenção pela fé”*¹⁷³.

O que estava sendo apresentado como novo para as mulheres não tinha a ver com as leis de casamento e adultério, designadas lá atrás por Augusto e ainda mantidas, de certo modo, com algumas modificações relacionadas às penas impostas aos infratores, muito pelo contrário, o cristianismo continuou a observância e controle do comportamento feminino. Paulo se preocupa não só com a instrução e subordinação da mulher ao marido, mas em como ela se apresenta para orar, defendendo a obrigatoriedade de esconder os cabelos, ou em um véu ou cortados.

171 JOHNSON, 2001, p. 90.

172 JOHNSON, 2001, p. 93.

173 FREISENBRUCH, 2014, p. 281-282.

“4 Todo o homem que ora ou profetiza, tendo a cabeça coberta, desonra a sua própria cabeça.

5 Mas toda a mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta, desonra a sua própria cabeça, porque é como se estivesse rapada.

6 Portanto, se a mulher não se cobre com véu, tosquie-se também. Mas, se para a mulher é coisa indecente tosquiar-se ou rapar-se, que ponha o véu.

7 O homem, pois, não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e glória de Deus, mas a mulher é a glória do homem.

8 Porque o homem não provém da mulher, mas a mulher do homem.

9 Porque também o homem não foi criado por causa da mulher, mas a mulher por causa do homem”¹⁷⁴

O véu era para, pagãos e cristãos, objeto de uso obrigatório contra a volúpia feminina. Tampouco esses padres da Igreja viam com bons olhos enfeites, pinturas nos rostos e roupas com tecidos finos e coloridos e os melhores sapatos feitos pelos artesãos do período. Jerônimo reprovava reiteradamente o adorno do corpo, na Carta 45 destinada à virgem Asela, ele recorda que se aproximou apenas das matronas que eram ascéticas, outras ele considerava lascivas, pois viviam no luxo e riqueza, nunca ganharam sua atenção: *“Acaso he entrado en casa de una mujer notoriamente lasciva? Acaso me arrastraron nunca las ropas de seda, el brillo de las gemas, las caras maquiladas, la ambición del oro? En Roma, ninguna de las matronas había sido capaz de ganar mi afecto sino la que lloraba, y aunaba, la desaliñada [...]”*¹⁷⁵.

Jerônimo tinha um código de conduta rígido, que ele seguia e exigia de suas discípulas, aquelas que ele consideraria como um espelho de uma mulher valorosamente cristã. Para segui-lo, elas abdicaram do luxo e de vidas confortáveis, muitas abraçavam o ascetismo, indo viver longe de suas famílias.

O que era novo era a opção que o cristianismo apresentou com relação ao domínio do corpo feminino e a possibilidade do aprender, já que não havia esse empecilho, muito pelo contrário, a alfabetização era muito bem-vinda, porque possibilitava que mais pessoas tivesse acesso às Escrituras, Jerônimo aconselha isso para a virgem consagrada Eustóquia: *“Lee con asiduidad y aprende todo lo posible. Que el sueño te sorprenda siempre con un libro, y que tu cara, al caer dormida, sea recibida por una página santa”*¹⁷⁶.

174 1 Co 11:4-9.

175 JERÔNIMO, 45-3.

176 JERÔNIMO, 22-17.

A leitura abria um mundo novo para essas mulheres acostumadas com o restrito universo doméstico: *“A ideia de Jerônimo sobre educação das mulheres assemelhava-se a Quintiliano, que pensava que a criança deveria aprender a ler e escrever em latim e grego através de blocos do alfabeto e de canções do ABC”*.¹⁷⁷ Jerônimo elogiava e incentivava a formação intelectual das mulheres, sobre Bresila, filha de Paula, ele enaltece a eloquência da moça em grego, latim e hebraico¹⁷⁸.

O pensamento de Jerônimo com relação à instrução feminina consiste em dois pontos fundamentais: primeiro, ele encorajava os trabalhos manuais, tecer e bordar, porque a mulher precisava vestir-se; em segundo, ele defendia a aprendizagem do grego e do latim, percebemos que a mulher teria todos os pré-requisitos para uma vida ascética, a compreensão e leitura das Escrituras e os trabalhos manuais para poder se manter materialmente, era somente pouca coisa de que elas necessitavam, com isso, Jerônimo as estava preparando para a vida de contenção, e não para o casamento.¹⁷⁹

Se na sociedade romana clássica, a mulher não tinha opção de escolha nem para manter a virgindade, como no caso das Vestais, que eram escolhidas por homens da sociedade para servir à deusa Vesta, com o cristianismo ela poderia optar em seguir uma vida ascética e casta, a escolha seria dela. Pela primeira vez, a mulher via uma saída ao destino de casar e parir, ela poderia ser uma eremita, uma peregrina ou uma monja cenobítica¹⁸⁰, foi dada a ela a possibilidade de escolha.

“A cristianização do Império romano, que se seguiu à vitória de Constantino em 324¹⁸¹, produziu um impacto duradouro sobre o papel das mulheres, e não apenas àquelas que exerciam o papel de Augusta daquele ponto até o fim do domínio romano sobre o Ocidente no século V, mas também para as mulheres de diferentes estilos de vida espalhadas por todo o Império. Ela teve implicações sociais e legais para questões que as afetavam, como o casamento, o divórcio, a reprodução, a saúde. A

177 FLESHENBUCH, 2014, 319.

178 JERÔNIMO, XXXIX, 1.

179 FLESHENBUCH, 2014, 319.

180 Segundo o dicionário Michaelis, Habitação de monges; mosteiro ou convento de cenobitas: “[...] refugiou-se no seu gabinete [...], vivendo em cenóbio para fugir aos vícios torpes do mundo e às seduções do pecado”. Disponível em:

<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=cen%C3%B3bio>. Acesso em: 23 jul 2020.

Para saber mais ver FIGHETTO, Renan. A comunidade vence o indivíduo. A regra monástica de Isidoro de Sevilha (século VII). Curitiba: Prismas, 2016.

181 A Batalha de Crisópolis em 324 pôs fim ao regime da Tetrarquia, governo de quatro imperadores, a batalha envolveu os tetrarcas restantes: Constantino e Licínio, esse sai derrotado, o que transforma Constantino em o único Imperador de Roma.

*ética sexual e a herança financeira, enquanto também lhes deu a oportunidade de exercer várias posições secundárias de liderança dentro da nova religião, enquanto eram praticamente excluídas da hierarquia tradicional dos cultos romanos tradicionais (as Virgens Vestais eram uma exceção notável). Isso pode explicar por que, antes da ascensão de Constantino, mais mulheres do que homens das classes romanas mais elevadas parecem ter sido atraídas pela fé cristã*¹⁸².

Temos que considerar a grande importância da questão da escolha, mesmo que para os menos versados no tema pareça trocar uma submissão por outra. Queremos, portanto, mostrar neste trabalho que o cristianismo inaugurou um sentido de igualdade entre homem e mulher que antes não havia em nenhuma esfera, ao colocar espiritualmente homem e mulher em nível de igualdade quanto aos ensinamentos da Escritura, o cristianismo inaugura, como bem nos diz Michelle Perrot, “a afirmação da igualdade espiritual entre homens e mulheres, que estarão iguais e nus no Juízo Final”¹⁸³.

Pensamos que é importante esclarecer que a sociedade patriarcal era a mesma, a questão da virgindade era fundamental para a mulher, tanto para as que se consagraram quanto para as que estavam esperando um casamento, que continuava sendo administrado, em sua grande maioria, como um negócio político e econômico, e a virgindade da noiva era a garantia de um matrimônio com sucesso.

O historiador espanhol Francisco Javier Sanz Huesma escreve que as aristocratas cristãs na *Hispania* continuavam o modelo greco-romano de mulher obediente, servil, discreta e casta. A submissão ao *pater familias* ou ao esposo, portanto, o conjunto de valores propostos pelo cristianismo para as mulheres mostra a estreita relação entre cristãos e pagãos, o que favoreceu a integração do cristianismo nas estruturas sociais e ideológicas do Baixo Império¹⁸⁴.

No entanto, havia um modelo a ser seguido por essas devotas, o exemplo de mulher bíblica passou a ser Maria, o exemplo de Eva foi superado por Maria, a mãe de Deus, que concebeu virgem, e esse era o status mais importante, o celibato, a continência sexual, como aconselha Jerônimo para Eustóquia “[...] *si después de*

182 FREISENBRUCH, 2014, p. 290.

183 PERROT, 2017, p. 83.

184 HUESMA, 2007, p. 124.

comer, acostada en tu lecho, te agitará el Dulce cortejo de los deseos, echa mano del escudo de la fe, en el que se extinguen los dardos encendidos del diablo”¹⁸⁵.

Os modelos cristãos para a conduta feminina se dividem em esposa fiel ou virgem consagrada. Nesse sentido, Huesma afirma que *“Aunque la Iglesia reconoce la superioridad de la joven virgen consagrada a la reclusión desde la infancia, el modelo más frecuente y factible presenta una mujer, madre de hijos cristianos que a menudo dirigía sus negocios y cuya riqueza le permitía participar de modo activo en el destino de la iglesia local, aunque tuvieran prohibido el acceso al magisterio y al sacerdocio. Su influencia se dejaba sentir en sus comunidades de manera indirecta, aunque sin cuestionar en absoluto su completa subordinación al marido, referente constante de virtud”*.

Algumas considerações se fazem necessárias às palavras de Huesma. Para os Padres da Igreja, como Ambrósio de Milão, Agostinho de Hipona e Jerônimo de Strídon, além do próprio apóstolo Paulo, a consagração de uma jovem virgem era muito mais valiosa do que o matrimônio, como veremos mais adiante, esses pensadores incentivavam a virgindade, mais que a procriação de cristãos, o que causará sim, algumas discussões de ordem social a respeito da influência desses Padres.

Com relação também às palavras acerca da influência indireta das mulheres na Igreja, veremos casos que influenciaram a comunidade de forma direta, Marcela, Paula e Melânia, tanto a Jovem quanto a Velha, com suas peregrinações e escolha da vida ascética, influenciaram outras mulheres que acabaram por segui-las. Percebemos nas Epístolas de Jerônimo como seu círculo das matronas do Aventino influenciavam outras mulheres, e homens também, que acabavam seguindo-as no ascetismo, Jerônimo sempre deixa claro a importância que para ele tem essas ascéticas romanas, inclusive as trata como companheiras na evangelização, uma demonstração de reconhecimento de igualdade dentro da casa do Aventino: *“Saluda a Blesila y Eustoquia, pequeñas aprendizas nuestras; saluda Feliciano, realmente feliz por la virginidad de la carne y del espíritu; saluda a todo el restante coro de la castidad ya a tu iglesia doméstica, por la que temo aun en lo seguro, no sea que, mientras duerme el padre de familias, el enemigo siempre cizaña encima”¹⁸⁶*

185 JERÔNIMO, 22-17.

186 JERÔNIMO, *Epistulario*, 30-14.

Com a relação à virgindade, isso sim era um modelo a ser seguido: *“Pero es la virgindad el modelo vital por excelencia para la mujer Cristiana”*¹⁸⁷. A consagração da virgindade a Deus fez com que essas mulheres fossem conhecidas como noivas de Cristo; com relação às viúvas, era aconselhado que respeitassem o celibato, como aconteceu com as matronas viúvas que seguiam Jerônimo. Nesse momento, padres da Igreja, como Jerônimo e Agostinho, desaconselhavam o casamento, para ambos os sexos, nisso também percebemos uma igualdade, praticar a abstinência sexual era aconselhada a homens e mulheres.

Em carta a uma de suas discípulas, a virgem Eustóquia, Jerônimo escreve *“He anticipado todo esto señora mía Eustoquia, - pues señora debo llamara a la esposa de mi señor-, para que desde el comienzo de la lección sepas que hoy no me propongo cantar las glorias de la virginidad, que tú al abrazarla pruebas ser excelente. Tampoco voy a enumerar las cargas del matrimonio como se agranda el vientre, los niños pequeños lloran, como hacen sufrir las amigas del marido, como absorbe el cuidado de la casa y como, en fin, la muerte viene a cortar todos los bienes soñados”*¹⁸⁸.

Percebemos que Jerônimo antepõe as benesses de uma vida consagrada às agruras de um matrimônio. Com relação à quebra dos votos, isso tinha consequências muito graves, a promessa feita pelas virgens a Deus era uma promessa de vida, portanto, às consequências dessa traição seriam impostas penas muito severas. Como eram consideradas esposas de Cristo, o ato era considerado um adultério.

Na *Hispania*, tanto a virgem traidora quanto o corruptor e aqueles que os acolhem estavam sujeitos a penas estabelecidas no I Concílio de Toledo (397). Para a virgem corrompida que contraiu matrimônio, era exigido que ela abandonasse seu marido e fosse viver em castidade; a ela também era proibido a comunhão, sendo concedida novamente somente quando da morte do marido ou no leito de morte da traidora.

No caso daquelas que quiseram contrair matrimônio para melhorar de alguma forma o crime, a essas era estabelecido uma pena de dez anos sem poder encontrar-se ou frequentar a casa de outra mulher cristã, sob pena, ambas, de serem excomungadas. O mesmo era aplicado ao corruptor a bispos, presbíteros e diáconos que acolhessem em seu lar a virgem corrompida.¹⁸⁹

187 HUESMA, 2007, p. 125.

188 JERÔNIMO, *Epistulario*, 22-3.

189 HUESMA, 2007, p. 126

Paulo, na I Carta aos Coríntios diz: *“Fugi da impureza. Qualquer outro pecado que uma pessoa cometer é fora do corpo; mas aquele que pratica a imoralidade peca contra o próprio corpo. Acaso não sabeis que vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos?”*¹⁹⁰.

Muito se criticou a condenação dos padres da Igreja ao matrimônio, ainda na mesma carta, Jerônimo prossegue: *“Pero como quién paga el débito del matrimonio puede orar, una de dos, o somos vírgenes para orar constantemente o dejamos de orar para servir el matrimonio”*¹⁹¹.

Outros padres tinham a mesma concepção com relação ao matrimônio, para eles, o celibato era a condição natural do homem e da mulher tementes a Deus, parecido com uma escala de valores cristãos, e de verdadeiros cristãos, os celibatários estavam no topo da cadeia, os casados eram um pouco inferiores, mas não de todo mal, já que a Bíblia pede que nos multipliquemos¹⁹².

Agostinho, embora tenha sido casado e tido um filho, Adeodato, colocou-se de forma a não aconselhar o casamento, pensamos que seguia na linha de Jerônimo, uma condenação ao prazer carnal, a devoção ao casamento rivalizar com a devoção a Deus. Em Confissões, Agostinho fala sobre seu amigo Alípio, que o aconselhou a não se casar, pois prejudicaria o plano dos dois de dedicarem-se ao ócio e ao estudo¹⁹³. Segundo Agostinho, Alípio era casto, embora tenha tido experiências sexuais com mulheres, e isso não o motivara a continuar em uma vida mundana, passou então a viver em continência. Agostinho explica que ele ainda estava preso a esses prazeres e não seguiu o conselho do amigo. Mas Alípio acabou se casando, para seguir o exemplo de Agostinho.

Agostinho narra essas desventuras das paixões e do casamento para depois concluir que ele se sentia preso a seus desejos carnis, e não encontrava sentido, só sofrimento: *“Que caminhos tão tortuosos! Ai desta minha alma insensata, que esperava encontrar longe de Deus algo de melhor. Dava voltas, punha-se de costas, de lado, com a boca para baixo... tudo lhe era duro e incômodo, porque só Deus era o seu descanso”*¹⁹⁴.

190 1 Cr 6:18-19.

191 JERÔNIMO 22-22.

192 Gen 1;18.

193 Confissões, p. 94.

194 Ibidem, p. 99.

Agostinho acabará abdicando de seus desejos carnis, ou como ele mesmo diz, “*meu desejo de praticar o coito*”¹⁹⁵, chegando à conclusão que essa intimidade era incompatível com a verdadeira fé e com o agir do verdadeiro cristão, quando o começo era difícil e ele sentia-se provocado a ceder às paixões, travava consigo uma luta interior em que repetia: “*Não dê ouvidos a teus sujos desejos, mortifica-os; eles te falam de prazeres, sim, mas não são conformes as leis do Senhor, teu Deus*”¹⁹⁶.

Huesma afirma que a manutenção da virgindade de uma jovem ainda era uma decisão familiar, e que a opção de escolha não era da jovem¹⁹⁷. Não percebemos isso nas cartas de Jerônimo para suas discípulas, o que ele descreve são mulheres que escolheram a vida ascética e casta. Tanto Marcela quanto Paula e suas filhas, Asela e Melânia, avó e neta, todas escolheram abdicar do conforto, das roupas de seda e joias, para tornarem-se ascéticas.

Observamos que seria importante ressaltar esse poder de escolha feminino em meio a uma sociedade que continuava paternalista, mas estava provocando uma mudança no significado do feminino.

5. EVA OU MARIA?

Até então, a imagem negativa da mulher vinha desde a antiguidade e teria pego carona em Eva, protótipo de tudo que era condenável na alma feminina, a traição, a ardilosa e luxuriosa sedutora de Adão e causadora do pecado original.

Mas durante o avançar do cristianismo, vemos um afastamento de Eva e uma aproximação de Maria, que se tornaria um símbolo da Igreja Católica, virgem e devota.

As primeiras discussões sobre o papel de Maria na vida de Jesus iniciam-se logo nos primeiros séculos cristãos, nessa época, era conhecida pelo termo grego *aeipárthenos* (sempre virgem), já no século IV, a doutrina da virgindade aparece ligada ao termo *De fide*, algo como parte essencial da fé ortodoxa.

Etimologicamente, fé tem origem no latim *fides*, que significa atitude de fidelidade. Durante o Império Romano, *fides* adquire uma conotação complexa, que envolve atitudes e deveres aplicados em diversos âmbitos da sociedade romana. Segundo Thiago Stadler,

195 Ibidem, p. 138.

196 Ibidem, p. 147.

197 HUESMA, 2007, p. 125.

“entendemos que as definições do termo repousam nas noções de lealdade e confiança, bem como nas de palavra de honra-fazer o que se diz juramento-e, inclusive, no sentido de “garantia”, sendo esse o sentido original de *fides*”.

198

Era a personificação romana de lealdade, para os cristãos, é a crença absoluta em Deus, a confiança e credibilidade na sua onisciência. Totalmente oposto ao sentimento da dúvida.

Podemos compreender que a noção de *fides* romana empresta seu significado e importância para a *fides* cristã, no que se refere ao sentido de confiança e credibilidade.

Se ampliarmos um pouco a noção desse conceito, veremos que ele, com algumas modificações, se aplicariam à realidade da *Hispania* no período. Tanto no que se refere às relações Igreja/devotos, Igreja/Rei e Rei/Súditos. Para todos os casos, a *fides* romana continuou a ser praticada e cobrada. Apenas se transformou e adquiriu uma aura sagrada.

Assim sendo, os dogmas aceitos como verdadeiros pela Igreja eram considerados verdade absoluta, sem possibilidade de questionamento. Por isso, nos primeiros séculos cristãos, niceístas se debateram de muitas formas com muitas correntes cristãs. Pois eram anos de construção dogmática, em que as verdades da fé ainda eram muito frágeis. Entre elas, a questão da virgindade perpétua de Maria.

Os defensores desse dogma ampararam-se, principalmente, em duas passagens do Evangelho: em Mateus 1:25 (“Porém não teve relações com ela até que ela deu à luz o seu filho. E José pôs o nome do menino de Jesus”), e Lucas 1:34 (“Então Maria disse ao anjo: Isso não é possível, pois eu sou virgem”), mas as referências à Virgem Maria são poucas, o que poderia então ter fomentado a transformação em uma doutrina dogmática complexa e de grande importância?

Remetemo-nos ao dogma da Anunciação, que, segundo a autora Anna Paula Baptista, marca, em termos teológicos, o início da vida humana de Cristo e a justificativa de sua dupla natureza, Maria teria papel primordial nisso. Uma virgem concebida em milagre.

Os primeiros Doutores e Padres da Igreja empenharam-se em justificar o advento do filho de Deus, relatado no Novo Testamento, com episódios do Velho Testamento, mostrando através de seus livros e versículos que o mundo estava preparando a vinda de Nosso Senhor.

Com isso, no século II, o Mártir Justino compara Maria a Eva. Essa segunda Eva traria a redenção da primeira. Sua concepção virginal, amparada pelas já ditas passagens de Mateus e Lucas, dá início ao dogma mariano da virgindade perpétua.

Para isso, a cristandade tratou de aliá-lo ao mistério da Encarnação, que era um dogma fundamental. A Encarnação de Deus começou a ser explicada pela exegese e textos patrísticos, através dos Evangelhos de Mateus, Lucas e João. Todos apresentam alguma citação referindo-se à profecia de Isaías 7, 14: “Por isso, o próprio Senhor vos dará um sinal: uma virgem conceberá e dará à luz um filho, e o chamará ‘Deus Conosco’”.

Já o dogma da virgindade perpétua de Maria *ante partum, in partum, post partum* achou a justificativa em Ezequiel 44,2: “O Senhor disse-me: Este pórtico ficará fechado. Ninguém o abrirá ou passará, porque o Senhor, Deus de Israel, aí passou; ele permanecerá fechado”.

O dogma mariano começa então ser levantado como uma bandeira niceísta, Jerônimo de Strídon, Ambrósio de Milão e Agostinho de Hipona o defendem ardorosamente.

Ambrósio de Milão era um ascético, assim como sua família, sua irmã era uma virgem consagrada e, inspirado nela, ele escreve o tratado *De Virginibus*, segundo a historiadora brasileira Janira Feliciano Pohlmann. Em seu primeiro livro, *De virginibus*, escrito em 377, e dedicado a sua irmã Marcellina, Ambrósio encontrou no mártir Soteris um exemplo dentro da própria família a quem sua irmã poderia seguir em sua vida de virgindade consagrada¹⁹⁹. O trabalho que Ambrósio ofereceu à Marcellina forneceu modelos que serviram de guia para garantir a manutenção da respeitável figura da virgem. Para conseguir isso, o autor celebrou mártires como Agnes, elogiada por sua castidade (*integritatem*) e sua vergonha (*pudoris*), e Maria, considerada o maior modelo de virgindade (*virginitatis*) e ideal de virtude (*forma virtutis*)²⁰⁰.

199 Soteris seria tio-avô de Ambrósio.

200 POHLMANN, 2014, p. 286.

Uma das querelas envolvendo esses padres e outras vertentes heréticas que contestavam, entre outras coisas, o dogma da virgindade perpétua de Maria, envolveu Jerônimo e uma pessoa de nome Helvídio. Esse cidadão, do qual não se tem mais informações, a não ser suas pregações, era contemporâneo de Jerônimo e contestava a virgindade de Maria, em torno do ano de 383. Baseando-se no Evangelho, Jerônimo escreve uma resposta, intitulada *Adversus Helvidium de perpetua virginitate beatae Mariae*.

No mesmo período, há o registro de um monge romano de nome Joviano, que pregava que o celibato não fazia diferença para o crente. O que garantia sua salvação e superioridade na fé era o batismo. Portanto, colocava em cheque a importância doutrinal da castidade, além da virgindade perpétua, vista como uma característica sagrada que identificava a santidade de Maria e justificava a afirmação da mesma como mãe de Deus. Essa contenda teve lugar no ano de 392, e Jerônimo escreveu a sua resposta e defesa doutrinária, intitulada *Adversus Jovinianum*.

Ainda no século IV, a Igreja está preocupada também com a definição do papel de Maria, ou seja, se ela será chamada de *Theotokos* (mãe de Deus) ou *Christotokos* (mãe do Cristo). Diversos Padres da Igreja nos três primeiros séculos defendem Maria como a *Theotokos*, como Orígenes (254), Atanásio (330) e João Crisóstomo (400). Com relação à questão da Santíssima Trindade, apesar de o Concílio de Niceia (325) já ter estabelecido essa questão dogmática, algumas heresias continuavam negando-a, como, por exemplo, os arianos.

O uso do termo *Theotokos* foi formalmente afirmado como dogma no Terceiro Concílio Ecumênico, realizado em Éfeso, em 431. O Patriarca Nestório de Constantinopla (386-451) não aceitou essa denominação, afirmando que Maria era apenas mãe de Cristo, dando origem à heresia nestoriana.

Em resposta a Nestório, Cirilo de Alexandria escreve: “Surpreende-me que há alguns que duvidam que a Virgem santa deve ser chamada ou não de *Theotokos*. Pois, se Nosso Senhor Jesus Cristo é Deus, e a Virgem Santa deu-o à luz, ela não se tornou a *Theotokos*?”.

Com base em João 1:14, “O Verbo se fez carne”, Cirilo argumenta que Nestório está cometendo um erro. Baseado na defesa do primeiro, o Concílio de Éfeso, realizado em 431 d.C., aceita o termo *Theotokos* como verdadeiro e condena Nestório e seus seguidores como heréticos.

No Ocidente, o primeiro a usar o termo *Theotokos* foi Ambrósio de Milão. Considerado um Doutor da Igreja e defensor da Virgem, contemporâneo de Jerônimo de Strídon, confessor e responsável pelo batismo de Agostinho. O Bispo de Milão cita Ezequiel 44:2, “Então o Eterno me disse: esse portão ficará fechado; nunca será aberto. Ninguém poderá usá-lo, porque eu, o Deus de Israel, entrei por ele. Deve ficar sempre fechado”, e também embasa sua defesa da virgindade perpétua nesse trecho bíblico. Ambrósio de Milão entende como esse pórtico sendo a Virgem Maria, com isso estabelece a *virginitas in partu*. O Bispo de Milão dedicou-se a defender e fortalecer esse dogma.

Em *De institutione virginis*, ele escreve: “E a quem poderia o Senhor atribuir maior mérito, reservar maior prêmio, senão à própria mãe? De fato, a ninguém destinou dons maiores que os concedidos à virgindade de Maria [...]. Aos outros promete que não faltarão: acaso poderia tolerar que faltassem a sua mãe? Mas Maria não carece deles, eles não faltam à mestra da virgindade. E não poderia acontecer que aquela que carregou Deus em seu seio pensasse em ali carregar um homem”.

Os trabalhos desses dogmáticos defensores ortodoxos espalharam-se pelo Ocidente cristão, houve um esforço para que isso acontecesse, como forma de evangelização.

6. A MOBILIDADE FÍSICA E ESPIRITUAL DAS PRIMEIRAS CRISTÃS

Um aumento das viagens de cunho religioso de cristãos dentro do território romano, que já acontecia no período de perseguições, com destino à Roma, à Terra Santa e aos túmulos de mártires, ganham um grande impulso com a legalização da fé cristã. Esses viajantes eram *peregrini*²⁰¹, pois estavam em movimento e fora de seu lar. “Etimologicamente, peregrino (*peregrinus*) é o expatriado ou o exilado”²⁰². Essa categorização dividia os habitantes do Império entre cidadãos (*cives romani*) e não cidadãos (*peregrini*). Com o passar do tempo, o conceito de *peregrini* passou a não englobar os escravos, era utilizado para os estrangeiros, essa generalização começou a ser questionada por parte daqueles habitantes das províncias anexadas por Roma, pois esses também queriam fazer parte do Império de forma jurídica e política.

A concessão de cidadania passou então a ser mais maleável, passou a ser concedida a alguns habitantes provinciais, seguindo algumas regras, por exemplo, os estrangeiros que fizesse parte do exército romano²⁰³.

O conceito de peregrino, antes atribuído a simplesmente alguém que não fosse romano, era dividido entre Peregrinos Ordinários, pertencentes aos povos que foram anexados pacificamente, e que tinham a liberdade de uso de seus costumes e suas leis, e também poderiam usar o *ius gentium*, com adaptações poderia ser aplicado aos estrangeiros também.

Os outros tipos de peregrinos eram os Peregrinos Dedíticos, povos cuja a anexação não foi pacífica, onde os romanos enfrentaram resistência e precisaram lutar pela sua dominação. Esses eram proibidos de praticar seus costumes e usar suas leis, ficaram submetidos ao *ius gentium* e, em alguns casos, ao *ius commercii*.²⁰⁴

Com a expansão do Império, Roma precisou ampliar a aceitação e implementação de estrangeiros em sua sociedade como cidadãos. Então, em 212, o imperador Caracala lança um édito concedendo cidadania a todos os homens livres residentes dentro do território romano, com exceção dos dedíticos²⁰⁵.

A partir dessas mudanças em torno de quem era cidadão romano e de quem era estrangeiro, a movimentação aumentou dentro do Império, e a palavra *peregrinus*

201 Peregrino, do latim: *peregrinus*; pl. *peregrini*.

202 LE GOFF, J.; SCHMIIT, J.C., 2002, p. 354

203 MATHISEN, 2006, p. 1013.

204 OLIVEIRA, 1998, p. 51-52

205 MATHISEN, 2006, p. 1014.

ficou relacionada, de forma resumida, ao viajante, que nessa época era, em sua maioria, composta de fiéis cristãos que estavam se encaminhando aos seus locais sagrados. Os templos de deuses romanos também recebiam aqueles viajantes que iam praticar sua devoção. A ascensão do cristianismo agregou um sentido religioso e filosófico à peregrinação, a *peregrinatio* tomou um significado não só de movimento, mas de transformação espiritual. O cristianismo inaugurou a peregrinação espiritual.

A partir do século IV, a peregrinação aos lugares sagrados do cristianismo toma um impulso grande, muitos são os fiéis que partem em destino à Terra Santa, a Roma ou às tumbas dos mártires cristãos

“Com o reconhecimento oficial do cristianismo, no século IV, a veneração das relíquias romanas estendeu-se a todo o mundo cristão, enquanto grandes santuários vieram a ser edificadas [...] mas até o século VIII eram as catacumbas e cemitérios suburbanos que atraíam os peregrinos, momento a partir do qual os papas decidiram transferir os corpos de inúmeros mártires para dentro de basílicas a fim de protegê-los de profanações, As transladações de corpos santos encerraram-se em meados do século IX”²⁰⁶.

O ato de Constantino de transformar o Cristianismo em religião oficial provocou um grande movimento de pessoas dentro do Império, essa mobilidade era impulsionada pelos membros eclesiásticos que necessitavam de uma ocupação dos espaços de culto judaico e pagão, auxiliados também pela malha de estradas romanas que interligam as várias províncias.

A estratégia era transformar antigos locais de culto em Igrejas Cristãs, a viagem é uma necessidade política, ao promover a peregrinação religiosa aos lugares sagrados, o cristianismo estabelece um domínio do espaço, antes dividido entre outros cultos. O cristianismo conquistou e sacralizou espaços de atuação, utilizando não somente da retórica e da palavra para a conquistar e se firmar dentro do Império, o uso da violência física também foi recorrente. A cristianização não se deu apenas no campo espiritual, mas no campo geográfico também, a fim de que seus fiéis se reconhecessem no ambiente em que transitavam.

Nesse sentido, o papel dos *loca sancta* foi fundamental. Eles se multiplicaram muito entre os séculos III e IV, os locais dotados de sacralidade eram desde o espaço geográfico da trajetória do Cristo até os túmulos dos mártires cristãos. Para movimentar esses locais, investiu-se muito no incentivo das peregrinações.

206 Idem, p. 358.

A origem desses peregrinos era diversa, vinham de várias partes do Império, atravessavam lugares inóspitos, geograficamente e socialmente perigosos, para reafirmarem a fé, pelo caminho eram acolhidos por monges e bispos, que ofereciam guarida depois de um dia inteiro de caminhada.

Esses viajantes eram conhecidos como peregrinos, pois eram estrangeiros que estavam de passagem, longe de sua terra natal. O movimento humano dessas viagens ajudou a disseminar a fé cristã, pois, no retorno ao lar, muitos peregrinos iam evangelizando pelo caminho.

Há muitas referências na Bíblia acerca do peregrino, pois para o cristianismo, o ser humano é um estrangeiro/viajante na terra, está aqui de passagem até seguir para a Cidade de Deus, que seria o Paraíso. De fato, os grandes padres da Igreja tiveram papel preponderante nas peregrinações do século IV.

A concepção de peregrino para os cristãos não envolve apenas o ato de visitar lugares santos, paralelamente a isso há uma busca pelo aperfeiçoamento espiritual e busca para a fé. A noção cristã de *peregrinatio* remonta a Plotino (205-270), seu pensamento neoplatônico influenciou muitos pensadores no período tardoantigo. Egípcio, da cidade de Licópolis, Plotino foi influenciado pelo pensamento de Platão, difundido pelo filósofo Amônio de Sacas, de quem se tornará discípulo, fundador da Escola Alexandrina, grande centro de saberes durante os séculos III e IV.

Plotino não era cristão, ele se entendia como um comentador de Platão, aprofundando os princípios platônicos. Ele desenvolveu uma linha de pensamento que teve grande aceitação nesse meio, a construção do poder Uno, que foi de encontro à unidade cristã. A contemplação do Uno para Plotino era o bem, e tudo participa da ideia do uno, dando unidade a todas as coisas.

No cristianismo, a ordem é dada por Deus, o Divino, responsável por todas as coisas e que está em um plano superior, assemelhando-se ao Uno de Plotino.

Plotino influenciou muito o ascetismo seguido por muitos peregrinos, monges e membros eclesiásticos, essa vida de privações para ele era uma busca por virtudes, porque somente através delas poderia se aproximar do Uno. No entanto, a alma era naturalmente virtuosa, mas corrompida pelo corpo, portanto pensava ele que seria melhor não encarnar. Plotino parecia sentir vergonha de ter nascido humano²⁰⁷.

207 BROWN, 1976, p. 96.

Assim como seus princípios, o comportamento ascético que ele praticava denotava um desengajamento do mundo, deixar o mundo clássico e civilizado era o movimento necessário para resgatar as virtudes da alma, segundo Peter Brown, o significado do ato do monge é o deslocamento da sociedade dos séculos IV e V²⁰⁸.

O apelo e o significado do ascetismo que varreu o mundo romano no século IV marcou uma ruptura com o que era praticado anteriormente, tudo se modificou, desde o modo das pregações, os locais de reuniões e a cultura que emergiu desse movimento²⁰⁹, era um grupo de pessoas desengajadas do mundo, o desapego rumo ao encontro do divino seria mais um movimento espiritual do que geográfico para muitos cristãos.

Tabennisi, no Alto Egito, parece ser um lugar de desenvolvimento dessas regras ascéticas de vida cristã, ligando células eremitas a grandes assentamentos de vida em comum e disciplinada e “que se expandiu com uma velocidade e flexibilidade que superaram qualquer dos empreendimentos organizacionais do final do Estado romano: até o final do século IV, os grandes mosteiros concebidos por Pacômio abrigavam sete mil monges”²¹⁰, antes de morrer, a ordem concebida por ele tinha nove mosteiros para homens e dois para mulheres.

Na Bíblia não há citação direta à prática ascética, mas muitos crentes interpretaram essas passagens, em que Jesus teria dito “Quem quiser ser meu discípulo renuncie a si mesmo e tome sua cruz e me siga”²¹¹, como um despojo do mundo, mesmo a prática da ascese não nascendo com os cristãos, o conceito de exercício espiritual e foco no aperfeiçoamento do espírito foi adotado por muitos cristãos dos primeiros séculos.

O estilo de vida austero e contemplativo desses homens e mulheres do deserto muitas vezes não era alcançados por outros crentes, que não aguentavam, por diversos motivos, as privações físicas e psicológicas vivenciadas por monges ou eremitas,

“Se o monasticismo eremita era árduo demais para pessoas de família, negociantes ou pessoas de temperamento moderado, admiradores entre eles aprenderam a reconhecer os monges que renunciavam ao mundo como

208 Ibid, p. 99.

209 Ibid.

210 Ibid, p. 99.

211 Mt 16:34; Mc 8:34; Lc 9:23.

guias dos caminhos para o céu, gente capaz de pedir a Deus pelas pessoas comuns e, portanto, bem-vista”²¹²

Os rigores da ascese passavam pela higiene, os cristãos, assim como os filósofos, recusavam-se ao prazer da água, raramente tomavam banhos, não frequentando os banhos romanos²¹³, para os filósofos essa atitude era sinal de austeridade, para os cristãos, abandono da preocupação com o corpo e o bem-estar físico.

Segundo Peter Brown, “os sírios eram as estrelas do movimento ascético: vagabundos selvagens vestidos de peles, e seus cabelos emaranhados fazendo com que pareçam águias, esses ‘homens de fogo’ surpreenderam e inquietaram o mundo greco-romano por seus gestos histriônicos”²¹⁴.

Eusébio de Cesareia descreve que os ascetas egípcios, nos tempos de Cláudio, tinham práticas apostólicas de origem hebraica, “e que por isso conservavam ainda a maior parte dos antigos costumes muito à maneira dos judeus”²¹⁵, os homens eram chamados de terapeutas, e as mulheres, de terapeutas, “ou porque como médicos livravam aqueles que os cercavam dos sofrimentos causados pela maldade às almas, curando-os e cuidando deles, ou pela limpeza e pureza de seu serviço e culto à divindade”²¹⁶.

O caminho do deserto foi percorrido por milhares de crentes nesses primeiros séculos do cristianismo, que seguiram com a vida de despojo, seja num cenóbio ou como eremita: “*Il senso de vivere nel deserto sta nel mortificare se stesse, nel fare penitenza, nell'umiltá, nel distacco intero dalla roba, dagli onori, nella resistenza ai piaceri, nel perdono ai nemici, nell'amore sincero del prossimo, nell'ativita sorpendente*”²¹⁷.

Agostinho de Hipona narra assim o hábito de sua mãe de visitar os túmulos dos mártires²¹⁸, segundo ele, o espírito que dominava Mônica era o amor à verdade:

“Levava aos mártires a sua cestinha com os comestíveis habituais, e não bebia senão um pequeno vaso de vinho aguado, e se eram muitos os

212 MARTY, 2008, p. 86.

213 VEYNE, 2010, p. 193.

214 BROWN, 1976, p. 98.

215 EUSEBIO, XVII 1-2.

216 Ibid., XVII – 3.

217 www.anacoreti.it/eremeiti-anacoreti/come-divintare-eremita-anacoreta/ Acesso em: 26/06/2020.

218 As sepulturas dos mártires, eram conhecidas como Martirias, nomenclatura que utilizaremos no decorrer do texto.

sepulcros dos mártires em que devia fazer a sua oferenda, bebendo em honra deles, levava sempre o mesmo vaso, de tal modo que não só estava já muito aguado, mas também bastante quente; e repartia-o em pequenos sorvos com os que a acompanhavam, pois com isso buscava a piedade, e não sua satisfação”²¹⁹

Agostinho baseia-se no exemplo de sua mãe para desenvolver a noção de peregrino. Para ele, antes de tudo peregrinos são “os que habitam numa pátria que não é sua”²²⁰, mas Agostinho vai aprofundar esse conceito quando ele afirma que todo homem é peregrino nessa vida”²²¹, ele apoia essa conclusão na passagem bíblica que narra a prisão de Davi pelos filisteus:

Sendo assim, a *peregrinatio* é, ao mesmo tempo, a condição do *peregrinus* que vive como estrangeiro numa pátria que não é sua, é a condição de cada homem sobre a face da terra, mas isso já num aspecto estritamente ontológico, pois se trata da relação específica com Deus”²²².

As razões da *peregrinatio* amparam-se na oração e na visita aos lugares santos para expiação dos pecados, como um movimento de penitência. Agostinho então trabalha dentro da ideia de estado e movimento, pois para ele, *peregrinatio* também era um estado daquele cristão que busca um aperfeiçoamento da sua fé, para alcançar a Nova Jerusalém, ou seja, o Paraíso Celeste e a vida eterna junto ao Pai.

Nesse sentido, percebemos como os valores ascéticos se encaixavam na prática da *peregrinatio*, pois seus principais seguidores, os monges, abandonavam a pátria, assim como Abrão abandonou a sua para seguir o chamado de Deus: “Ora, disse o SENHOR a Abrão, sai da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei”²²³.

A noção de *peregrinatio* vai se construindo sob dois matizes, o espiritual e o material, o material tem a ver com a questão do movimento, das viagens para a Terra Santa e visita às *Martírias*. A parte espiritual da *peregrinatio* envolve questões

219 AGOSTINHO, 1985, p. 77.

220 RUFINO, 2011, p. 114.

221 Ibidem, p. 115.

222 RUFINO, 2011, p. 115.

223 Gn 12:1.

teológicas e filosóficas, a complexidade desse conceito em Agostinho está no fato das variantes que ele atribui a sua compreensão do verdadeiro peregrino.

Para isso, ele estabelece um ponto de referência: Deus, a partir daí, ele desenvolve que o cristão tem que escolher entre dois caminhos, o afastamento de Deus (*peregrinatio ab deo*), e o retorno em direção a Deus (*peregrinatio ad deum*), para Agostinho, os que escolhem se afastar estão indo ao encontro do nada²²⁴.

Nesse sentido, o conceito de *peregrinatio* em Agostinho prevê que na realidade a viagem é para dentro de si, do seu eu, aproximando-se da concepção de Gregório de Nissa (335-394)²²⁵, que pede que o cristão peregrine para o Senhor, e não para a Terra Santa, “*tu mesmo o incitas a deleitar-se nos teus louvores, porque nos fizeste para ti e o nosso coração está inquieto enquanto não descansar em ti*”²²⁶. O caminho do verdadeiro cristão começa na sua conversão, uma *peregrinatio ad deum*, uma guinada em direção ao Pai²²⁷.

Gregório de Nissa será um dos eclesiásticos contrários à peregrinação feminina, parece que o bispo sentiu-se incomodado com tanta liberdade dada ao sexo feminino. Sua relutância, segundo ele, devia-se aos perigos que elas poderiam encontrar pelo caminho, a reprovação de Gregório às peregrinas aparece na Epístola 2, em que ele escreve: “*Una mujer no puede realizar un viaje tan largo si no tiene quien la acompañe, ya porque, debido a su debilidad natural, se la debe ser protegida en los lugares difíciles. Y, cualquiera (que) se a ella se une, o que tenga un alegado que se preocupe de cuidar de ella, o un creado que la acompañe, en ninguno de los casos está libre de falta. Pues, tanto si se confía un extraño, como a un familiar, no observa la ley de la continencia. Y, puesto que en aquellos lugares de Oriente, las posadas, las hospedarías y las ciudades tienen mucho de licencioso y de indiferente hacia el mal. Cómo se puede conseguir que a quien anda entre humos no se irriten los ojos?*”²²⁸.

Jerônimo de Strídon, embora não sendo um entusiasta da peregrinação feminina, não condenava a prática quando fosse realizada por uma asceta, o que o incomodava era o luxo da viagem de peregrinas que não renunciavam aos valores mundanos, a vida de contenção era para Jerônimo o caminho da perfeição em Cristo.

224 RUFINO, 2011, p. 123.

225 Ibidem, 2011, p. 126.

226 *Confissões*, 1985, p. 7.

227 RUFINO, 2011, p. 129.

228 Gregorio Nissa, *Epistulario* 2-67, apud LÓPEZ, 2010, p. 27.

A conotação de penitência para a expiação dos pecados, praticando valores ascéticos de pouco conforto, jejum e longas caminhadas, fazia parte da provação de fé dos peregrinos, “a peregrinação é uma prova espiritual” (SOT, 2002, p. 366), em que o cristão procurava a cura do corpo e da alma, com o perdão dos pecados²²⁹.

Cristãos saíam do seu lar numa viagem, muitas vezes, com retorno incerto, eram homens e mulheres que estava em busca de uma transformação espiritual: “O encontro não é de ordem sensorial e nem intelectual, mas existencial. Busca-se nesta experiência o estabelecimento de um contato com um dado que ultrapassa a experiência humana”²³⁰.

As peregrinações tinham os seguintes destinos: Roma (as romarias), em busca dos túmulos de Pedro e Paulo; a Terra Santa, percorrendo os caminhos do Cristo até o Santo Sepulcro, e os túmulos dos mártires cristãos, esses últimos têm relação intrínseca com o grande movimento de peregrinação intensificado durante o século IV: “Todos estes morreram na fé, sem ter obtido as promessas; vendo-as de longe, e saudando-as, e confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra”²³¹.

229 SOT, 2002, p. 353.

230 SOT, 2002, p. 355.

231 Hb 11:13.

7. AS MÁRTIRES

A palavra mártir vem do grego *martius*, que significa uma testemunha de um fato de que ele tem conhecimento por observação pessoal, “[...] os primeiros exemplos do uso da palavra *martius* na terminologia cristã, com uma nova sombra, de significado já é perceptível além da significação aceita do termo”²³².

A modificação se deu com os discípulos cristãos, os que sofreram penalidades corporais, como torturas, detenção ou morte, quando relatavam os fatos referentes a sua fé, como os testemunhos pessoais de milagres cristãos realizados por e em nome de Jesus,

“As carreiras dos apóstolos eram sempre assediadas por perigos de caráter mais grave, até que todos sofressem a última penalidade por suas convicções [...] assim, durante suas vidas, o termo *martius* passou a ser usado no sentido de uma testemunha que, a qualquer momento, poderia ser chamado a negar o que testemunhou, sob pena de morte [...] a partir desse estágio, a transição foi fácil para o significado comum do termo, como é usado desde então na literatura cristã: um mártir ou testemunha de Cristo é uma pessoa que, embora nunca tenha visto e nem ouvido o Divino fundador da Igreja, ainda está tão firmemente convencido das verdades da religião cristã que ele sofre de bom grado a morte, em vez de negá-la”.²³³

Cipriano de Cartago deu o título de mártir a fiéis vivos, como bispos, padres e leigos condenados à servidão penal nas minas. Ele mesmo morreu martirizado em 258 d.C., após o Imperador Valeriano recrudescer a perseguição aos cristãos²³⁴.

Até o século III, o título de mártir era dado para aqueles fiéis que ainda estavam vivos e sofreram perseguições e duras penas, a partir do século IV, o título de mártir será concedido aos que pagaram com a vida a defesa de sua fé²³⁵.

A busca pelo martírio não era aconselhada, segundo Gregório de Nazianzo “é mera imprudência buscar a morte, mas é covarde recusá-la”²³⁶. Cipriano, no entanto, foi clemente com aqueles que cometeram apostasia e se arrependeram, chamados por ele de *lapsi*, muitos desses cristãos apóstatas ficaram com medo da perda de bens²³⁷, mas quando se arrependeram, Cipriano os acolheu e os aconselhou, nesse caso, em procurar um martírio como prova de expiação da sua falta, “A luta ainda está

232 Disponível em: <www.newadvent.org/cathen/09736b.htm>. Acesso em: 25 mai 2020.

233 Ibidem.

234 GONÇALVES, 2029, p. 163.

235 *Ammianus Marcellinus* XXII, xvii.

236 *Orat*, xlii, 5,6.

237 GONÇALVES, 2009, p. 162.

avançando [...] e a luta é travada diariamente. Se os *lapsi* verdadeiramente e com constância se arrependem do que fizeram, é o fervor de sua fé que prevaleceu, aquele que não pode se atrasar pode ser coroado”²³⁸.

O verdadeiro martírio consistia na fé em Deus, afirmava Clemente de Alexandria, para ele, a provocação de uma autoridade com o objetivo de se martirizar não era diferente de um suicídio e, portanto, não era um verdadeiro martírio²³⁹.

Eusébio, bispo de Cesareia, viveu durante as perseguições de Valeriano aos cristãos, ele mesmo sendo preso, foi acusado de apostasia. Tendo pessoalmente presenciado martírios em Tiro e em Tebaida (Egito), relatou essas experiências em sua obra *História Eclesiástica*, obra monumental que narra a saga cristã desde Jesus até o século III. Nessas linhas, há a descrição de inúmeros martírios, mas notamos que os femininos são em menor número, podem ter sido descartados de algum registro por não serem de grande importância.

Na passagem sobre as perseguições de Décio contra os cristãos, ocorridas em Alexandria, Eusébio expõe narrativas de testemunhas que afirmam que antes de serem formalmente legalizadas, já ocorriam em torno de um ano. Aparecem aí o nome de cinco mulheres: Quinta, Apolônia, Ammonaria, Mercuria e Dionísia, todas martirizadas por defenderem a fé cristã.

A adoração dos mártires começou logo após as primeiras mortes cristãs, o costume de venerar mortos era comum na religião romana, as famílias veneravam seus entes queridos, esse costume cristianizou-se e, com as perseguições cristãs, os que morreram na defesa da fé transformaram-se, em poder e admiração, em heróis greco-romanos.

Nas culturas antigas, era comum a ideia de que certos indivíduos tinham um status elevado, devido a suas conexões com o Divino²⁴⁰, na Grécia antiga, heróis como Hércules, o filho de Zeus, era descendente de deuses e deusas e era humano, um super-humano, os cidadãos romanos já tinham familiaridade em cultuar seres de grandes poderes espirituais, mas que tiveram uma vida terrena.

Não podemos separar a influência de comportamentos pagãos, em algumas práticas cristãs, o imaginário do homem tardoantigo ainda tinha forte presença de uma sociedade romana que venerava seus deuses. Um exemplo interessante é o culto a

238 *Cap*, xiii.

239 CARDINI, 2011, p. 62.

240 RAPP, 2007, p. 549.

Asclépio, filho de Apolo, outro herói filho de um deus e uma mortal, esse culto teve uma prática abrangente, em torno de 300 templos a ele dedicados, que recebiam um grande volume de visitantes, Asclépio era procurado para a cura de doenças²⁴¹.

A violência que os primeiros cristãos encontraram possibilitou que os que foram martirizados pela fé fossem vistos como heróis, não eram semideuses, mas sim humanos capazes de desafiar o poder terreno em defesa da fé, fazendo com que muitos acreditassem que esses martírios eram reservados a pessoas espiritualmente elevadas que tinham a missão de defender a palavra de Deus.

Observamos a importância do martírio para os primeiros cristãos com o exemplo de Cipriano de Cartago, morto em 14 de setembro de 258, após ser preso e reafirmar sua fé cristã ao Procônsul Galério Máximo, foi decapitado e seus restos mortais foram trasladados por devotos em cortejo portando círios e tochas e entoando preces ao seu local de sepultamento, onde mais tarde foi construída uma Igreja.

O costume de enterrar os mortos fora das cidades obedecia à décima lei romana das Doze Tábuas, que proibia queimar e sepultar cadáveres dentro dos limites da cidade “[...] para salvaguardar a pureza das habitações e evitar contaminações impuras, razão por que os mortos eram sepultados fora dos muros, geralmente ao longo das vias que passavam longe das casas”²⁴².

A proliferação dos *loca sancta*²⁴³ e a construção de monumentos nos lugares de sepultamento transformaram o simples e familiar culto dos mártires em algo mais grandioso e em instrumento eficaz de cristianização²⁴⁴, pois além de ocuparem um espaço geográfico, movimentavam peregrinos por todo o Império, provocando o fortalecimento e a evangelização de muitas comunidades.

Dentro dessa prática, encontram-se também as comemorações em honra dos mártires, com visitas aos túmulos, acompanhadas de pregações, segundo o historiador Gilvan Ventura

“A consolidação do culto dos mártires acarretava não apenas a remodelação do calendário, mas também a criação de uma geografia do sagrado cujo epicentro eram os martyria, as sepulturas dos mártires instaladas no território extramuros que, na passagem do século III para o IV, se convertem em pontos focais da congregação, passando a atrair uma quantidade crescente

241 RAPP, 2007, p. 549.

242 PERCIVALDI, 2013, p. 221.

243 Local de sepultamento do mártir.

244 SILVA, 2019, p. 21.

de peregrinos que a elas se dirigem na expectativa de usufruir da força mística contida nas relíquias”²⁴⁵.

Sacerdotes cristãos organizaram um calendário de festas conforme as datas dos martírios, e foram enumerados inúmeros benefícios espirituais para os peregrinos, assim, os peregrinos acreditavam que essa experiência mística do contato com o sagrado aperfeiçoaria a sua fé e os levaria mais perto do Divino.

A Igreja Cristã se assemelhava em muitas formas a alguns cultos orientais, como a sua intolerância ao mundo exterior, seus cultos eram exclusivos e frequentemente fechados a estranhos, mas o que fez a diferenciação entre os cultos existentes no período foi que o cristianismo pregava que o homem poderia ser salvo já neste mundo, desde que fosse batizado, oferecendo uma alternativa de vida terrena²⁴⁶.

A ocupação do espaço promoveu também uma postura disciplinar por parte dos fiéis, desde o vestuário até as normas de comportamento nas peregrinações às *martyria*, nesse sentido, percebemos que, além do controle espacial, os sacerdotes cristãos estavam controlando os corpos e as mentes também. Esses fiéis poderiam responder com violência, se algum líder cristão os convocasse.

As festas em torno dos mártires ocorriam nas datas dos martírios e iniciavam-se com uma vigília à meia-noite, geralmente realizada por monges e virgens, outros fiéis também eram bem-vindos, nas cercanias da sepultura, “eram entoadas preces e salmodias²⁴⁷ à luz de círios e archotes”²⁴⁸.

Quando o sol começava a despontar no horizonte, iniciava-se a cerimônia em honra ao mártir, conhecida como *ortho*, os fiéis iniciavam um cortejo até a sepultura, onde realizavam a leitura do martírio, que ao final eram acompanhados por outro panegírico, logo após, havia a eucaristia, e a comemoração terminava com um almoço de confraternização. Ao término da refeição, os que moravam perto voltavam para casa, os peregrinos continuavam a viagem, mas havia alguns que dormiam ao pé da sepultura esperando que o mártir se comunicasse com eles através de sonhos²⁴⁹.

245 SILVA, G. V. da, 2019, p. 17.

246 BROWN, 1976, p. 65.

247 Ato de recitar os salmos.

248 Ibidem, p. 21.

249 Ibidem, p. 22.

Por toda a duração da festa, os fiéis obedeciam a um comportamento respeitoso, de meditação e contenção, para não incitarem comportamentos mais exaltados, não condizente com o momento, como bebedeiras e danças, atitudes que remontavam às comemorações pagãs. O discurso corporal relacionava-se à valores considerados passivos, portanto, femininos, como resistência, silêncio, submissão e sofrimento, em contraponto à construção do discurso greco-romano, com características mais viris, que remetiam a uma masculinidade. O formato dos discursos dos líderes eclesiásticos tinham uma característica de acolhida, por isso, entendemos que as mulheres sentiram-se mais à vontade e seguras nesses ambientes, pois, de alguma forma, eram respeitadas e ouvidas.

Durante o século IV, foi consolidada a veneração de relíquias sagradas dos mártires, acreditava-se que possuir partes dos mártires aumentava a capacidade de alcançar graças, perdão de pecados e cura de doenças.

Assim como os heróis gregos, os mártires cristãos simbolizavam a força do bem contra o mal, portanto, o desejo de possuir algum objeto, como unhas e cabelos, de um mártir, era garantia de proteção, o que gerou um mercado de contrabando de relíquias sagradas, que ocasionou várias profanações de túmulos: *“O culto dos santos explicita a demarcação do lugar dos corpos enterrados como privilegiados e faz entrever a avidez por desenterrar, mudar de lugar, desmembrar os corpos, guardar suas partes e seus ossos, o contato com aquele corpo santo ou qualquer reminiscência sua é vivido como um contato com a própria espera transcendental”*²⁵⁰.

Muitos governantes e líderes eclesiásticos fortaleceram o comércio de relíquias, pois a posse delas, exibidas em alguma Igreja, garantiria uma nova rota de peregrinação, além de doações para as paróquias.

Toda a movimentação que ocorreu por esses caminhos fortaleceu a ocupação ideológica do espaço, propiciando a expansão e o fortalecimento do cristianismo. No meio urbano, o cristianismo estava ganhando a disputa contra pagãos e judeus pelos espaços dentro da cidade, sinagogas e templos pagãos já tinham sido destruídos ou transformados em Igrejas Cristãs, a crescente cristianização do Império, a partir de Teodósio, no século IV, endureceu as relações com a comunidade judaica, principalmente na parte oriental do Império, nesse período os membros do clero cristão tiveram um amparo jurídico para perpetrarem represálias contra os judeus, foi

250 FONSECA, 2015, p. 59.

um período de grandes escritos antijudaicos e de ações contra sinagogas em muitos lugares²⁵¹, embora a conquista do espaço urbano estivesse favorável aos cristãos, o mesmo não ocorria no mundo rural.

Nas regiões rurais, mais afastadas do centro do poder régio, continuavam a praticar ritos pagãos, se mesmo no centro do reino a conversão oficial, em um primeiro momento, se deu praticamente de forma normativa, os lugares mais afastados necessitavam de mais atenção com relação à conversão católica. A destruição de altares pagãos e a construção de Igrejas católicas no lugar foi uma tática usada por diferentes segmentos do culto niceno, tanto normatizada em concílios como defendida por eremitas que passavam pelas regiões rurais com suas atividades evangelizadoras²⁵²,

“A partir do momento em que o Cristianismo passou a estar vinculado aos desígnios sócio-políticos do ocidente tardoantigo, as tentativas de conversão e evangelização daquelas populações rurais foram cada vez mais realçadas pelos poderes político-religiosos.[...] estes viam a unidade religiosa como condição *sine qua non* para a verdadeira e plena unidade política”²⁵³.

O grande contingente de peregrinos durante o século IV está diretamente ligado ao aumento dos *loca sancta*. Esse grupo era composto por homens e mulheres, muitos seguiam valores ascéticos, relacionados à desvalorização de aspectos corpóreos, abstendo-se de prazeres físicos, eram comuns penitências físicas, como flagelações, dietas rigorosas e jejuns, o objetivo era atingir a perfeição moral e espiritual²⁵⁴, valores identificados no Cristo.

Nem todos os peregrinos seguiam o mesmo modelo ascético, mas todos procuravam de alguma forma espelhar-se em Jesus, nos seus apóstolos, nos mártires, e as mulheres, na Virgem Maria. A prática da castidade e a manutenção da virgindade foram exaltadas como modelo de perfeição feminina.

Com a ascensão do cristianismo, um modelo feminino começou a ganhar corpo dentro das comunidades cristãs, o modelo virginal de Maria, mãe de Jesus. Embora o culto mariano tenha seu apogeu no século XII, é nesse início que serão lançadas as bases do culto mariológico²⁵⁵, e não poderemos entender o papel das da

251 SILVA, 2009, p. 3.

252 FRIGHETTO, 2005, p. 50.

253 Ibidem, p. 43.

254 Disponível em: <<http://www.bíblia.com.br>>. Acesso em: 26 mai 2020.

255 A mariologia compreende estudos teológicos acerca da Virgem Maria.

castidade e da preservação da virgindade na formação das Mártires e, posteriormente, das peregrinas e Mulheres Santas.

8. ANACORETAS E MONJAS

Embora a historiografia tradicional fale muito dos homens do deserto, em referência àqueles que viveram no deserto egípcio a partir das grandes perseguições, tanto solitariamente como nas primeiras comunidades religiosas de vida em comum, o deserto era habitado também por mulheres, anacoretas e monjas, que descobriram no deserto a resposta para sua vida espiritual: *“O deserto constitui-se, efetiva ou simbolicamente, no locus ideal do solitário. O eremita deverá a esse lugar sua própria terminologia etimológica, eremus. Desse modo, será aquele que, acima e antes de tudo, viverá no deserto. O deserto, porém, mais do que um lugar físico e geográfico, poderá se constituir em um lugar mental, psíquico [...]”*²⁵⁶

A relação que os cristãos têm com deserto é de longa data, tanto no Velho como no Novo Testamento, as experiências de revelação de Deus se dão nesse ambiente, há uma dupla experiência vivida nele, de benção, de fidelidade e também de pecado. O deserto sempre representou uma dualidade, um lugar onde poderia se dar o contato mais estrito com Deus, mas também as tentações do diabo estariam sempre rondando, pois tais eram as dificuldades de vida nesse lugar austero que ceder às falhas do espírito era comum.

Nesse sentido, percebemos que há duas formas de deserto: o geográfico e o espiritual. Com relação à parte geográfica, os desertos onde se localizavam os episódios bíblicos e com uma grande presença de anacoretas e de monges eram os desertos egípcio, palestino e o sírio.

A escolha geográfica do deserto pode ser entendida de duas maneiras, lembrando que as grandes cidades desse período no Oriente Médio romano eram vizinhas de grandes partes desérticas, como Alexandria, Constantinopla e Jerusalém.

No período das grandes perseguições, os desertos acolheram aqueles que fugiram das prisões nas cidades romanas. Um outro motivo era a própria paisagem do deserto, que favorecia a escolha de vida ascética, de silêncio e contenções, era um ambiente rústico e difícil, sem os confortos urbanos.

O deserto também significava uma fuga para dentro de si mesmo, em forma de meditação, orando para pensar sobre os pecados cometidos e a busca de uma perfeição espiritual, que no cristianismo era a vida do Cristo *“A vida no deserto quisera*

256 AMARAL, 2009, p. 187.

em primeiro lugar romper com o ‘mundo’. Desse modo, o eremita que deixará o ‘mundo’ também acabará por deixar a própria história, pelo menos enquanto circunscrita e dinâmica ao tempo secular, porque mundana e corruptível. O deserto passará a ser o lugar onde o tempo e o espaço profano, ‘histórico’, serão relegados a um lugar secundário”²⁵⁷.

O monaquismo ocidental foi fortemente influenciado por esses cristãos do deserto, muitos dos padres da Igreja que “construíram” a estrutura do pensamento cristão tiveram essa experiência física e espiritual com o deserto.

Jerônimo de Strídon foi um dos grandes pensadores cristãos que tiveram essa prática ascética de vida no deserto²⁵⁸. Essa experiência definirá sua trajetória, e ele escreverá várias epístolas clamando a outros fiéis a importância da ida ao deserto, numa delas ele tenta convencer o monge Heliodoro a aderir à vida ascética, ele embasa as razões pelas quais seu amigo deverá segui-lo no retorno ao deserto:

“Oh desierto adornado con las flores de Cristo! Oh soledad en la que se encuentran aquellas piedras con las que en Apocalipsis se construye la ciudad del Gran Rey! Oh yerno que goza de la familiaridad divina! Qué haces, Hermano en el siglo, tú que eres mayor que el mundo? Hasta cuándo los techos te oprimirán con sus sombras? Hasta cuándo te retendrá la cárcel humeante de esas ciudades? Créeme, aquí puedo ver un no sé qué de más luminoso, es posible dejar la carga del cuerpo y volar al puro fulgor de cielo! Temes la pobreza. Cristo llama bienaventurados a los pobres. Te asusta el trabajo? Ningún atleta es coronado sin sudores. Te preocupa la comida? La fe no siente el hambre! Tienes miedo de dejar caer sobre la dura tierra tus miembros extenuados por el ayuno? A tu lado yace el Señor. Te horroriza la descuidada cabellera de una cabeza sucia? Tu pásate en espíritu por el paraíso. Siempre que subas allí con el pensamiento, dejarás de estar en el desierto. Que la piel se pone áspera por falta de baños? El que se ha lavado una vez en Cristo no necesita volverse bañar! Escucha, en suan, lo que a todo esto responde el Apóstol “No son comparables los sufrimientos

257 Ibidem, p. 191.

258 “Jerônimo nasceu em Stridone em 347, de uma família cristã, que lhe assegurou uma formação apurada, enviando-o a Roma para aperfeiçoar seus estudos. Quando jovem, sentiu a atração pela vida mundana (cf. Ep. 22,7), mas prevaleceu nele o desejo e o interesse pela religião cristã. Recebeu o batismo em 366, orientou-se à vida ascética e foi viver em Aquileia, inserindo-se num grupo de fervorosos cristãos, por ele definido quase como «um coro de beatos» (Chron. ad ann. 374) reunido em torno do Bispo Valeriano. Partiu depois para o Oriente e viveu como eremita no deserto de Calcide, ao sul de Aleppo (cf. Ep. 14, 10), dedicando-se seriamente aos estudos”. Disponível em: <https://www.veritatis.com.br/sao-jeronimo-de-stridone/>. Acesso em: 20 ago 2020.

de este mundo con la gloria que se ha de manifestar en nosotros²⁵⁹”.Muy cómodo eres, querido mío, si pretendes gozar aquí con el siglo, y después reinar con Cristo²⁶⁰.

Os Padres do Deserto eram aqueles cristãos que escreveram várias obras e ajudaram a definir os dogmas do cristianismo. Para Agostinho, *“a noção de dogma, passa pela ideia da fé inquestionável, para ele a fé naquilo que não se vê é o maior exemplo de fidelidade [...] Agostinho entende que alguns dogmas são ‘mistérios’, e a compreensão desses só se daria quando o fiel estiver no Paraíso na presença do Pai²⁶¹.*

A formação dogmática cristã foi construída por pensadores, embora estejamos tendo contato com inúmeras mulheres cultas e conhecedoras da Escritura, a elas não foi concedida uma participação nas discussões que deram origem à ortodoxia católica.

Observemos que, embora estejamos tratando aqui de oportunidade de escolha de um modo de vida diferente do que estavam acostumadas, continuava sendo uma sociedade patriarcal, com líderes homens que conversavam sobre a Escritura com mulheres cultas, muitas já administrando um cenóbio, mas que acabavam em uma situação de submissão hierárquica para com os homens.

Nesse sentido, novamente recordamos Hipátia, uma líder que viveu no mesmo século e na mesma região, era consultada por homens que tinham cargos altos na administração imperial, tinha um grupo de discípulos na Ágora²⁶², onde ministrava aulas de matemática, filosofia e astronomia, e acabou morta, e seus trabalhos, destruídos, fadada ao esquecimento, proposital. Caso sua vida não tivesse sido tão brilhante, que fez com que seus discípulos guardassem e reproduzissem a memória dessa alexandrina.

O “ambiente” do deserto geográfico não era somente um ambiente masculino, ele foi um espaço de coabitação entre pessoas dos dois sexos, as mulheres participaram efetivamente, inclusive da construção de ermidas e monastérios,

259 Rom,8,18.

260 JERÔNIMO, Epistulario XIV,10.

261 VALENTE, 2015, p. 62.

262 Derivado do grego, é a definição de um local onde ocorriam reuniões na Grécia Antiga, o termo perdurou devido à influência helenística na cultura romana. Portanto, local que reunia um certo grupo de pessoas, para debates ou aulas.

patrocinados por muitas matronas ricas romanas convertidas a uma vida de contenção.

Paládio, monge nascido na Galácia entre 363 e 364, entrou para a vida monástica em 386, impressionado por João Crisóstomo, ele se dirige em peregrinação à Terra Santa, em 388 chega à Alexandria, onde dois anos depois ele toma contato com o deserto e seus habitantes, solitários e cenobíticos.

Ele acaba ficando por nove anos na região desértica de Célia, onde havia diversas celas habitadas por anacoretas e monges, vivendo a experiência do deserto. Anos depois, já residindo em Helenópolis, na Bitínia²⁶³, onde virou bispo. Entre 419-420, um pouco antes de falecer, ele escreve *Historia Lausiaca*, sobre a experiência no deserto egípcio.

Identificamos mais de 19 mulheres, entre eremitas e monjas, essas já vivendo em um cenóbio. Algumas defensoras da virgindade, mas não ascéticas ao ponto de viverem em celas nas montanhas arenosas.

Essas mulheres eram provenientes de diferentes extratos da sociedade romana, escravas e aristocratas que resolveram seguir uma vida de contenção. Havia a criada Alejandra, ou Alessandra, ou Alexandra, que se fechou em um sepulcro no deserto e ficou dez anos sem contato com nenhum ser humano, só recebendo algumas provisões que eram deixadas à porta da cela e as quais ela recolhia para um pouco de comida e água. Ficou cerrada até a morte, sua experiência ascética estava relacionada com um sentimento de culpa que carregava por se achar responsável pelo enlouquecimento de um homem que muito a desejava, isolou-se do mundo à procura de expiação de um pecado que não era seu.

A percepção que Paládio tem acerca das mulheres cristãs aparece em uma carta de Paládio a Lauso²⁶⁴, intitulada *“Prefacio de La Vida de Los Santos Padres”*²⁶⁵, *“También evoca este opúsculo los recuerdos de mujeres ancianas e ilustres madres poseídas del Espíritu de Dios, que libraron las luchas del ascetismo con espíritu varonil*

263 Parte da atual Anatólia, na costa no Mar Negro, hoje Turquia. 264 Membro da corte do Imperador Teodósio II.

265 É importante esclarecer ao leitor que, segundo a edição traduzida da História Lausiaca, pela Ivory Falls Books, esse preâmbulo do livro não é da autoria de Paládio, e nem faz parte do corpo do texto da História Lausiaca, mas acabou aparecendo sempre junto à obra de Paládio, pois o estilo assemelha-se a sua escrita. Acreditamos que, mesmo com a suspeita de outro autor, pode refletir o pensamento do mesmo, ou de seus seguidores, a respeito da participação feminina nesses primeiros tempos cristãos.

*para ejemplo y meta de las que anhelan ceñirse la corona de la castidad y da la inocencia*²⁶⁶.

Uma figura feminina recorrente na História Lausíaca, com dois capítulos relacionados a ela e que parece ter uma relação muito próxima com Paládio, é Melânia, a Velha, avó de Melânia a Jovem, a quem Jerônimo considera um dos exemplos de mulher cristã.

O relato sobre Melânia a Velha de Paládio diz que ela era filha do ex-cônsul Antônio Marcelino; Rufino (que compartilhou um cenóbio com ela) e Paulino de Nola²⁶⁷ afirmam que ela era neta de Marcelino. Paládio diz que ela nasceu na *Hispania*, não especifica onde, novamente Paulino de Nola afirma outra coisa, que ela teria nascido em Roma entre 349-350.

Após enviuvar-se, embarcou para Alexandria com jovens e damas da aristocracia romana, chegando lá, vendeu os móveis que tinha trazido consigo e dedicou-se a uma vida ascética, visitou muitos padres e santos do deserto, foi presa quando transgrediu a proibição de levar provisões a alguns padres que foram desterrados para a Palestina. Ela seguiu os padres, apesar das proibições, e foi presa; em liberdade, teve a garantia de continuar os ajudando.

Quando eles regressaram do exílio, Melânia fundou um monastério em Jerusalém, onde viveu vinte e sete anos, e que contava com cinquenta virgens. Rufino, proveniente da Península Italiana, sacerdote e erudito, conviveu com ela nesse período. Anos mais tarde, volta a Roma, converte sua neta, o marido e sua nora, vende mais terras, e com eles embarca novamente para Jerusalém, onde veio a falecer²⁶⁸.

No capítulo *Santas Mujeres*, ele narra o encontro com as matronas romanas, e escreve: *“Hay que mencionar también en este libro algunas mujeres con cualidades varoniles a quienes Dios otorgó para la lucha idénticas gracias que a los hombres. Así nadie podrá poner de pretexto que son ellas demasiado débiles para la práctica perfecta de la virtud. Vi muchas y tuve oportunidad de visitar a no pocas doncellas y viudas distinguidas, de mérito excepcional”*²⁶⁹.

266 PALADIO, p. 21.

267 Considerado um Padre da Igreja, nasceu em 354 na Gália, foi cônsul, antes de largar tudo e viver como eremita no sul da Península Itálica.

268 PALADIO, XLVI; LIV.

269 PALADIO, XLL.

Nesse capítulo, dedicado a relatar o trabalho das matronas, ele relata o encontro que teve com essas devotas, como Venéria, esposa de um conde, Teodora, esposa de um tribuno, que escolheu viver à base de esmolas em extrema pobreza. As irmãs Hósia e Adólia, nobres que preferiram viver uma vida de contenção. Basianilha, esposa de um comandante do exército de nome Candidiano, a virgem Fátima, filha de um presbítero de Laudicéia, ambas vivendo asceticamente, e a diaconisa²⁷⁰ Sabiniana, tia de João, bispo de Constantinopla. Em Roma, também conheceu um casal recém-converso, Avita e Aproniano, e a filha de ambos, a virgem Eunômia.

Paládio relata também ter conhecido três mulheres, que pertenceram ao círculo de Jerônimo em Roma, a virgem Asela, Eustóquia e sua mãe Paula. Asela, uma anciã vivendo em um Monastério²⁷¹. Eustóquia não conheceu pessoalmente, mas a fama de sua rigidez ascética e hábitos irrepreensíveis, e sua mãe, a venerável Paula.

Relatando o caráter e a inteligência de Paula, ele faz uma acusação a Jerônimo, que segundo Paládio, teria boicotado racionalmente a Paula, por inveja de sua inteligência²⁷² e, com isso, a prejudicando de conquistas maiores.

Sobre “os voos mais altos que ela poderia alcançar”, entendemos como sendo um conhecimento maior dentro da ascese cristã, porque cargo eclesiástico não poderia ser.

Alguns padres da Igreja já vinham afastando a mulher do “errado” exemplo de Eva e começavam a colocar o espelho na Virgem Maria, o ideal de toda a mulher verdadeiramente devota.

As primeiras discussões sobre o papel de Maria na vida de Jesus iniciam-se logo nos primeiros séculos cristãos, no século II, o mártir Justino comparou Maria à Eva, no sentido de que a mãe do Cristo trouxe a redenção às herdeiras de Eva.

A concepção virginal e o dogma da virgindade perpétua foram usados como defesa do ascetismo e do celibato para muitas cristãs. Nos períodos iniciais, Maria aparece ligada ao termo *aeipárthenos* (do grego ἀειπάρθενος, sempre virgem) e, no

270 Função feminina dentro da Igreja que administrava o batismo, tratava do serviço do templo e cuidava dos pobres.

271 Podemos levantar a hipótese desse monastério ser a casa de Marcela no Aventino romano.

272 Ibidem, XLL. Com relação à acusação de Paládio contra Jerônimo, vários fatores estão aí inseridos: a saída turbulenta de Jerônimo de Roma e, principalmente, uma querela envolvendo Jerônimo e Rufino a respeito do Origenismo.

século IV, a doutrina da virgindade aparece ligada ao termo *De fide*²⁷³, algo como parte essencial da fé ortodoxa.

Assim como o reconhecimento das boas obras das ascéticas do deserto, a mulher começou a conquistar uma posição de liderança, passando a administrar comunidades monásticas. Não havia espaço de liderança em outras religiões nesse período.

E igualdade de gênero para questões intelectuais, como discussões dogmáticas e prática da ascese, foram reconhecidas por Paládio como sendo de competência igual para ambos os sexos: *“No IV século, parece já ter se estabelecido entre os Padres da Igreja certo consenso quanto à capacidade de a mulher superar o estigma do pecado lançado sobre ela por Eva e com isso se equiparar ao homem. De acordo com Clemente de Alexandria*²⁷⁴*, a mulher possuía uma capacidade intelectual para a vida virtuosa idêntica à do homem, não havendo, fora do matrimônio, distinção entre macho e fêmea, uma vez que era permitido a ambos desempenhar tarefas comuns*²⁷⁵.

Mas e com relação às posições mais altas dentro da hierarquia eclesiástica? Cargos eclesiásticos não eram de competência feminina, a exceção se colocava para a administração dos cenóbios femininos, fora isso, havia uma dicotomia dentro da Igreja no que se referia à participação igualitária da mulher e do homem, o historiador brasileiro Gilvan Ventura esclarece que *“A possibilidade de as mulheres virem a desempenhar na ecclesia um papel no mínimo equivalente ao dos homens logo se converteu em um notável catalisador para os líderes religiosos, notadamente os bispos, que trataram de se organizar em concílios com o propósito de bloquear uma ameaça iminente, ao mesmo tempo em que reforçavam a sua preeminência, instituíam a hierarquia eclesiástica e fixavam o que era canônico e ortodoxo em oposição ao que era apócrifo e herético. E, no entanto, as mulheres constituíam uma força dentro da Igreja que não poderia em absoluto ser ignorada. Sua devoção à causa cristã, seu ardor missionário e sua disposição à prática do ascetismo, especialmente no que dizia respeito à virgindade e à continência, eram contribuições importantes*

273 Fé tem origem no latim *fides*, que significa atitude de fidelidade. Durante o Império Romano, *fides* adquire uma conotação complexa, que envolve atitudes e deveres aplicados em diversos âmbitos da sociedade romana.

274 Teólogo e apologista grego, que viveu entre os séculos II e III na Palestina.

275 Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742007000100007&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 22 ago 2020.

*para a afirmação dos valores cristãos, não obstante o erro fundamental cometido por Eva. Nesse sentido, urgia redefinir o lugar ocupado pela mulher no plano de salvação, o que implicava refletir sobre a sua própria natureza*²⁷⁶.

A questão da ordenação feminina é uma discussão que acompanha a Igreja desde os seus primórdios, em nossa contemporaneidade do século XXI, o sacerdócio feminino católico é algo de difícil discussão e, portanto, uma mudança. A tradição católica argumenta dizendo que segue Jesus, que convidou apenas homens para o seguirem como apóstolos.

Essa justificativa esbarra em várias críticas, dentre elas, a importância de Maria, que foi escolhida por Deus para conceber em graça Jesus, e Maria Madalena, a prostituta que se converteu e se tornou árdua defensora e seguidora de seu mestre, e que foi personagem de filmes e de diversas interpretações durante a História.

Saindo do campo teológico, pensamos que essa tradição masculina tem a ver com a sociedade patriarcal em que estavam inseridos os Concílios que definiram a hierarquia de Igreja, dogmas e tradições, como o celibato e a suspensão da circuncisão.

Em um artigo recente, a filósofa e teóloga brasileira Ivone Gebara diz: *“Nessa problemática, há um outro dado importante: o cristianismo, na sua forma católica, é uma religião organizada a partir de fortes emoções culturais, em que o circuito de afetos revela uma espécie de divisão social dos poderes que reproduz a sociedade em que vivemos. A figura masculina de Deus Pai, Filho e Espírito Santo se reveste de um poder socioemocional absoluto, enquanto as figuras femininas como Maria e muitas santas se revestem de um poder absoluto doméstico, que assiste, acolhe, protege e cura. A representação sacerdotal masculina parece emocionalmente apegada ao poder político absoluto masculino, embora muitas vezes o poder efetivo seja feminino. Sabemos que a ordenação masculina obedece a uma dogmática hierárquica masculina, que começa com a imagem de Deus Pai, que dá poder ao Filho único, que envia o Espírito, perpetuado e simbolizado pelos sacerdotes masculinos*²⁷⁷.

Observamos então que a construção das tradições católicas acompanharam a representação da mulher na sociedade romana desses primeiros séculos, que era uma sociedade patriarcal, conseguiram liderar cenóbios femininos. O movimento

276 Ibidem.

277 Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/569049-ordenacao-de-mulheres-para-qual-igreja-e-com-qual-teologia-artigo-de-ivone-gebara>>. Acesso em: 22 ago 2020.

monástico teve muito mais repercussão, adentrando a Idade Média e seguindo adiante, que o movimento anacoreta.

Isso pode ter se dado por uma necessidade de organizar as devotas sob uma disciplina, que ocorreu também com a parte masculina. Antão do Egito, precursor desse movimento e responsável pela fundação de vários cenóbios, via essa necessidade, o anacoreta tem uma característica mais anárquica, no sentido de não se submeter a uma disciplina e seguir sua devoção, que poderia ser numa cela, um voto de mudez, a dieta cada vez mais restrita, não importava, ou a anacoreta administrava sua devoção e não acompanhava nenhuma liturgia.

Em sua maioria, as mulheres relatadas por Paládio são provenientes de classes mais altas, o que era também comum a elas era a mudança completa de vida, a venda de riquezas, para sobreviverem com uma dieta à base de pão e água, e esmolas.

A quebra de padrão social, do luxo a pobreza parece ser, na visão de Paládio, algo realmente que as coloca num grau de santidade, embora somente algumas tenham tratado dos pobres, doentes e peregrinos.

Algumas, como Paula, Melânia, a Jovem e Melânia, a Velha, observavam valores ascéticos, mas foram atuantes no meio, viabilizando construções de Igrejas e Mosteiros, assim como viagens e apoio a vários padres.

O número de pessoas que viveram em algum período de suas vidas no deserto durante o século IV é assombroso, Paládio de Galácia conta que no Deserto de Nitria²⁷⁸ viviam cerca de 600 eremitas, seguindo para a região do Saara, que Paládio chama de Grande Deserto, havia uma montanha, conhecida como Montanha de Nítria, onde existia uma comunidade com cinco mil homens que viviam isolados, ou em pares, de estilos de vida diferentes²⁷⁹.

Em meio a esse cenário, haviam mostérios femininos, três deles na região de Tebas, fundados por Pacômio, estava localizado na margem oposto de um mostério masculino, ambos separados por um rio, provavelmente o Nilo. Viviam ali cerca de 400 mulheres, o contato com os monges da outra margem só ocorria aos domingos e era feito por um sacerdote ou diácono, que atravessavam o rio quando

278 O Deserto de Nítria, citado tanto por Jerônimo quanto por Paládio e outros tantos Padres da Igreja, situa-se no que hoje é a Uádi Natrum, localizado na província de Al-Buhaira, no Egito, que é conhecida por outros nomes, Escetes em grego, que significa “os ascetas”, e Deserto da Nítria para os cristãos.
279 PALADIO, VII.

necessário, principalmente para buscar o corpo de alguma monja, pois eram enterradas no cemitério dos monges.

Não sabemos se elas obedeciam a alguma regra, talvez a que Pacômio idealizou para sua irmã, sabemos que a vestimenta era uniforme, todas usavam um abrigo de pele de ovelha. Quem as auxiliava na instrução das Escrituras era um monge de idade avançada chamado Ladeuze. Percebemos que aqui o monge ocupa uma posição de tutor, e recorriam a um presbítero para resolverem um problema de ordem maior, no caso uma situação envolvendo intriga e o suicídio de uma monja²⁸⁰.

Percebemos que a figura masculina nesse monastério ocupa os postos de maior importância, no caso do tutor, possivelmente não havia entre as monjas alguma que fosse realmente alfabetizada e iniciada no estudo das Escrituras, como vimos anteriormente, a educação era algo que as mulheres mais abastadas e de famílias mais liberais possuíam.

No caso de reportarem ao presbítero, como deveria ser o tratamento dado à suicida, isso reflete as incertezas com relação aos dogmas e à doutrina da Igreja. O ato de tirar a própria vida passa a ser condenado a partir de 348, no Concílio de Cartago. Em 381, o Bispo Timóteo de Alexandria proíbe orações para os suicidas.

E de onde vem essa classificação criminosa? Segundo consta, *“ele é condenado no Ocidente ao menos desde quando Santo Agostinho no Livro I de sua obra Cidade de Deus (capítulo XIX), no início do século V, tomou para si a tarefa de julgar o suicídio de Lucrecia (a filha do prefeito de Roma que tirou sua própria vida após contar para o marido do estupro que sofrera por parte de um nobre): ela deveria ser condenada ao inferno por ter tirado a própria vida do mesmo modo que um assassino tira a vida de um inocente. Com esse veredito, Agostinho aproximou o ato de se matar ao mandamento não matarás incluindo-o aí”*²⁸¹.

Percebemos, portanto, que o momento era de indecisão com relação à doutrina, em um caso no qual nem o monge encarregado da instrução das monjas conseguiu ajudar. O presbítero ainda aplicou uma pena de suspensão de comunhão e isolou por sete anos do convívio com as demais as envolvidas na intriga e que não ajudaram a resolver e a impedir o suicídio da virgem.

280 PALADIO, XXXIII.

281 Disponível em: <<https://pontocritico.org/tag/santo-agostinho-e-o-suicidio/>>. Acesso em: 23 ago 2020.

No mesmo cenóbio²⁸², é relatado o caso de uma monja que se fingia de louca, porque levava a cabo as palavras proferidas pelo apóstolo Paulo, em que ele aconselhava quem quisesse ser sábio nesse mundo que se fingisse de louco²⁸³. A monja então andava de um lado para outro, fazendo todo tipo de trabalhos e com a cabeça enrolada por trapos, enquanto as monjas usavam a cabeça raspada e usavam capuchas. Era isolada pelas demais e estava sempre sozinha.

As monjas afirmavam que ela não comia, pois nunca a viram fazer uma refeição, vivia à base de migalhas e restos de comida das panelas. Sofria abusos de todo tipo, desde injúrias, até golpes, e nunca revidava.

Nesse capítulo, ocorre o relato de uma situação muito interessante envolvendo essa monja e um anacoreta de renome, chamado Pítero, que vivia na região de Porfirites²⁸⁴. Eis que esse homem recebe a visita de um anjo, que diz a ele que existe uma mulher bem mais virtuosa do que ele em um monastério em Tabenese, a qual ele deve conhecer para saber realmente o que é virtude, ela usa panos na cabeça e leva uma vida de privações muito pior que a do anacoreta.

Pítero parte para o cenóbio, chegando lá, pede para ver todas as monjas, a “louca” vem arrastada, pois se recusa a ir ao encontro do anacoreta, ele a reconhece e se prostra aos pés da monja a reconhecendo como santa, o que momentaneamente causou indignação às outras. Explicado a devoção da mesma, o tratamento para com ela muda, e não suportando os agrados, possivelmente porque iam contra sua ascese, ela vai embora do cenóbio e desaparece, sem deixar rastros do restante de sua vida²⁸⁵.

Observamos também que, ao proferir as seguintes palavras em resposta às outras monjas que a apontavam como *sale* (termo usado pelos anacoretas como sinônimo de louco ou de quem finge demência para chegar mais perto do pensamento ascético), ele diz *“Vosotras si son sale; ella, en cambio, es nuestra amma mía e vuestra – pues este nombre se le da a las que siguen la vida espiritual –, y suplico al Señor que en día del juicio sea yo hallado digno de ella”*²⁸⁶. Percebemos aqui pela primeira vez nas fontes por nós analisadas a palavra hebraica *amma*, relativo ao feminino de *abba* (pai ou padre), é sinônimo de abadessa, e que se tornará um cargo

282 Localizado na região do deserto de Tabenese, no Alto Egito.

283 1 Co,3,18.

284 Uma colina localizada na região de Gébel Doukhan, próxima ao Mar Morto.

285 PALADIO, XXXIV.

286 PALADIO, XXXIV.

de grande importância, por sinal, o mais alto dentro da hierarquia da Igreja, no que se refere à presença feminina no clero.

Ainda de uso da História Lausíaca, Pacômio conta sobre a existência de doze mosteiros femininos na região de Antinoe²⁸⁷, num deles vivia uma virgem de grande devoção ascética e que se recusava a usar sapatos, vivia em total reclusão dentro do mosteiro e não saía nem para comungar na Igreja local, aos domingos, com as outras monjas.

Parece-nos que esse mosteiro se localizava em uma região mais urbana, visto que a cidade de Antinoe era chamada de Metrôpole de Tebaida.

Nesses dois tipos de cenóbio, um instalado em uma região rural e no deserto, um habitat de anacoretas, o outro já urbano. Ambos tinham monjas que, embora compartilhassem a convivência com outras, seguiam valores próprios, como os anacoretas, escolhiam o que não usar, ou comer, se falavam ou ficavam em isolamento.

Com o passar do tempo, e o cristianismo passando à legalidade e depois como religião oficial, a Igreja tinha ainda problemas em resolver com relação às inúmeras interpretações das Escrituras. Mesmo após o Concílio de Niceia, em 325, ter estabelecido o que seria ortodoxo, muitas heresias continuaram a arregimentar seguidores por todo o espaço romano.

A adoção do estilo cenobítico de Pacômio já funcionava como uma organização dos crentes, ao se submeterem a uma disciplina, obrigatoriamente se submetiam à ortodoxia, que regulamentava as regras monásticas que iam surgindo.

Os anacoretas, com um padrão enorme de liberdade com relação ao comportamento e a sua devoção, saíam do controle e davam espaço para alguma heresia os recrutar. Além do mais, a influência da Igreja ficava muito fragmentada, com diversas formas de práticas.

Em uma de suas epístolas, Jerônimo procura explicar a origem do anacoretismo: *“Y ya que tratando de las vírgenes he introducido casi innecesariamente el tema de los monjes, voy a pasar al otro género, a los llamados anacoretas, los cuales saliendo de los cenobios, se van por los desiertos sin más*

287 Atualmente sobraram apenas ruínas do que foi uma cidade muito importante na região egípcia de Tebaida.

*viático que pan y sal. El iniciador de este género de vida fue Pablo; Antonio lo perfeccionó, y, remontándonos más arriba, el primero de todos fue Juan Bautista*²⁸⁸.

O historiador brasileiro Renan Frighetto acaba por resumir perfeitamente a transformação de eremitas em monges cenobitas, no título principal de um de seus livros: *A Comunidade Vence o Indivíduo*²⁸⁹. Nesse trabalho, ele escreve: *“Além do caráter ascético, a prática monástica pregava, também, a separação física do ambiente secular e urbano circundante e a introdução de normas jurídicas para que a vida em grupo se tornasse mais ordenada. Esta era a essência daquilo que conhecemos como o monacato cenobítico, a forma de vida em comunidade ascética mais reconhecida pelas instituições eclesiais católicas da Antiguidade Tardia*²⁹⁰.

Dentro do material que analisamos para este trabalho, percebemos que havia uma interlocução com anacoretas homens e monges de mosteiros masculinos. Essa confraternização entre gêneros mostra que o ambiente vivido nos desertos tinha um caráter de comunhão entre cristãos.

Observamos que havia um sentimento maior de liberdade para as mulheres nesse sentido, de troca de conhecimento, escolha de vida e liberdade de ir e vir, que dará fomento à grande movimentação de peregrinas à Terra Santa no século IV. Não podemos esquecer que a classe social era que fazia a diferença na questão das peregrinações, viagens de custos altíssimos só eram possíveis para aquelas mulheres privilegiadas da aristocracia romana.

288 JERÔNIMO, *Epistulario*, 22-36.

289 FRIGHETTO, 2016.

290 *Ibidem*, p. 24.

9. AS PEREGRINAS

O lugar da mulher no período tardoantigo não diferenciou muito de como era organizada a sociedade romana. Durante a Antiguidade Clássica, Roma era patriarcal. No período conhecido com República, as mulheres obtiveram avanços com a supressão de leis relativas às vestimentas, heranças e matrimônio. Não chegaram a participar da política, pois por lei não podiam assumir cargos público, mas influenciaram direta e indiretamente os políticos.

“As mulheres romanas, mesmo em finais da República, participavam de banquetes e reuniões sociais importantes. De modo diverso das gregas, tinham o direito de propriedade e podiam até mesmo fundar negócios e, futuramente, mosteiro”²⁹¹.

Não havia opções para aquelas que não quisessem se casar, não havia escolha para a mulher fora do casamento, raros eram os casos em que as mulheres permaneciam solteiras, pois a elas também era imposto o casamento pós-viuvez, caso não se casassem novamente, o que era raro, o pagamento de impostos era maior”²⁹². O crescimento do culto mariano dentro da ortodoxia nesse período influenciou o padrão de comportamento para o sexo feminino pelos padres e membros eclesiásticos.

Na Antiguidade Tardia, o papel feminino estava atrelado à definição e interpretação que o cristianismo fez da mulher. Segundo a historiadora Mélanie Wolfram, as fontes tardoantigas nos mostram três tipos de mulheres: “as mais abastadas financeiramente, que se tornavam benfeitoras, apadrinhando a comunidade mais pobre, mosteiros e Igrejas, as monjas, e as que sofriam martírio”²⁹³.

Membros da Igreja preocuparam-se desde cedo com promover e incentivar uma conduta feminina que se assemelhasse à figura de Maria, sua simplicidade, devoção e pureza foram consideradas ideais para o sexo feminino, que já estava muito atrelado à noção do pecado original²⁹⁴. O crescimento do culto mariano dentro do cristianismo influenciou o padrão de comportamento para o sexo feminino, que deveria ser aceitável e seguido por uma verdadeira devota do Cristo.

291 FURLANI, 2013, p. 304.

292 FREISENBRUCH, 2010, p. 292.

293 WOLFRAM, 2012, p. 652.

294 SENKO; VALENTE, 2016, p. 106.

Os padres da Igreja preocuparam-se em defender o dogma mariano da virgindade perpétua, para eles, não se poderia compreender a natureza divina de Jesus se não fosse aceito que Maria concebeu e pariu virginalmente, O milagre da concepção divina não se dissociava da virgindade, para tanto, os Padres da Igreja Ambrósio de Milão, Jerônimo de Strídon e Agostinho de Hipona escreveram diversos tratados, epístolas e cartas defendendo essa posição dogmática, que se tornou uma das principais bandeiras dogmáticas da ortodoxia católica.

As primeiras discussões sobre o papel de Maria na vida de Jesus iniciam-se logo nos primeiros séculos cristãos, nessa época, era conhecida pelo termo grego *aeiparthénos* (sempre virgem), já no século IV, a doutrina da virgindade aparece ligada ao termo *De fide*, algo como parte essencial da fé ortodoxa²⁹⁵.

Era a personificação romana de lealdade, para os cristãos é a crença absoluta em Deus, a confiança e credibilidade na sua onisciência. Totalmente oposto ao sentimento da dúvida.

Podemos compreender que a noção de *Fides* romana empresta seu significado e importância para a *Fides* cristã, no que se refere ao sentido de confiança e credibilidade.

Agostinho de Hipona escreveu um tratado sobre a virgindade de Maria chamado *De sanctae virginitate*, em que o Cristo e Maria são exemplos perfeitos de castidade. Agostinho, que entendemos como uma questão dogmática é a inefabilidade de Deus. Com essa afirmação, Agostinho reafirma em sua obra *Confissões* que a perfeição de Deus não comporta erros²⁹⁶, se Deus é infalível, as Escrituras, que contêm sua palavra, também o são, logo, duvidar das Escrituras é duvidar de Deus e, por consequência, da verdade.

Uma passagem em *Doutrina Cristã* nos esclarece esse pensamento, segundo Agostinho, “[...] todo aquele que nas Escrituras entende de modo diferente ao do autor sagrado engana-se em meio mesmo da verdade, visto que as Escrituras não mentem”²⁹⁷.

A doutrina cristã demorou para ser unificada, muitos dogmas eram interpretados de formas diversas nesse período. Nos primeiros séculos, os embates

295 Etimologicamente, fé tem origem no latim *Fides* que significa atitude de fidelidade. Durante o Império Romano, Fides adquire uma conotação complexa que envolve atitudes e deveres aplicados em diversos âmbitos da sociedade romana.

296 *Confissões*, 1985, p. 10.

297 *A Doutrina Cristã*, 2002, p. 74.

entre cristãos eram muitos, havia todo tipo de discussão e querela teológica e algumas correntes cristãs não concordavam com a virgindade perpétua de Maria, o que motivou diversos tratados pelos defensores desse dogma.

Os defensores desse dogma ampararam-se, principalmente, em duas passagens do Evangelho, em Mateus 1:25: “Porém não teve relações com ela até que ela deu à luz o seu filho. E José pôs o nome do menino de Jesus”²⁹⁸; e em Lucas 1:34: “Então Maria disse ao anjo: Isso não é possível, pois eu sou virgem”²⁹⁹.

Remetemo-nos ao dogma da Anunciação, que segundo a autora Anna Paula Baptista³⁰⁰, marca, em termos teológicos, o início da vida humana de Cristo e a justificativa de sua dupla natureza, Maria teria papel primordial nisso. Uma virgem concebida em milagre. Por volta do século II, Maria passa a ser vista como uma segunda Eva, que traria a redenção da primeira, condenada pelo pecado original.

Para isso, a cristandade tratou de aliá-lo ao mistério da Encarnação, que era um dogma fundamental. A Encarnação de Deus começou a ser explicada pela exegese e textos patrísticos, através dos Evangelhos de Mateus, Lucas e João. Todos apresentam alguma citação referindo-se ao profecia de Isaías “Por isso, o próprio Senhor vos dará um sinal: uma virgem conceberá e dará à luz um filho, e o chamará ‘Deus Conosco’”³⁰¹.

Já o dogma da virgindade perpétua de Maria *ante partum in partum post partum* achou a justificativa em Ezequiel 44:2: “O Senhor disse-me: Este pórtico ficará fechado. Ninguém o abrirá ou passará, porque o Senhor, Deus de Israel, aí passou; ele permanecerá fechado”³⁰².

O bispo Jerônimo de Strídon, defendia a experiência ascética da vida no deserto, ele nasceu de pais cristãos, mas ainda jovem, abandonou o conforto da morada paterna e foi viver como eremita no deserto de Calcis³⁰³.

“Quando eu vivia no deserto, exausto pelo calor do sol, na vasta solidão que dá aos eremitas uma solitária morada, quantas vezes os prazeres de Roma pareciam me assaltar! Permanecia sozinho, porque estava repleto de amargura. As vestes de saco desfiguraram meus membros e minha pele magra se tornara negra como a de um etíope.

298 Mt 1:25.

299 Lc 1:34.

300 BAPTISTA, 1998, p. 27.

301 Is 7:14.

302 Ez 44:2.

303 Localizado na Síria atual.

Chorava e gemia todos os dias, e quando o sono ameaçava superar minhas lutas, os meus ossos nus colidiam com dificuldades contra o chão. De minha comida e bebida eu nada falo, pois, ainda que esgotados, para os eremitas, beber água fria e aceitar alguma comida cozida já é visto como extravagância. Embora em meu medo do inferno eu me encerrasse nessa prisão, onde não tinha outra companhia a não ser a dos escorpiões e das feras selvagens, frequentemente me via rodeado por um bando de garotas. Ainda que minha carne estivesse como que morta, com meu rosto pálido e meu corpo macerado pelos jejuns, minha mente queimava de desejo, e as chamas da luxúria ainda fervilhavam em mim. Desamparado, eu me jogava aos pés de Jesus, derramava sobre eles as minhas lágrimas e as enxugava com meu cabelo: e então submetia meu corpo rebelde a semanas de abstinência. [...] Lembro-me o quanto clamava em alta voz toda a noite até o romper do dia, sem parar de bater em meu peito até que, à repreensão do Senhor, voltasse a ficar tranquilo. Eu chegava a temer minha própria cela, como se ela soubesse os meus pensamentos, e, então, irritado comigo mesmo, saía sozinho pelo deserto. Onde eu encontrasse vales cavernosos, montanhas rochosas ou despenhadeiros, ali eu fazia meu oratório, a fim de corrigir a minha carne infeliz. Aí – e disso o próprio Senhor é minha testemunha –, depois de ter derramado copiosas lágrimas e esticar os meus olhos aos céus, eu às vezes me sentia entre os coros angélicos, que com gozo e alegria cantavam: ‘Como perfume derramado é o teu nome, por isso as jovens enamoram-se de Ti’ (Ct 1, 3)³⁰⁴.

É na experiência eremítica do deserto que nascerá sua vocação de asceta e o começo de sua habilidade na escrita.

Após três anos no deserto, Jerônimo foi à Constantinopla, onde se juntou aos discípulos de Gregório de Nazianzo³⁰⁵, após dois anos, ele parte para Roma, onde passou os três anos seguintes (382-385) na corte do Papa Dâmaso I, para ser o secretário do papa Dâmaso. Além disso, assume a função de traduzir para o latim o que ficaria conhecido como a Vulgata³⁰⁶.

Em Roma, Jerônimo será seguido por um grupo de mulheres aristocratas que se influenciaram pelos seus escritos e começaram a transformar suas confortáveis vidas em modelos mais ascéticos, preservando a castidade, doando bens para mosteiros e Igrejas e realizando peregrinações,

“En torno a él se van a formar grupos de personas consagradas a la vida espiritual y al estudio, que si por una parte le van a exigir una atención continua, no siempre fácil, por otra le estimularán continuamente en sus

304 São Jerônimo, *Epístola XXII* 7 (PL 22,398-399).

305 Patriarca da Igreja de Constantinopla, teólogo e influenciador da formação exegética de Jerônimo.

306 De *versio vulgata*, ou versão dos vulgares.

áridos trabajos exegéticos. Eran personas que como él en la urbe turbulenta supieron hallar el yermo de los monjes (Carta, 24,4)³⁰⁷.

Duas mulheres se destacarão nesse ambiente: as matronas Marcela e Paula.

9.1 AS DISCÍPULAS DO AVENTINO: PEREGRINAS RELIGIOSAS

A primeira das matronas cristãs que Jerônimo conheceu em Roma foi Marcela, uma rica viúva, dona de um palacete na região nobre de Roma, conhecida como Aventino. Nesse endereço, Marcela, que aderiu ao ascetismo depois de enviudar, formou uma comunidade de virgens, como um monastério. A casa de Marcela foi um ponto de encontro onde as nobres romanas e jovens virgens que estavam seguindo o caminho da ascese se encontravam para ouvir a pregação de Jerônimo sobre as Escrituras.

A relação de Jerônimo com Marcela é diferente da dele para com Paula, Marcela tinha uma personalidade mais forte e discordava do mestre, discutiam de igual para igual, serão inúmeras cartas endereçadas a ela, seja para recomendar a acolhida de uma nova discípula, seja para discutir dogmas.

Marcela era órfã de pai e perdeu logo depois o marido, com apenas sete meses de casada, decidiu, então, refugiar-se com sua mãe Albina no seu palacete em Aventino e estudar as Escrituras e converter-se à prática ascética. Hospedou em sua casa Epifânio de Salamina, quando esse esteve em Roma em 382. O bispo era um ardoroso defensor da ortodoxia cristã, ou seja, aqueles dogmas já aprovados por uma maioria nos Concílios, as assembleias onde bispos e outros membros eclesiásticos discutiam dogmas e políticas.

Na Carta 127, endereçada à virgem Princípio, Jerônimo trata de mostrar Marcela como uma mulher santa, que desde sua viuvez decidiu dedicar-se à castidade e como ela recusou propostas de casamento em preferência a uma vida dedicada a Cristo.

Jerônimo faz um contraponto entre a vida de Marcela e de outras viúvas romanas, exaltando as qualidades cristãs de sua discípula. Ele conta a Princípio que Marcela raramente aparecia em público e evitou cuidadosamente as casas de damas

307 Disponível em: <<https://archive.org/details/SANJERONIMOEpistolario/page/n27/mode/2up>>. Acesso em: 12 jun 2020.

de posição, para que ela não fosse forçada a ver o que tinha rejeitado, ia com frequência às igrejas dos apóstolos e mártires para sossegadamente proferir suas orações, evitando a multidão do povo.

Era tão obediente a sua mãe que ocasionalmente fez por ela coisas que iam contra sua intensão. Por exemplo, Albina era devotada a seus próprios parentes e desejava deixar todas as suas propriedades para os filhos de seu irmão, cortando seus filhos e netos: Marcela teria preferido dar para os pobres, mas ela ainda não conseguia contrariar sua mãe e entregou seus colares e outros objetos para pessoas que já eram ricas, para elas desperdiçarem. Ela preferiu ver o dinheiro perdido do que irritar os sentimentos de sua mãe³⁰⁸, em contraponto às viúvas pagãs que costumam pintar o rosto com ruge e chumbo branco, para ostentar em vestidos de seda, para se enfeitar com joias reluzentes, para usar colares de ouro, para pendurar em suas orelhas furadas as pérolas mais caras do Mar Vermelho e cheiravam a almíscar.

Regozizando-se por terem escapado finalmente do domínio de um marido, procuram um novo companheiro, ao qual não precisem render-lhe obediência, como Deus ordenou, mas para mandarem, por isso, elas escolhem homens pobres, maridos apenas no nome, que devem pacientemente enfrentar os rivais e, se eles reclamarem, podem ser expulsos no local. Marcela, por outro lado, usava roupas que foram feitas para mantê-la aquecida e cobrir-lhe os membros. Não usava joias, e as que ganhava preferia trocar por comida para os pobres³⁰⁹.

Sempre acompanhada da mãe quando visitava os monges, ou membros do clero, o que era frequentemente necessário para as necessidades de sua grande casa. Sempre sua comitiva consistia de virgens e viúvas, e todas eram mulheres sóbrias; pois ela sabia disso, uma empregada atrevida é um reflexo do caráter de sua patroa, e que as mulheres geralmente preferem a companhia de pessoas como elas³¹⁰. Para Jerônimo, o fervoroso amor que Marcela tinha pelas Escrituras de Deus superava qualquer crença.

A Carta a Principia é um modelo a seguir pelas viúvas cristãs, para ele, o ideal era que não voltassem a se casar, como aconselhou Paulo, *“Todavia, será mais feliz se permanecer viúva, segundo a minha opinião; e penso que também eu tenho o*

308 JERÔNIMO, Epistulario CXXVII, 4.

309 Ibidem, 3.

310 Ibidem, 4.

*Espírito de Deus*³¹¹. Percebemos que Jerônimo via a atitude de uma viúva se casar como uma prática pagã, já que a sociedade tradicional estipulava prazos para viúvas se casarem.

Tanto Jerônimo como João Crisóstomo esforçam-se para que as mulheres romanas se diferenciem totalmente das pagãs, para eles, comportamentos mais espalhafatosos, a vaidade e o amor carnal eram atitudes relacionados às mulheres pagãs, o que é curioso, pois se compararmos o exemplo de Marcela e de Hipátia, a castidade e a simplicidade na aparência eram as mesmas, mas Hipátia era uma neoplatônica, no pouco que nos chegou sobre ela, não estabelece nenhuma devoção religiosa à alexandrina. Paralelo interessante, ambas mulheres viveram entre os séculos IV e V, ambas se colocaram à disposição de seus ideais, mas uma era devota a Deus, e outra, à ciência.

O ascetismo de Marcela continua dando o tom da carta de Jerônimo, para participar das reuniões no Aventino, uma série de contenções deveriam ocorrer, era um abandono da vida mundana, do luxo e das paixões. A questão da comida e da gula é um ponto condenável para aqueles que buscavam os caminhos da Escritura pelos ensinamentos desses padres da Igreja.

Acerca disso, Jerônimo conta a Príncipia que Marcela praticava o jejum, mas com moderação; e ela se absteve de comer carne. O cheiro do vinho era mais familiar para ela do que o gosto, pois ela bebeu apenas para o bem de seu estômago. Jerônimo pedia que ficassem longe do vinho: *“lo primero que suplico es que la esposa de Cristo huya del vino como del veneno”*³¹², para ele, a castidade não se mantém se não se afastar do vinho, da gula e de tudo aquilo que precede a luxúria.

Um trecho importante da Carta a Príncipia diz respeito ao contato de Marcela com o movimento monástico do deserto, segundo ele, naquela época nenhuma grande senhora de Roma sabia nada da vida monástica. Através do Papa Atanásio e de alguns padres de Alexandria que se refugiaram em Roma, fugindo das perseguições, Marcela ficou sabendo sobre a vida ascética do beato Antônio³¹³ e dos

311 1 Cor 7,40.

312 JERÔNIMO, Epistulario XXII, 8.

313 Antão, o Anacoreta, ou Antônio, o Grande, Em 305, Antão emergiu com grande vigor e saúde. Ele ficou com os eremitas por cinco anos, regulamentando o trabalho comunitário, as orações e as penitências. Depois foi para um deserto entre o Nilo e o Mar Vermelho, em um local chamada Monte Kalzim. Um monastério, chamado Diem Mar Antonios, foi erigido neste local. Este período de reclusão não era tão restrito quanto os anteriores, pois Antão foi para Alexandria em 311 confortar os mártires

monastérios fundados por Pacômio³¹⁴, em Tebaida, e da disciplina para virgens e viúvas.

Jerônimo escreve que Marcela não tinha vergonha de professar uma vida que sabia ser agradável a Cristo e, muitos anos depois, seu exemplo foi seguido por Sophronia³¹⁵ e por algumas outras senhoras³¹⁶, possivelmente Marcela tentou aplicar uma regra monástica em seu palacete do Aventino, percebemos por Jerônimo que ela foi a precursora de um modelo ascético e cenobítico em Roma, falando sobre a virgem Blesila acerca de seu falecimento, Jerônimo se refere aos votos monásticos da falecida na casa de Marcela, *“Pero haciendo ahora, por la misericordia de Cristo, casi cuatro meses que se lavó con el segundo bautismo de su profesión monástica”*³¹⁷.

Proveniente de um outro círculo de damas cristãs, também ascéticas, Paula, segundo as palavras de Jerônimo, *“era de la estirpe de los Gracos, de la alcurnia de los Escipiones, heredera de Paulo, cuyo nombre lleva, y verdadera descendiente de Mecia Papira, madre de Escipión Africano”*³¹⁸³¹⁹.

A árvore genealógica de Paula garantia um cristianismo já de algumas gerações, o que parecia dar mais credibilidade à matrona romana. Não parando por aí, o Bispo de Strídon informa que os pais dela, Blesila e Rogato, descendem de Agamênon, e seu falecido marido Toxócio *“lleva la nobilísima sangre de Eneas y de los Julios”*³²⁰.

Interessante que o círculo de Jerônimo, que está documentado nas cartas, são de mulheres aristocratas, possivelmente, para Jerônimo, um asceta rígido, o fato de ele ter influenciado mulheres de linhagens tão nobres dá a ele uma sensação de poder sobre os valores mundanos da sociedade romana que ele despreza. Não há

das perseguições que estavam acontecendo na época e voltou anos mais tarde para argumentar vigorosamente contra a heresia ariana lado a lado com Santo Atanásio. Disponível em: <https://www.ecclesia.C.om.br/biblioteca/hagiografia/s_antonio_o_grande.html>. Acesso em: 18 ago 2020.

314 Pacômio é considerado o fundador dos monastérios cenobíticos. Contrapondo a vida sem regras dos anacoretas, fundou diversos monastérios na região egípcia de Tebaida, para homens, outros também para mulheres, com regras de disciplina. Disponível em: <<https://www.paulus.com.br/portal/santo/sao-pacomio-abade/#.Xzths-hKjIU>>. Acesso em: 18 ago 2020.

315 Freqüentadora do Aventino, convivia com Marcela, Paula e Eustóquia.

316 JERÔNIMO, Epístulário CXXVII,5.

317 Ibidem,XXXIX,3.

318 Escipión Africano (286-183, antes da Era Comum), político e general romano, participou da Segunda Guerra Púnica.

319 JERÔNIMO, 108-1.

320 Ibidem.

registro de Jerônimo em contato com classes mais baixas de mulheres, uma outra hipótese é que somente as bem-nascidas eram as que sabiam ler e escrever.

Paula enviuvou aos trinta e três anos, ficando com cinco filhos: Blesila, Paulina, Eustóquia, Rufina e Toxócio, a partir desse ponto, Paula decide viver em continência e começa a aprofundar sua prática de ascese e a frequentar a casa de Marcela, aonde vai com sua filha Eustóquia, também interessada em seguir os passos da mãe.

Pelas cartas notamos que Paula não tinha um temperamento tão confrontador com o de Jerônimo, era mais dócil, tão devota quanto Marcela, mas nos parece mais ascética que a dona da casa do Aventino. Paula tinha a personalidade completamente despreendida da vida em sociedade romana, Marcela nos parece um outro tipo de devota, não tão ascética, mas com atitudes mais assertivas que Paula. Marcela não peregrinou, não quis deixar a mãe e a comunidade, possivelmente um pequeno cenóbio, as virgens do Aventino.

Paula partiu em peregrinação logo após a saída de Jerônimo de Roma em 385, sua fidelidade a ele nunca foi abalada, nem mesmo no controverso episódio que envolve a carta que Jerônimo escreve quando da morte da filha dela, Blesila. Considerada uma carta com palavras muito duras, foi motivo de indignação de muitos contemporâneos de Jerônimo que tiveram acesso a ela: *“Ninguna como ella encarnó tan perfectamente el ideal que su diretor espiritual tenía sobre la vida entregada a Dios³²¹. No había natural más dócil que el suyo. Era tarda para hablar y diligente para escuchar. Conocía las Escrituras de memoria y, aunque amaba el sentido literal, al que llamaba cimento de la verdad, seguía con más gusto el sentido espiritual, y con esta Techumbre protegía el edificio de su alma”³²²*. O exemplo de Paula é seguido por duas de suas filhas, Blesila, que enviuvou muito cedo, e Eustóquia, que desde tenra idade demonstrou inclinação ascética.

Mais uma confirmação que a casa de Marcela obedecia a regras monásticas é que a admissão em sua casa era feita depois das postulantes mostrarem realmente um desejo de seguir a vida de continências.

Na Carta 38, que Jerônimo envia à Marcela, ele advoga em favor da filha de Paula, Blesila. Ele demonstra que o desejo da viúva de consagrar-se não é apenas

321 Disponível em: <<https://archive.org/details/SANJERONIMOEpistolarioI/page/n27/mode/2up.>>
Acesso em: 18 ago 2020.

322 JERÔNIMO, Epistulario CVIII, 26.

por seu estado civil. Jerônimo demonstra na carta que Blesila é uma devota ascética e que se encontrou após a viuvez.

Chama atenção nesse documento o grau de poder de decisão que tinha Marcela, não se justifica por ser dona da propriedade do Aventino, é um status de poder que uma mulher conseguiu com o cristianismo, Hipátia também tinha esse poder, mas era filósofa, tanto a romana quanto a alexandrina eram exceções, normalmente os homens tinham a última palavra.

Jerônimo realmente advoga em favor de Blesila, ele não aparece como uma figura socialmente superior a Marcela que ela obedeceria sem pensar, diz a carta: *“La viuda que está libre de la atadura del marido lo único que necesita es perseverancia”*³²³.

Ele narra para Marcela que Blesila abandonou uma vida de luxos e futilidades que ela estaria destinada a levar, como as viúvas pagãs da sociedade romana, que se maquiam e se enfeitam, tentando enganar a velhice, com perucas e adornos e se comportam como garotinhas, Blesila virou as costas para tudo isso: *“Antes, jóvenes esclavos le peinaban los cabellos y sujetaban su inocente cabeza con capacetes ondulados; ahora descuida la cabeza y sabe que le basta ir velada. En aquel tiempo, la blancura misma de las plumas se le antojaba dura y apenas si podía echarse sobre un montón de colchones; ahora se levanta a toda prisa para orar, y disputando a las otras, con modulada voz, el aleluya, es la primera que empieza a alabar a su Señor [...] su túnica es oscura, así ensucia menos cuando duerme sobre la tierra, su calzado es vulgar.”*³²⁴

Blesila não chega a acompanhar a mãe e a irmã na peregrinação à Terra Santa, ela falece meses depois dessa carta e de ser admitida no Aventino de Marcela, a correspondência que Jerônimo enviará à mãe enlutada contém palavras muito duras, nas quais ele repreende a mãe pela tristeza pela morte da filha. Afora as palavras não acolhedoras para essa mãe, a carta é um exemplo de como Jerônimo pensava a peregrinação, em um conceito muito parecido com o de Agostinho: *“Una vez que, dejada la carga de la carne, el alma voló a su Criador, y tras larga peregrinaje*

323 JERÔNIMO, Epistulario, XXXVIII,3.

324 Ibidem, 4.

*subió a su antigua heredad*³²⁵. *Porque mientras vivimos aquí, andamos peregrinos lejos del Señor*³²⁶.

Essa Carta 39 faz menções à peregrinação espiritual e à terrena, pois Jerônimo usa o exemplo de Melânia, a Jovem, *La santa matrona Melania, verdadera nobleza entre los cristianos de nuestro tempo*³²⁷ como exemplo de resignação de uma matrona cristã diante das adversidades e da morte de seus filhos, para ele, a verdadeira cristã deve ver a morte com uma calma, quase uma alegria, o pranto não pode ser exagerado, pois será um pranto de alguém que não acredita que a alma estará indo ao encontro do Criador. Falaremos de Melânia um pouco mais à frente, continuaremos com Paula e família por enquanto.

A virgem Eustáquia era filha de Paula e estava no seu início de vida ascética, Jerônimo dedica a ela uma carta de orientação acerca do comportamento, das virtudes e dos espelhos para as virgens consagradas.

A mulher cristã ideal para Jerônimo preservava a castidade, ou não se casava preservando a virgindade, ou após enviuvar, tornava-se casta. Impossível as duas coisas em sua visão, a virgindade para Jerônimo seria um paradoxo da fuga desse mundo de pecado, uma peregrinação em busca de uma prática de vida que fosse de acordo com as Escrituras.

Na Carta à Eustóquia, Jerônimo escreve um tratado sobre a virgindade, comparando-a ao ouro e advertindo a jovem que, como o ouro, muitos a cobiçarão, portanto, ela precisará permanecer em alerta: *“No quiero te venga saber de tu estado, sino temor. Vas cargada de oro, hay que evitar el ladrón*³²⁸, Jerônimo chama a atenção de Eustóquia, com medo de que ela se desvirtue do caminho durante sua peregrinação espiritual em busca dos valores ascéticos, citando o apóstolo Paulo: *“Cayó la virgen de Israel y no hay quien la levante*³²⁹.

Jerônimo proíbe que a jovem Eustóquia frequente as reuniões de matronas e as casas de nobres, para não se sentir tentada a contrair matrimônio, para ele, já que ela tinha se consagrado ao Cristo, não havia necessidade de frequentar esses locais

325 Ibidem, XXXIX, 1.

326 Ibidem, 3.

327 Ibidem, 5.

328 Ibidem, XXII, 3.

329 1 Co 3.3. Ibidem.

mundanos: *“Por qué has de correr tú, esposa de Dios, para ver a la esposa de un hombre? Aprende en esto un santo orgullo y sábetete que eres mejor que ellas*³³⁰.

A virgindade para Jerônimo é uma condição para continuar na ascese e no seu círculo romano, uma jovem solteira que perdesse a virgindade estaria duplamente condenada, se fosse pagã, pela sociedade e, se fosse cristã, pela religião. Por isso, Jerônimo se preocupa em alertar Eustóquia e a precaver das tentações que uma ascética viverá, mas isso tudo será compensado pela proximidade espiritual ao Cristo: *“Y el Señor mismo me es testigo que después de muchas lágrimas, después de estar con los ojos clavados en el cielo, me parecía hallarme entre los ejércitos de los ángeles; entonces cantaba con alegría y regocijo: En pos de ti corremos al olor de tus ungüentos*³³¹.

Aqui Jerônimo novamente estabelece que a peregrinação espiritual é importante para o crente, e ele a aconselha para Eustóquia: *“Busca a los mártires en tu propio aposento*³³², essa frase nos chama a atenção pois Jerônimo tem sempre consigo a vontade de voltar ao deserto e às provações que ali se vive, como uma purificação espiritual, como se o deserto fosse o local mais próximo de Deus na terra, mas ele não o aconselha à Eustóquia. Acreditamos que a virgem ainda se encontrava em aperfeiçoamento, dentro das contenções físicas em que eram submetidos os peregrinos, ou o objetivo de Marcela fosse fortalecer a presença de um cenóbio dentro de Roma, como era um período de ocupação dos espaços urbanos por cristãos, possivelmente seria melhor que Marcela continuasse em sua casa com suas virgens, e ninguém saísse em peregrinação.

Eis que, em 385, o mestre do círculo feminino do Aventino parte em definitivo de Roma em direção à Terra Santa. Os motivos da partida de Jerônimo são vários, mas foram desencadeados pela morte do Papa Dámaso, o protetor do bispo de Strídon, responsável pela sua mudança para Roma, e pelo pedido de tradução da Bíblia para o latim, a Vulgata. Houve várias fofocas e intrigas envolvendo Jerônimo e suas amigas matronas, alguns o culpavam pela morte de Blesila, criticando a rigidez de suas normas ascéticas, outros condenavam a carta de consolação que ele enviou à mãe da mesma, Paula, e outros, ainda, insinuavam relações sexuais entre ele e Marcela.

330 JERÔNIMO, Epistulario XXII, 16.

331 JERÔNIMO, Epistulario XXII,7.

332 Ibidem, 17.

Já dentro do barco esperando zarpar, Jerônimo escreve à virgem Asela uma missiva de despedida, ressaltando a importância do exemplo de Paula e Melânia como espelhos de mulher cristã, e pede que Asela “*Saluda a Paula Y a Eustoquia, [...] saluda a nuestra madre Albina y a nuestras hermanas, las Marcelas, también a Marcelina y a la Santa Felicidad*”³³³.

Não muito tempo depois, Paula parte em peregrinação à Terra Santa, em companhia da filha Eustóquia, a partir do porto de Ostia, provavelmente, o mais perto. Passa por Chipre, Antioquia até chegar em Jerusalém, onde o Procônsul, amigo de sua família, quis hospedá-las com conforto, o que prontamente foi dispensado por Paula, que, fiel aos seus preceitos ascéticos, preferiu dormir em uma humilde cela³³⁴.

De Jerusalém, Paula parte para Belém, onde acaba se instalando, e possivelmente seja daí que ela escreve a Marcela³³⁵, na tentativa de convencê-la a juntar-se a elas na Terra Santa. Paula escreve em defesa da necessidade de se peregrinar nos locais do Evangelho e justifica essa ideia através de várias passagens bíblicas, em que ela mostra sua erudição e capacidade de argumentação.

Ela começa com o exemplo de Maria, a qual considera uma peregrina, pois precisou transladar-se para vários locais desde sua anunciação. Sobre Jerusalém, Paula fala que ela é regada desde os céus, terra montanhosa e alta, carece dos deleites do mundo (aqui seria uma comparação com a mundana Roma?), mas sobrepuja os espirituais. Para elas, a peregrinação a Jerusalém é uma prova de fé: “*Seria largo ponerse a contabilizar ahora, a través de los siglos, desde la ascensión del Señor hasta el día presente, cuántos obispos, cuántos mártires, cuántos hombres versados en la doctrina de la Iglesia pasaron por Jerusalén, pensando que habían tenido menos fe, menos ciencia y que, en fin, no habrían dado, como quien dije, la última mano a su virtud sino hubieron adorado a cristo en aquellos lugares en que por vez primera empezó el Evangelio a brillar desde lo alto del patíbulo de la cruz*”³³⁶.

Paula descreve Jerusalém como um lugar idílico, e compara a cidade a uma pessoa que nasceu abençoada, mas passou por várias provas e emergiu como tinha que ser, um lugar santo, o paraíso na terra, onde “*Cada uno se mantiene en pie o cae*

333 JERÔNIMO, Epistulario XLV, 7.

334 Disponível em: <<https://archive.org/details/cu31924028534190/page/n15/mode/2up>>. Acesso em: 19 ago 2020.

335 Belém será o destino final de Paula e Eustáquia, provavelmente.

336 JERÔNIMO, Epistulario XLVI, 11.

*para su Señor*³³⁷, Em Jerusalém se usa o livre arbítrio, não há julgamentos, pois julgar, somente Deus: *“Nadie juzga a otro para no ser juzgado por el Señor. En Jerusalén, ni sombra de lujo y ni sombra de placer”*³³⁸.

A riqueza de Paula possibilitou que ela construísse um mosteiro de apoio aos peregrinos que visitavam Belém, além de financiar obras de Igrejas e, possivelmente, o próprio Jerônimo, quando se encontraram no meio da peregrinação.

Não é um relato de viagem tão detalhado, sobre geografia, ritos monásticos, plantas, como o de Egéria, peregrina hispânica contemporânea a Paula e Jerônimo. A narrativa da peregrinação de Paula é uma forma de comprovação de que os lugares citados nas Escrituras existiam e estavam ali para o louvor, comemoração e confirmação³³⁹.

Tanto a Carta de Paula e Eustóquia para Marcela quanto a Epístola 108, que narram sobre a peregrinação dessas mulheres, são recheados de passagens bíblicas para situar os lugares que foram passados. A peregrinação de Paula foi uma peregrinação estritamente religiosa, Jerônimo, ao transcrever em cartas essa experiência, teve a intenção de fomentar a peregrinação à Terra Santa por mais viajantes interessados na conversão, e/ou convertidos.

Não podemos esquecer que, nos anos finais do século IV, o cristianismo tinha acabado de se tornar uma fé legalizada e livre das grandes perseguições, a disputa ideológica estava a todo vapor, e a produção literária de Jerônimo e outros padres da Igreja estava servindo para definir a ortodoxia e defendê-la das diversas interpretações cristãs do período. A própria Marcela, quando ela decide ficar em Roma, é uma forma de fortalecer o movimento monástico, e as ideias vindas dos padres do deserto, no seio da pagã Roma, ainda muito insegura com relação a sua crença.

Outra personagem de grande importância no período é Melânia, a Jovem. Ela não era uma matrona do círculo do Aventino, não há indícios de que tenha conhecido Marcela e Paula, mas era tida por Jerônimo como outro exemplo de mulher cristã: *“Ninguna otra mujer dió que hablar a la ciudad de Roma sino Paula y Melania, que*

337 Ro 14,4. In: JERÔNIMO, Epistulario XLVI, 10.

338 JERÔNIMO, Epistulario XLVI, 10.

339 Disponível em: <<https://archive.org/details/cu31924028534190/page/n15/mode/2up>>. Acesso em: 19 ago 2020.

*despreciando sus riquezas y dejando a sus hijos, levantaron la cruz del Señor como un estandarte de piedad*³⁴⁰.

Melânia se casou muito nova, segundo Paládio, contra a sua vontade, com um membro também da aristocracia, como ela, chamado Piniano. Tiveram dois filhos, que faleceram muito jovens, após isso, ela confessou ao marido o desejo de tornar-se casta e peregrinar à Terra Santa, em busca de experiências cristãs na terra do Senhor: *“Si quieres practicar conmigo la vida ascética según las normas de la castidad, te reconoceré como dueño y señor de mi vida; más si te parece excesivo, pues eres demasiado joven, toma todos mis bienes, pero devuelve a mi cuerpo la libertad para que pueda cumplir mi deseo de seguir a Dios sin trabas y de ser heredera de la fe de mi abuela,*³⁴¹ *cuyo nombre llevo. Pues se Dios quisiera que le diese más hijos, no me hubiera arrebatado los otros al nacer*³⁴².

Piniano concorda em lhe conceder a liberdade do corpo, e ela começa doando suas roupas de seda para fazer ornamentos nas Igrejas, suas moedas de ouro, pedras preciosas e terras foram doadas para construção de mosteiros e Igrejas.

Praticava diariamente o ascetismo e a humildade, vivendo de forma simples e servindo suas criadas, considerada santa por Jerônimo, que escreveu: *“Cuando estaba aún caliente y sin enterrar al cuerpo de su marido, perdió de golpe a dos de sus hijos [...] Pues no se le escapó ni la gota de una lágrima. Se mantuvo inmóvil y, postrada a los pies de Cristo, como si agarrara a El, dijo sonriendo: Ahora Señor, te voy a servir más libremente, ya que me as librado de un peso tan grande [...] pues habiéndole todo lo que poseía, al comienzo del invierno se embarcó rumbo a Jerusalén*³⁴³.

Após abdicarem do mundo e saírem em peregrinação, Melânia e o marido Piniano, cada qual acabará seus dias em companhia de monges. Melânia construiu em sua propriedade uma espécie de cenóbio, embora não há registro de uma regra. Vivia com a mãe Albina: *“Habitan en sus propiedades rurales, ahora en Sicilia, ahora en la Campania, con quince eunucos y sesenta vírgenes, entre libres y esclavos. Lo mismo ha hecho su marido Piniano. Vive con treinta monjes, y pasa a su vida leyendo y ocupándose de las labores de un huerto y dando conferencias solemnes*³⁴⁴.

340 JERÔNIMO 41-4.

341 Referência a Melânia, a velha, famosa por sua peregrinação em defesa da fé cristã.

342 Hist. Lau. LXI.

343 JERÔNIMO, Epistulario XXXIX, 5.

344 PALADIO, LXI.

Muitas outras mulheres tomaram o caminho da peregrinação, impulsionadas pelo exemplo dessas cristãs, o formato dos discursos dos líderes eclesiásticos tinha uma característica de acolhida, por isso, entendemos que as mulheres sentiram-se mais à vontade e seguras nesses ambientes, pois de alguma forma eram respeitadas e ouvidas.

9.2 HELENA E A PEREGRINAÇÃO POLÍTICO/RELIGIOSA

Acostumadas a viverem na esfera privada, as peregrinações possibilitaram a visibilidade da mulher e sua participação na esfera pública, porque no Império Romano, à mulher era oferecido apenas o ambiente doméstico.

"O papel adequado da mulher, em outras palavras, era dedicar-se ao marido, produzir a geração seguinte, ser um adorno, uma administradora do lar e contribuir com a economia doméstica, fiando e tecendo"³⁴⁵.

Flavia Iulia Helena nasceu por volta de 250 d.C , mãe de Constantino, o Grande, possivelmente em *Drepanum*, rebatizada de Helenópolis, localizada no Golfo de Nicomedia, atualmente Turquia³⁴⁶.

Ambrósio de Milão³⁴⁷, em seu *Oratio obitu Theodosii*, referiu-se a ela como uma *stabularia*³⁴⁸ devido a sua origem humilde. Helena tinha em torno de 20 anos quando se envolveu com o soldado Constâncio. Seu primeiro e único filho, Constantino, nasceu em Naissus³⁴⁹, por volta do ano 274.

Detalhes da biografia de Helena, e também de Constantino, apresentam várias falhas temporais, com a apropriação da narrativa por parte da Igreja, todo tipo de histórias foram construídas em torno dos dois.

Há uma tendência entre os pesquisadores em presumir que ela tenha acompanhado Constâncio ao longo de sua jornada militar, embora Eusébio afirme que Helena era esposa oficial de Constâncio, e Constantino, seu filho legal, existem várias

345 FREISENBRUCH, 2010, p. 300.

346. Por volta de 400, a Igreja de Helenópolis foi governada por Paládio de Galácia, autor da História Lausíaca, uma das fontes utilizadas neste trabalho.

347 Ambrósio, bispo de Milão (340-397), foi um dos mais importantes defensores da ortodoxia cristã, considerado um dos Padres da Igreja, influenciou vários outros pensadores, como Agostinho de Hipone e Jerônimo de Strídon.

348 Estalajadeira.

349 Nis, atual Sérvia.

partes obscuras com relação à vida de mãe e filho, detalhes que faltam. Helena fica muito tempo sem aparecer nas fontes, durante o governo de Diocleciano e, depois, na Tetrarquia, não há menção à futura Imperatriz.

Com a ascensão de Constantino, Helena reaparece nos anais da História, embora seja em Eusébio onde encontramos a maioria de citações referentes a ela.

Sabemos que Constâncio se casará com Teodora, enteada do Imperador Maximiano Hercúlio: *“De qualquer forma, Constâncio provavelmente reconheceu desde o início que Helena, a garçoneite da Bitínia, não era esposa para um político. Não temos nenhuma informação sobre os quinze anos seguintes de sua vida”*³⁵⁰.

Em 308, Constantino, que o sucedeu, convocou sua mãe à corte imperial, conferiu-lhe o título de Augusta, ordenou que todas as honras lhe fossem pagas como mãe do soberano: *“con su influencia hizo, a quien antes no lo era, una creyente en Dios tan fiel, que parecía haber sido desde el principio directamente instruida por nuestro común salvador, y la agasajó con tan mayestáticas prerrogativas, que en todas las provincias y hasta por las mismas tropas fue proclamada augusta y emperatriz ”*, y fue acuñada su efigie en monedas de oro³⁵¹.

Influenciada pelo crescente interesse de Constantino pela religião cristã, Helena se converte e torna-se a primeira Imperatriz cristã, que futuramente será modelo para todas as seguintes.

Segundo Eusébio, desde sua conversão, teve uma vida fervorosamente cristã: *“En suma, podía verse a aquella dama admirable mezclarse con la multitud en grave y severa indumentaria, y hacer patente su fe en Dios mediante cualquier acción piadosa a su alcance”*³⁵².

Embora Eusébio construa uma visão de família piedosa e temente a Deus, existe uma outra versão nem tão glamourosa, mas perto da realidade que permeava as intrigas palacianas. Falatórios estimulados pelas circunstâncias obscuras que envolvem a condenação a morte de Crispo, filho mais velho de Constantino e preferido de Helena e, logo após, a morte da segunda mulher de Constantino e madrasta de Crispo, Fausta, em uma banheira de água fervente, levantaram a suspeita de que ambos teriam tido algum tipo de relação carnal. Uma outra situação engrossou a desconfiança da trama de traição, ambos também sofreram uma *damnatio memoriae*,

350 FREISENBRUCH, 2014, p. 284.

351 EUSEBIO, *Vita Constantini*, III, 47.

352 Ibidem, 45.

que consistia em uma punição para traidores no Império Romano, pela qual alguém era efetivamente apagado da história³⁵³.

Interpretações do ocorrido dão a seguinte versão: que Crispo teria rejeitado as investidas de Fausta, e essa o teria acusado de estupro. Constantino condenou o filho à morte por traição, depois, arrependido e instigado por Helena, que culpara Fausta pelo ocorrido, ordenou que Fausta entrasse em uma banheira com água fervente.

Eusébio, como observamos, não fala do ocorrido em *Vita Constantini*, e a construção de Constantino como cristão piedoso e Helena como Mulher Santa não combinava com relatos mais macabros de sedução, intriga e traição: *“La baja extracción de su origen y la inteligentísima discreción con que condujo su vida (ella no es una Julia Mamaea) dieron pábulo a cualquier maledicencia, y el hecho de ser una stabularia (criada de posada), una femina vilissima (mujer de origen ínfimo), concubina repudiada (Cloro no pudo imponer una fórmula morganática ante el hecho forzoso del cesarato hercúleo), y al mismo tiempo Augusta y santa, ha provocado una doble imagen ad libitum: el torvo esquema de la mujer siniestra y vindicativa que induce a Constantino a asesinar a Fausta, y que maquina la conservación de la propia dinastía, o el de la mujer discreta y santa”*³⁵⁴.

Logo após a morte de Fausta, em 326, Helena, já contando a idade de 80 anos, parte em peregrinação à Palestina: *“Con presteza juvenil llegó aquella prudentísima anciana para informarse, poniendo en ello excelsa diligencia, de aquella tierra digna de admiración, y para visitar con solicitud realmente imperial las provincias orientales, así como sus urbes y habitantes”*³⁵⁵.

Segundo Eusébio, Helena foi muito generosa com Jerusalém e seus habitantes, não economizou na criação de Igrejas e nem mesmo na decoração de ambas, uma foi erguida em Belém, perto da Gruta da Natividade, a outra, no Monte da Ascensão, perto de Jerusalém. Ela também embelezou a gruta sagrada com ricos ornamentos. Observamos que havia um projeto que visava incorporar os signos cristãos à Terra Santa, acentuando uma possível conversão do Império ao cristianismo.

353 FREISENBRUCH, 2014, p. 297.

354 EUSEBIO, *Vita Constantini*, Livro III, p. 299-300.

355 Ibidem, 42.

Observamos que Helena foi responsável pela revitalização de Jerusalém, que agora deveria ser um ponto de referência dos cristãos, e não de judeus ou de lembranças pagãs: *“Na cidade de Jerusalém existiam diversos elementos religiosos necessários à legitimação da nova religião. As narrativas bíblicas delimitavam os espaços físicos em que Cristo e os apóstolos haviam estado. Sob esse aspecto, a cidade santa dos judeus representaria a essência e o significado da nova fé, sendo então reinventada, assumindo sua importância enquanto palco da ação salvífica do filho de Deus”*.³⁵⁶

A Imperatriz chegou à Terra Santa como embaixadora de Constantino, inclusive com total liberdade de uso do tesouro romano: *“Le había concedido el poder de disponer del tesoro imperial para usarlo a elección y administrarlo a su arbitrio, como quisiera y en la medida en que estimara que cada cosa debía tratarse, que también en esta materia fue hecha por su hijo ínclita y envidiable”*³⁵⁷.

Helena também deu atenção à população de outras partes do Império, os pobres e necessitados eram os objetos especiais de sua caridade. Ela visitou as igrejas em todos os lugares por onde passou e fez-lhes valiosas doações.

A viagem de Helena é um ponto marcante no que se refere à história das mulheres durante esses primeiros séculos do cristianismo por diversos motivos. O primeiro deles é que Helena foi a primeira mulher aristocrata a empreender uma viagem sem a tutela masculina, o que lhe deu a alcunha de pioneira e exemplo para todas as outras que a seguiram, como as piedosas Paula e Melânia, a Jovem.

Outra característica que nos chama a atenção é o poder que Helena tinha dentro do governo do filho, Constantino confiou a ela a missão de viajar a parte oriental do Império. Liberou seu acesso aos cofres imperiais e deu carta branca para que Helena o representasse junto ao povo e, principalmente, junto às comunidades cristãs, das quais Constantino estava se aproximando cada vez mais: *“Helena, a mãe do imperador (de cujo nome, tendo feito Drepanum, outrora uma vila, uma cidade, o imperador a chamou de Helenópolis), sendo divinamente dirigida por sonhos, foi para Jerusalém. Encontrando aquela que antes era Jerusalém, desolada 'como uma reserva para os frutos outonais', de acordo com o profeta, ela procurou cuidadosamente o sepulcro de Cristo, de onde ele ressuscitou após seu sepultamento;*

356 Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/view/47391/25524>>. Acesso em: 26 ago 2020.

357 Ibidem,47.

e depois de muita dificuldade, com a ajuda de Deus, ela o descobriu. Explico em poucas palavras qual foi a causa da dificuldade. Aqueles que abraçaram a fé cristã, após o período de sua paixão, veneraram grandemente este túmulo; mas aqueles que odiavam o cristianismo, tendo coberto o local com um monte de terra, ergueu nele um templo para Vênus, e colocou sua imagem ali, não se importando com a memória do lugar. Isso funcionou por muito tempo; e tornou-se conhecido da mãe do imperador. Conseqüentemente, ela fez com que a estátua fosse derrubada, a terra fosse removida e o chão totalmente limpo, encontrou três cruzes no sepulcro: uma delas era aquela cruz abençoada na qual Cristo havia pendurado, as outras duas eram aquelas nas quais os dois ladrões que foram crucificados com ele haviam morrido. Com estes também foi encontrada a tábua de Pilatos, na qual ele havia escrito em vários caracteres, que o Cristo que foi crucificado era o rei dos judeus. Porém, como era duvidoso qual era a cruz que procuravam, a mãe do imperador não ficou nem um pouco angustiada; mas desse problema o bispo de Jerusalém, Macário, logo a libertou. E ele resolveu a dúvida pela fé, pois buscou um sinal de Deus e o obteve. O sinal era este: uma certa mulher da vizinhança, que há muito sofria de uma doença, estava agora prestes a morrer; o bispo, portanto, providenciou para que cada uma das cruzes fosse levada à mulher moribunda, acreditando que ela seria curada ao tocar na cruz preciosa. Nem ficou desapontado com sua expectativa: por terem sido aplicadas as duas cruzes que não eram do Senhor, a mulher continuou moribunda; mas quando a terceira, que era a verdadeira cruz, a tocou, ela foi imediatamente curada e recuperou sua força anterior. Dessa maneira, então, a cruz genuína foi descoberta. A mãe do imperador ergueu sobre o lugar do sepulcro uma magnífica igreja, e chamou-a de Nova Jerusalém, tendo-a construído de frente para aquela cidade velha e deserta. Lá ela deixou um pedaço da cruz, encerrada em uma caixa de prata, como um memorial para aqueles que desejassem vê-la: a outra parte ela enviou ao imperador, que sendo persuadido de que a cidade estaria perfeitamente segura onde aquela relíquia deveria ser preservada, encerrou-a privadamente em sua própria estátua, que fica em uma grande coluna de pórfiro no fórum chamado de Constantino em Constantinopla. Na verdade, escrevi isso a partir de um relatório; mas quase todos os habitantes de Constantinopla afirmam que é verdade. Além disso, os pregos com os quais as mãos de Cristo foram presas à cruz (pois sua mãe, tendo-os encontrado também no sepulcro, os havia enviado) Constantino pegou e fez em freios e um capacete, que ele usava em suas expedições militares. O imperador forneceu

todos os materiais para a construção da igreja, e escreveu ao bispo Macário para acelerar esses edifícios. Quando a mãe do imperador completou a Nova Jerusalém, ela ergueu outra igreja nada inferior, sobre a caverna de Belém onde Cristo nasceu segundo a carne: ela não parou aqui, mas construiu uma terceira no monte de sua Ascensão. Ela foi tão devotamente afetada nesses assuntos, que orava na companhia de mulheres; e convidando as virgens inscritas no registro das igrejas para um banquete, servindo-as ela mesma, ela trouxe os pratos para a mesa. Ela também era muito generosa com as igrejas e os pobres; e tendo vivido uma vida de piedade, ela morreu quando tinha cerca de oitenta anos. Seus restos mortais foram transportados para Nova Roma, a capital, e depositados nos sepulcros imperiais”³⁵⁸.

O episódio sobre a descoberta da Santa Cruz é deveras curioso, principalmente porque quem o relata não é o biógrafo de Constantino, Eusébio de Cesareia, segundo a historiadora inglesa Annelise Freisenbruch, o relato aparece primeiramente em fragmentos de autoria de um historiador e padre da igreja, Gelásio de Cesareia³⁵⁹.

Gelásio é apontado como um possível colaborador de Rufino na continuação da História Eclesiástica, no entanto, depois dele, a descoberta ganha corpo e aparece em pelo menos mais dois autores do século IV, Ambrósio de Milão e Sócrates Escolástico.

Compreendemos que as escavações ocorridas no Gólgota possibilitaram o achado de diversos objetos relacionados ao período de Cristo, mas o que nos provoca é justamente o silêncio de Eusébio de Cesareia.

Para tanto, precisamos entender o significado que tomam as relíquias sagradas a partir dos primeiros anos do cristianismo, segundo a historiadora brasileira Renata Nascimento: “O fenômeno da santidade legitima a crença de que um corpo que tenha pertencido a um indivíduo considerado especial pode traduzir-se em elemento mediador junto à divindade. No Ocidente, desde sua oficialização, o cristianismo procurou incorporar a devoção dos fiéis às relíquias: objetos que teriam supostamente tido contato com a existência terrestre de Cristo, além dos restos mortais dos apóstolos, e de mártires dos primeiros séculos. Esta vivência refletia a necessidade de personificação e encarnação do sagrado, traduzido de forma

358 SOCRATES SCHOLASTICUS, *Historia Eclesiástica*, I – XVII.

359 FREISENBRUCH, 2014, p. 302.

palpável, concreta. Os fragmentos foram então considerados ferramentas de Deus, na distribuição de sua graça".³⁶⁰

Quando aliamos as duas experiências místicas envolvendo Constantino e sua mãe, temos uma família imperial que, aos olhos dos devotos cristãos, foram escolhidos por Deus para liderar em nome da sua Igreja. O valor político da posse de fragmentos da Santa Cruz possibilita a seu dono que ele seja visto como uma pessoa protegida e escolhida por Deus.

Após a vivência na Palestina, Helena retorna a Roma em torno de 328, Constantino estava com ela quando ela morreu, na idade avançada de oitenta anos: *"Cuando, tras haber llenado un espacio de vida bastante largo, fue llamada a una mejor suerte, a la edad aproximadamente de ochenta años, estando ya justo al límite, otorgó su última voluntad declarando por testamento herederos a su hijo unigénito, único emperador y señor del universo, así como a los césares, hijos de éste y nietos suyos, distribuyendo entre cada uno de ellos las propiedades personales que poseía repartidas por todo el imperio. No bien hubo testado de esta manera, clausuró el final de su vida, estando presente y a su lado el noble hijo que la asistía y la cogía de las manos; de modo que, si bien se piensa, a uno podía razonablemente parecer que aquella tres veces bienaventurada no murió, antes bien experimentó en toda la acepción del término el cambio y la transmigración de la vida terrenal a la celeste. Pues es lo cierto que los elementos primigenios de su alma veníanse a transformar en la esencia incorruptible y angélica, y era acogida por su Salvador"*³⁶¹. Isso deve ter sido por volta do ano 330, porque as últimas moedas com sua esfinge levavam esta data. Seu corpo foi levado a Constantinopla e depositado na abóbada imperial da igreja dos apóstolos: *"No fueron triviales, precisamente, los honores que se le tributaron al cadáver de la bendita dama, pues dignificado por un numerosísimo cortejo de lanceros, fue transportado a la ciudad imperial y allí depositado en real mausoleo"*³⁶².

Para o cristianismo, Helena personificará a imagem da mulher santa, sua imagem será transmitida como uma mulher devota, que, embora pertencente ao círculo do poder imperial, usou de sua influência para fortalecer o cristianismo *"Cristã desde um período muito recuado de sua vida, possivelmente nascida em uma família*

360 NASCIMENTO, 2019, p. 39.

361 EUSEBIO, *Vida de Constantino*, III.46

362 Ibidem, 47.

*de cristãos, Helena cercou-se de conselheiros eclesiásticos e decerto influenciou seu filho no sentido de favorecer esta religião. Tornou-se célebre por suas atividades assistenciais, e, depois do Édito de Tolerância de 313, por haver promovido a construção de novas igrejas tanto em Roma quanto na Palestina e na nova capital imperial que então se edificava, Constantinopla*³⁶³, essa descrição, retirada do site católico Centro Loyola de Fé e Cultura, ligado à PUC do Rio de Janeiro, esclarece-nos como foi construída a imagem de Helena, para que servisse de modelo e incentivo para outras mulheres.

363 Disponível em: <<http://www.centroloyola.puc-rio.br/espirtualidade/elas-muito-amaram-santa-helena/>>. Acesso em: 23 jul 2020.

10. EGÉRIA: PEREGRINA, ESCRITORA E RELIGIOSA, A VOZ FEMININA DO *ITINERARIUM*

Em meados do século IV, uma mulher sai da *Gallaecia*, no noroeste da Península Ibérica, para peregrinar na Terra Santa, ela percorre lugares como Jerusalém, Egito, Belém, Nazaré, Cafarnaum, Tiberíades, Jericó, Hebron, entre outros, em busca de aprofundar sua espiritualidade nas terras por onde teria passado o Cristo. Ela transformou essa peregrinação em um relato de viagem, descrevendo desde a geografia até a liturgia das comunidades cristãs por onde passou. O nome dessa mulher é Egéria, também conhecida como Etéria ou Aetheria.

Sua peregrinação, relatada na obra *Peregrinatio Egeriae*, provoca-nos questionamentos acerca de como esse espaço foi utilizado por mulheres em um mundo dominado por homens. A mobilidade feminina tardoantiga insere-se no próprio contexto de transformação do período, pois a mulher se vê diante de uma liberdade maior do que as suas antecessoras romanas.

A *Peregrinatio Egeriae* chegou ao nosso conhecimento em 1884, quando foi descoberta na biblioteca *Fraternità dei Laici*, em Arezzo na Itália: “[...] um pergaminho manuscrito do século XI, de 37 folhas, medindo 262 por 171 mm, escrito do modo beneventano e catalogado sob o n. 6, 3”. Esse pergaminho, conhecido como *Codex Aretinus*, foi copiado no Mosteiro de Monte Cassino na Itália, e contém três textos: nas folhas 1 a 13, o *Tractatus de Mysteriis* (folhas 1 a 13) e os *Hymni*, (folhas 14 e 15) ambos de autoria de Hilário de Poitiers. Nas folhas 16 a 37, o texto da peregrinação de Egéria, que está incompleto, faltando as partes iniciais e finais”.

O pergaminho foi descoberto por Gian Francesco Gamurrini, quem primeiramente comentou e editou o texto, “*que não teve dificuldades para identificar a data aproximada em que foi copiado o manuscrito, assim como sua origem. A escritura beneventana é originária de um lugar específico – a região de Benevento, da qual o mosteiro de Monte Cassino é o principal expoente, tendo sido nesse local que São Bento de Núrsia criou a Ordem dos Beneditinos (ca. 529) – e de um período específico – entre os séculos IX e XII. No entanto, pelas particularidades de escrita que existem nos dois textos, vê-se que foram copiados por amanuenses diferentes. Assim como a narrativa de Egéria, a obra de Santo Hilário também está incompleta*”³⁶⁴.

364 MARTINS, 2017, p. 31.

Gamurri seguiu as pistas do *Codex* e chegou até Pedro Diácono, o bibliotecário de Monte Cassino no início do século XII, que utilizou partes da obra de Egéria para escrever o *De Locis Sanctis*, um roteiro de lugares santos para peregrinação.

Acontece que Pedro nunca viajou para esses lugares, ele se utilizou de diversas outras obras para compor a sua sobre a Palestina: *“Pedro Diácono serviu-se ainda de outras fontes, dentre elas o tratado de São Beda, o Venerável, sobre os Lugares Santos, datado do século VIII, que facilmente pode ser identificado em alguns trechos do De Locis Sanctis. Por último, também alguns escritos anônimos”*³⁶⁵.

É possível que o bibliotecário tivesse a obra de Egéria completa, pois ele era o responsável pela biblioteca do mosteiro, e muitas obras passavam pelas suas mãos para catalogação e para serem reproduzidas, se necessário, por outros copistas.

No século XVII, o pergaminho mudou de endereço, uma das possíveis causas dele se encontrar incompleto seria também as mudanças que sofreu. *“Levado à abadia das santas Flora e Lucila de Arezzo, por meio do abade Ambrogio Rastrellini, que assumiu a direção dessa abadia em 1610, após ter dirigido o mosteiro de Monte Cassino, entre 1599 e 1602. Em 1810, o governo francês fechou as portas da abadia, o que provocou a dispersão da biblioteca”*³⁶⁶, a partir daí, teremos notícia dele somente com a descoberta de Gamurri, como ele foi da abadia de Arezzo para a biblioteca *Fraternità dei Laici*, não sabemos.

Em 2008, a *Biblioteca Nacional de España*, expôs, no mês de junho, como parte da exposição *Por esos Mundos. Viajes y Viajeros*, um manuscrito de número 10018, folha 188, conhecido como *Excerpta Matritensia*, que são fragmentos do *Itinerarium Egeriae*: *“A principios del siglo XX, gracias al estudio de nuevas fuentes, se produjo un avance muy significativo en el conocimiento sobre el manuscrito de Arezzo, gracias al beneditino Mario Férotin, que en un artículo publicado en 1903 sentó las bases para la identificación de Egeria como autora de la peregrinación, teniendo en cuenta una carta de San Valerio a unos monjes del Bierzo, ya conocida y editada por el padre Flórez en su España Sagrada (1762) y donde por primera vez se apunta a Galicia como patria de Egeria. Pocos años después los trabajos de otros tres beneditinos, Andre Wilmart, Donatien de Bruyne y Aimé Wilmart, supusieron un gran*

365 MARTINS, 2017, p. 31.

366 Ibidem.

*avance en la investigación pues aportaban nuevas pruebas del conocimiento de la obra de Egeria como sus menciones en archivos y bibliotecas, sin referencia al Códice de Arezzo. Todo ello parece apuntar a la hipótesis de que la obra se transmitió originariamente en un códice visigótico que no ha llegado hasta nosotros*³⁶⁷. O manuscrito era procedente da catedral de Toledo e apresenta duas partes: a primeira é o *Apologeticum*, do Beato de Liébana e de Heterio de Osma, contra Elipanto. A segunda parte é o *Liber Apologeticus*, de Sansón de Córdoba contra Hostigensio.

Nas últimas nove folhas, há alguns textos de Padres da igreja, em especial Agostinho e Jerônimo. Escrito em letra visigótica e datado do século IX, no final do pergaminho, o relato muda bruscamente de tema, e percebe-se que se trata de partes do *Itinerarium*, como reconheceu o beneditino Donatien de Bruyene. Os fragmentos foram denominados de *Excerpta Matritensia*, que juntamente com o códice de Arezzo, formam as edições posteriores da obra.

O Diário de Egéria parece ter sido muito difundido entre o período tardoantigo e o medievo, pelo menos, o encontramos em três autores, Pedro Diácono, do século XI; *Liber Glossarum*, de Ansileubus, século VIII e na epístola do beato Valério del Bierzo, do século VII, foi com essa obra que se chegou ao verdadeiro nome da autora do *Itinerarium*, como alguns autores não conheciam a carta de Valério, e a obra de Egéria estava incompleta, cogitaram-se diversas autoras.

Proveniente do noroeste peninsular, entre 625 e 695, Valério pertencia à aristocracia hispano-romana. Chegou a viver em alguns mosteiros, mas em outros momentos vivia como um eremita. Aliás, o eremitismo, por ele considerado o modo de vida ideal, está presente em muitas de suas obras.

Durante suas andanças, Valério pregava o evangelho, embora no século VII o Reino Visigodo, do qual Valério era um súdito, estivesse oficialmente convertido ao cristianismo, nos lugares mais afastados da capital Toledo, o cristianismo ainda estava em processo de fortalecimento, ainda havia relatos de práticas pagãs nesse interior peninsular.

Em algum momento de sua vida, Valério teve contado com o manuscrito de Egéria, provavelmente em torno de 680 uma cópia do *Itinerarium* tenha chegado ao

367 _____ Dispível _____ em:
<http://www.bne.es/es/Actividades/Ciclos/PiezaDelMes/Historico/Piezas2008/ViajeMonja.html>.
 Acesso em: 31 ago 2020.

Monastério *San Pedro de Montes*³⁶⁸, fundado por Frutuoso de Braga em 635: “As várias referências ao Itinerário e à figura de Egéria, na carta de Valério, fazem supor que ele esteve diante de um manuscrito completo e registrou alguns dos elementos mais fundamentais acerca da viagem que Egéria fez”³⁶⁹.

Epistula beatissime Egerie laudea, obra laudatória de Valério para Egéria, é uma prova da circulação do *Itinerarium*, três séculos depois de escrito. Nessa obra Valério trata de elogiar Egéria, elevando sua personalidade cristã, devido a sua coragem e perseverança em peregrinar até a Terra Santa, e descrevê-las para os que ficaram.

O manuscrito de Valério sobre Egéria foi endereçado a um amigo de nome Donadeus, sobre essa obra, existem cinco códices:

C – O códice visigótico do Mosteiro de **Carracedo**, em El Bierzo;

E – O códice do **Escorial** de 954, escrito pelo notário Juan, e que foi oferecido a Filipe II no século XVI.

H – O códice de **Huerta**.

S – O códice do Mosteiro de S. Domingos de **Silos**, Burgos, do século XI.

T – O códice **Toletanus**, da catedral de Toledo, escrito em 902, para o abade Trasmundo, que agora encontra-se na Biblioteca Nacional de Madrid”³⁷⁰.

10.2 QUEM ERA EGÉRIA?

Quando Gamurri descobriu o *Codex Arentinus 405*, cópia que apresentava, dentre outras, a obra de Egéria, ele pensou tratar-se de uma obra de Sílvia de Aquitânia³⁷¹, e chegou a publicá-lo como *S.Silviae Aquitanae Peregrinatio ad Loca Sancta*”. Sem o conhecimento da Epístola de Valério, Gamurri pensou tratar-se de outra mulher, Sílvia de Aquitânia, também peregrina, irmã de Rufino, o Primeiro Ministro de Teodósio.

368 Localizado em Montes de Valdueza, província de León, Espanha.

369 OLIVEIRA, 2014, p. 43.

370 Ibidem, p. 39-40.

371 Peregrina do século IV, irmã de Rufino, primeiro-ministro do Império Oriental na época de Teodósio e Arcádio, mas Sílvia não era escritora.

A Epístola de Valério foi a responsável pela identificação da autora, por meio de comparação dos códices, Egéria conseguiu ser identificada como a autora da *Peregrinatio*. Dúvida que ocorreu devido à obra estar incompleta.

Sobre a terra natal de Egéria, Valério também ajudou a descobrir, trata-se da *Galécia*, província do noroeste peninsular: “*La extremidade de esta región occidental [...] Ella, nacida en el extremo litoral del mar Océano occidental, se dio a conocer al Oriente*”³⁷².

A *Gallaecia* foi a terceira província surgida da divisão da Citerior e com mais problemas historiográficos³⁷³. Historiadores divergem quanto aos seus limites geográficos e quanto ao período de sua criação, alguns defendem que ela já existia desde Caracalla e era conhecida como *Noua Prouincia Antoniniana*, e que Diocleciano apenas mudou os nomes³⁷⁴.

Seus limites geográficos são ainda mais incertos, segundo o Bispo Hidácio de Chaves, quando escreve sobre o nascimento do imperador Teodósio em Cauca, atual localidade de Coca em Segóvia, ele a escreve como fazendo parte da *Gallaecia*. Já Paulino de Nola localiza a sede episcopal de Prisciliano em Ávila, como sendo parte da *Gallaecia*. Orósio coloca cântabros e asturianos também na mesma província. O tema ainda está em discussão, portanto, escolhemos pensar na *Gallaecia* como parte noroeste da província, com importantes cidades, como *Lucus Augusti* (Lugo), *Austurica Augusta* (Astorga) e a capital *Bracara Augusta* (Braga)³⁷⁵.

Egéria era proveniente da aristocracia fundiária, nesse período, eram os donos de terra que detinham o poder econômico, a exploração tinha passado da mão de obra escrava para a prática de arrendamento. Várias são as hipóteses para a substituição gradual do trabalho escravo, a perda econômica era grande quando um escravo morria ou fugia, devido às duríssimas condições de vida, custos altos da manutenção de escravos, desde sua compra, ainda maiores quando a oferta diminuía.

Há um outro aspecto que gerou uma oferta grande de mão de obra livre, os sobreviventes da crise econômica do século III. Muitos começaram a oferecer sua força de trabalho por custos muito baixos, eram pessoas empobrecidas e que

372 ARCE, 1980, p. 8-9; apud OLIVEIRA, 2014, p. 42-43.

373 HUESMA, 2007, p. 71.

374 Ibidem.

375 Ibidem, p. 72.

acabavam nas terras desses aristocratas em busca de qualquer tipo de trabalho, com o qual pudessem sobreviver.

Desse modo, veremos uma mudança que favorecerá a concentração de terras nas mãos de poucos, os latifundiários arrendarão parte de suas terras para quem quisesse trabalhar nela, em troca de uma grande parcela do que ali seria produzido: *“En efecto el siglo IV asiste al auge del sistema latifundista en el que gran propietario no queda definido por la posesión de un vasto dominio sino por poseer numerosas propiedades diseminadas incluso por distintas regiones imperiales. Esta circunstancia permitía al latifundista afrontar mejor los avatares climáticos que los campesinos locales, a merced de las condiciones climáticas del reducido entorno en el que se localizaba su fundo, por lo que podían encontrarse en graves dificultades para sobrevivir ante cualquier desastre provocado por inclemencias climatológicas”*³⁷⁶.

Obrigações fiscais e tributárias acabavam também por favorecer aqueles que podiam arcar com essas despesas, adquirindo de pequenos proprietários suas terras por preços baixos, ou terras que seriam comunais, conseguidas por meios escusos de propina, enfim, latifundiários recebiam as benesses de receber sem precisar se preocupar em trabalhar a terra ou comprar escravos, os arrendamentos possibilitaram uma vida sossegada garantida pelos arrendatários³⁷⁷.

Com relação aos membros dessa aristocracia latifundiária, a *Hispania* *“al igual que sucede en otras provincias imperiales, en el proceso de formación de grandes propiedades son los miembros del grupo senatorial los principales implicados”*³⁷⁸. Egéria se encaixa nesse grupo, o seu deslocamento até a Terra Santa requereu uma condição financeira muito confortável, além da larga distância percorrida, ela ficou em viagem em torno de três anos, de 381 a 384³⁷⁹.

Existe uma hipótese que não é de modo algum fora de contexto, que Egéria seria da família do Imperador Teodósio, pois ambos são originários da mesma região. Segundo o bispo Hidácio de Chaves, nascido na *Gallaecia*, perto de *Xinzo de Limia*³⁸⁰: *“Teodósio, de origem hispânica, da cidade de Cauca, na província de Gallaecia, foi batizado de Augusto por Graciano”*³⁸¹. Teodósio morreu em 395, e Hidácio nasceu

376 HUESMA, 2007, p. 88.

377 Ibidem, p. 89.

378 Ibidem.

379 LÓPEZ, 2011, p. 14.

380 Província de Ourense na Espanha atual.

381 HYDACE. *Chronique*. 379-2.

cinco anos depois, quando criança, viajou para a Palestina, onde conheceu Jerônimo de Strídon, tornando-os quase contemporâneos.

Hidácio era bispo de *Aquae Flaviae*, importante centro urbano da Galécia, seu centro administrativo compreendia um território que ia do Douro até às nascentes do Tâmega e dominava a exploração de importantes jazidas de ouro: *“En Galicia, a minería de ouro supuxo a máis importante actividade económica desenvolvida durante o Imperio Romano aínda que a maioría dos xacementos mineiros non son doados de ver na paisaxe xa que adoitan confundirse con accidentes xeográficos. Hai dous tipos de xacemento e de explotación: nos primarios o mineral está encaixado na rocha, a extracción do mineral realízase mediante unha corta a ceo aberto facendo estalar a rocha. Para iso introdúcese cuñas de ferro ou de madeira empapada en auga entre as fisuras, ou utilízanse alternativamente lume e auga. Explotacións deste tipo pódense ver no Val do Lor e a Serra do Courel, como as minas do Torubio e da Toca na cabeceira do río Lor. A poboación máis cercana é Lousada e chégase pola estrada que vai de Folgoso ó Cebreiro. Outro sistema eran os pozos ou galerías escavados para atacar directamente os filóns. Nos xacementos secundarios, o mineral está no aluvián procedente da erosión dos primarios e extráese polo lavado dese sedimento ou aluvián”*³⁸².

Percebemos que as classes mais altas dedicavam-se ao arrendamento da terra ou exploração do ouro, o que possibilitou o enriquecimento dessas famílias aristocratas. A estrutura social desse período é definida pela importância nas relações sociais dos vínculos de dependência. No topo, encontra-se a aristocracia de origem romana, um grupo, segundo o historiador espanhol Francisco Javier Sanz Huesma, progressivamente cristianizado, que ocupa os mais altos postos administrativos, monopolizando os graus mais altos da hierarquia eclesiástica e fundamentando seu poder na posse de latifúndios³⁸³.

A ascensão de Teodósio à Púrpura é um exemplo da influência política, respaldada por uma boa receita econômica, que a família hispânica de Teodósio apresentava no período.

Egéria se liga a ele de que maneira? Na realidade não existem fontes específicas que mostrem diretamente o parentesco da nossa peregrina com o

382 GARRIDO; SEARA; SILVA; 2005, p. 197.

383 HUESMA, 2007, p. 110-111.

Imperador, mas, em sua viagem, Egéria é recebida por autoridades imperiais e eclesiásticas, que mostram que ela provavelmente era do círculo pessoal do Imperador, sendo ambos da *Gallaecia* e ambos de famílias aristocráticas.

O frei franciscano *Augustín Arce*, responsável durante quarenta anos, desde 1936, pela Biblioteca Central de Custódia da Terra Santa³⁸⁴, autor de *Itinerário de la Virgen Egéria*³⁸⁵, estabelece a proximidade de Egéria e Teodósio, explicando através de três partes, a temporal, a espacial e os acontecimentos.

Com relação ao tempo, entre 378 e 384, ele escreve: “*Teodósio parte de Cauca em 378 y llega a Constantinopla por las mismas fechas, pues a principios de 381 se hallaba ciertamente em Constantinopla y muy probablemente ya desde el año anterior, como Teodosio*”³⁸⁶.

Ambos, como já falamos, são originários da *Gallaecia*, Arce afirma que “*La atenta comparación del viaje de Teodosio desde su país natal, Cauca, hasta Constantinopla, y del itinerario de Egeria desde ‘el extremo litoral del mar Océano occidental’, donde ella había nacido, como dice Valerio, hasta Constantinopla, hace posible, y aun probable, que el viaje de ambos tuvo lugar al mismo tiempo. Los dos son españoles y de la misma ‘provincia’*”³⁸⁷.

Sobre os acontecimentos em si, podemos levantar uma série de facilidades que Egéria teve pelo caminho, foi recepcionada por autoridades administrativas e eclesiásticas, além de ser escoltada por soldados, o que percebemos como sendo um grande indício de sua posição de destaque.

O frei Augustín Arce sugere que a ligação de Egéria e Teosósio seria de grande proximidade e, ainda, que eles poderiam ter viajado juntos para a Terra Santa: “*Podemos, pues, suponer que Teodosio y Egeria partirían juntos del NO de España: Teodosio para defender el Imperio contra los bárbaros invasores; Egeria para venerar los santuarios de Palestina y visitar los monasterios de Siria y Egipto. Atravesarían la Galia meridional hasta llegar al Ródano – cuyo paso y rápida corriente impresionaran a Egeria, como lo recordará más tarde al atravesar el Eufrates (18,2) -; seguirán por el norte de Italia; se embarcarían en Aquileya o algún outro puerto, y por el Adriático – el “mare Ytalicum” que Egeria recordará en el mar Rojo (PEDRO DIÁCONO, Y 10)-*

384 Disponível em: <<https://www.custodia.org/pt-pt/search/node?keys=egeria>>. Acesso em: 04 set 2020.

385 Obra publicada em 1980, pela Biblioteca de Autores Cristianos, em Madrid.

386 ARCE, 1980, p.30, apud OLIVEIRA, 2014, p. 72.

387 Ibidem.

; y luego se separarían, para ir Teodosio a luchar contra los godos y demás bárbaros que habían invadido la Tracia, la Moesia y la Scythia al sur del Danubio, y Egeria seguiría por mar hasta Constantinopla, donde se habrá dedicado a estudiar el griego para poder entenderse con las personas de esta lengua en aquella capital y durante todo su viaje”³⁸⁸.

Para Rosa Maria Cid Lopez, historiadora espanhola, a história de Egéria apresenta traços de uma construção patriótica em torno dessa misteriosa mulher, sua origem hispânica foi aceita, praticamente sem controvérsias, a partir da Epístola de Valério, que a identifica como proveniente da província de *Gallaecia*, o que se traduz em uma grande variedade de lugares, que não necessariamente no território conhecido hoje como Galícia, ou ainda, proveniente da mesma cidade de Teodósio, Cauca.

O que para essa pesquisadora não carece de dúvidas são dois pontos: sua origem hispânica e sua pertinência à aristocracia hispano-romana, a autora discorda daqueles historiadores que colocam Egéria de origem galo, devido à parte da *Peregrinatio* em que ela compara o Eufrates ao Ródano.

Concordamos com Cid Lopez que tal comparação não pode ser interpretada como a pátria de origem da nossa peregrina. Sendo ela de uma família de posses, ela poderia ter conhecido a região do Ródano, e não ser natural de lá.

Durante o governo de Teodósio, famílias aristocráticas hispânicas tiveram muita influência dentro do Império, portanto, a suspeita de ser Egéria parente de Teodósio não é absurda, embora ela possa pertencer a outra família igualmente influente e com relações com a família teodosiana. Rosa Maria Cid Lopez cita ainda que Egéria foi relacionada a um tio do Imperador, conhecido como *Eucherius*. Também levantaram a hipótese de ela ser irmã de Gala Placídia, filha do imperador Teodósio I e da sua segunda esposa, a imperatriz Gala: “*En el fondo, las razones esgrimidas tienen que ver con la notable implicación de algunas mujeres de la corte imperial en el apostolado y proselitismo Cristiano [...] sin olvidar la presencia de galas e hispanas pertenecientes a ricas e influyentes familias aristocráticas, de lo que Egeria podía ser un elocuente ejemplo*”³⁸⁹.

388 Ibidem, p. 73.

389 LOPEZ, 2010, p. 23-24.

De acordo com a nossa pesquisa, Egéria, de alguma maneira, tinha uma situação socioeconômica muito confortável, isso se traduz primeiramente pela logística de viagem e sua formação, Egéria foi uma escritora. Uma escritora do século IV, dificilmente alguém de menos posses conseguisse fazer uma peregrinação de tal envergadura, para tanto, comparamos com as outras peregrinas contemporâneas a ela: Paula, Helena, Melânia A Velha e Melânia a Jovem, quatro peregrinas, três aristocratas e uma Imperatriz.

Em todos esses relatos, percebemos que todas dispenderam grande parte de suas fortunas para garantir a locomoção, alimentação e acomodação delas e de quem estava junto na empreitada.

10.3 O *ITINERARIUM*

Egéria narra sua viagem em primeira pessoa do plural, o que nos dá a entender que seria um grupo de pessoas que a estariam acompanhando, a natureza desse grupo parece ser variada, de militares a clérigos, o que percebemos como sendo ela de uma importância igual à de Helena Augusta, seria Egéria da família do Imperador Teodósio? As coincidências são muitas, inclusive a datação da viagem de ambos no mesmo período e da mesma região da Gallaecia: *“Teodosio parte de Cauca el año de 378 y llega a Constantinopla; Egeria debió partir de su tierra y llegar a Constantinopla por las mismas fechas, pues a principios del 381 se hallaba ciertamente en Constantinopla y muy probablemente ya desde el año anterior, como Teodosio”*³⁹⁰.

Enquanto discorre sobre a localidade a ser visitada, Egéria sempre narra o grupo presente, e notamos o que parece ser uma comitiva de recepção à viageira, como nessa passagem:

“Existem, pois, de Clisma, isto é, do Mar Vermelho, até a cidade de Arábia³⁹¹, quatro pousadas pelo deserto, assim pelo deserto, que cada uma das pousadas tenha um posto militar com soldados e comandantes, que sempre nos acompanhavam de acampamento a acampamento. Nesse percurso, pois, os santos que estavam conosco, isto é, clérigos ou monges, mostravam a nós cada um dos lugares que eu sempre requeria, conforme as Escrituras;

390 ARCE, 1980, p. 30.

391 Acreditamos que Egéria estaria nesse período, na Península de Sinai, ela relata o Monte, o deserto e o mar, provavelmente esteja contornando o sul da península.

*de fato, uns ficavam à esquerda, outros à direita em relação ao nosso caminho, uns muito perto, e outros ainda bem longe da estrada*³⁹².

Conforme relata sua viagem, Egéria vai relacionando os lugares com passagens bíblicas, que serve inclusive para atestar a veracidade dos livros sagrados, como observamos nessa parte: *“Com efeito, não só nos foi mostrado Epáulis defronte, como também estivemos em Magdol* (Ex 14,2). De fato, agora existe um forte nesse lugar, contendo um oficial com soldado, que aí agora responde pela disciplina romana. Também, efetivamente, segundo o costume, nos conduziram daí até outro forte, e nos foi mostrado o lugar Baal-Sefon (Ex 14,2), aliás, estivemos nele. Na verdade, é uma planície acima do Mar Vermelho, junto ao flanco da montanha, que acima disse, onde os filhos de Israel, como tivessem avistado os egípcios vindo atrás deles, gritaram (Ex 14,10)”*³⁹³.

Egéria parece ter se hospedado ou visitado fortes romanos, o que lhe dá novamente uma característica de peregrina especial, a partir da Península do Sinai, ela entra na região do Egito, nesse momento ela faz um relato típico dessa região desértica do Egito, com uma *martíria* e monastério de monges santos que ela visitou: *“De fato, essa aldeia tem uma igreja, bem como martíria* e também numerosos mosteiros de monges santos; para ver cada um deles nos foi necessário ali descer, conforme o costume que mantínhamos”*.³⁹⁴

Por toda extensão do *Itinerarium*, ela nunca está sozinha ou em desamparo, por exemplo, quando ela sai do Sinai e entra no Egito, um bispo se desloca de sua cidade para escoltá-la até onde haverá uma festa religiosa, onde ela permanecerá por dois dias: *“Todavia, por acaso aconteceu-nos isto de extremamente agradável, que naquele dia em que chegamos à pousada de Arábia era véspera do felicíssimo dia da Epifania; de fato, naquele mesmo dia, deviam realizar-se vigílias na igreja. E assim, pois, nos reteve por dois dias nesse lugar o santo bispo, santo e verdadeiramente homem de Deus, já bastante conhecido por mim desde o tempo em que eu fora a Tebaida. Esse santo bispo é um antigo monge, pois foi, desde pequeno, criado no mosteiro e, por isso, é tão erudito nas Escrituras, como é correto em toda a sua vida, como já disse acima. Mas, a partir dali, nós já dispensamos os soldados que nos ofereceram auxílio por conta da disciplina romana durante todo o tempo em que*

392 EGERIAE, *Peregrinatio* 7.2.

393 Ibidem, 7.4.

394 Ibidem, 7.7.

*andamos por lugares perigosos; porque agora já havia uma estrada pública através do Egito que passava pela cidade de Arábia, isto é, que conduz de Tebaida a Pelúcio, e por isso já não foi necessário incomodar os soldados”.*³⁹⁵

Nesse ponto, observamos que Egéria afirma conhecer o Bispo desde os tempos em que ela visitou Tebaida, o que nos provocou a levantar a hipótese de que talvez ela já tenha ido em peregrinação, pelo menos a algumas regiões da Terra Santa, ao que indica, à região dos Padres do Deserto.

Novamente, Egéria parece ter um status importante e se enquadrar no modelo de visitante ilustre, os que a recebem sempre oferecem o que há de melhor para eles, ou uma completa visita aos lugares das Escrituras, como ocorreu anteriormente no Sinai, ou a hospedagem em Mosteiros para o acompanhamento de festas litúrgicas e também a preocupação com sua segurança, que sempre provocou o deslocamento de soldados.

Mais à frente ela relata que já tinha conhecido não só Tebaida, mas também Alexandria, com propósito de estudar as Escrituras: *“E ainda que, como falei acima, já tivesse conhecido aqueles lugares, isto é, quando fora a Alexandria e a Tebaida, contudo, porque queria estudar a fundo os lugares em que os filhos de Israel andaram, partindo de Ramsés (Ex 12,37ss) até o monte santo de Deus, o Sinai, assim também foi necessário novamente voltar à terra de Gessen e daí a Táfnis; pois bem, partindo nós de Táfnis, caminhando pelo caminho já conhecido, cheguei a Pelúcio. E desse lugar partindo de novo, fazendo o caminho por cada uma das pousadas do Egito pelas quais tínhamos feito viagem, cheguei às terras da Palestina. E daí, em nome de Cristo nosso Deus, fazendo novamente algumas pousadas pela Palestina, voltei a Élia, isto é, a Jerusalém”*³⁹⁶.

Teria Egéria efetuado duas viagens com propósitos diferentes, uma para estudo e, depois, voltando para escrever um diário de viagem para peregrinas? Mais à frente no texto, ela fala sobre estar fora de seu domicílio há três anos: *“Novamente, em nome de Deus, decorrido bastante tempo, quando já fazia três anos inteiros desde que chegara a Jerusalém, vistos também todos os lugares santos a que me dirigira para orar, e sendo já minha intenção voltar à pátria”*³⁹⁷, e que teria passado por alguns lugares mais de uma vez dentro desse período: *“E assim, pois, no outro dia de manhã,*

395 Ibidem, 9.1-9.3.

396 Ibidem, 9.6-9.7.

397 EGERIA, *Peregrinatio*, 17.1.

*nós pedimos ao bispo que fizesse a oblação, como também se dignou a fazer, e, abençoando-nos o bispo, partimos. Comungando, pois, também ali, sempre dando graças a Deus, regressamos a Jerusalém, fazendo o caminho por cada uma das pousadas pelas quais fôramos três anos”.*³⁹⁸

Portanto, essa questão parece ter sido respondida, pois também as grandes dificuldades enfrentadas, mesmo para peregrinos com posses, eram muitas, além do tempo que se levava, de um oposito a outro do Império era muito grande. A viagem em si, dificultosa, e o próprio destino da peregrinação era muito inóspito.

Egéria produziu uma grande narrativa geográfica e de localização para futuros viajantes, pois ela descreve o curso de rios e o quanto uma montanha é íngreme e de difícil acesso: *“Assim, pois, parti de Jerusalém com os santos que se dignaram a oferecer acompanhamento à minha viagem, e estes, contudo, por causa da oração. Tomando, pois, o caminho desde Jerusalém até Cárneas, passando por oito pousadas – aliás, agora a cidade de Jó se chama Cárneas, que antes foi chamada Denaba* (Gn 36,32), na terra de Ausítis, nas fronteiras da Idumeia* e da Arábia –, indo neste caminho, vi sobre a margem do rio Jordão um vale bastante bonito e ameno, abundante em vinhas e árvores, pois os cursos d’água eram ali numerosos e excelentes”*³⁹⁹.

Percebemos que há uma preocupação em narrar com precisão a localização de mosteiros, igrejas e locais santos; assim como a quantidade de pousadas que estão disponíveis pelo caminho *“Efetivamente, quero que me creia, Vossa Afeição, que não há nenhum dentre os cristãos que não almeje ir para lá por motivo de oração, pelo menos todo aquele que tenha se dirigido aos lugares santos, isto é, a Jerusalém; e este lugar fica na vigésima quinta pousada desde Jerusalém”*.⁴⁰⁰

Comparativamente, o *Itinerarium* de Egéria é mais completo que seu predecessor, o *Itinerarium Burdigalense*⁴⁰¹, também conhecido como *Itinerarium Hierosolymitanum*⁴⁰², é o mais antigo relato cristão de uma peregrinação à Terra Santa. Ele relata uma viagem de Bordeaux a Jerusalém realizada durante os anos 333 e 334. O texto chegou a nossos dias em quatro manuscritos, copiados entre os séculos VIII e X. Seu escritor é conhecido com Peregrino de Bordeaux, de nome

398 Ibidem, 16.7.

399 Ibidem, 13.2.

400 Ibidem, 17.2.

401 Itinerário de Bordeaux, atual França.

402 Itinerário de Jerusalém.

desconhecido. Mais antigo que o de Egéria, porém com uma diferença substancial. Ambos foram à Terra Santa, embora não tenham visitado exatamente os mesmos lugares. O escrito de Egéria é uma literatura de viagem em que a autora descreve detalhadamente os lugares visitados. O *Itinerarium de Bordeaux*, não. O relato apenas enumera as cidades por onde passou e os lugares onde parou ou trocou de cavalo, com suas respectivas distâncias. Para a Terra Santa, ele também observa brevemente os eventos importantes que acredita estarem relacionados com os vários lugares. Tudo muito breve e resumido, um guia sucinto. Segundo Gustavo Sartin: “É preciso ter em mente que os viajantes romanos não dispunham de mapas como os nossos, valendo-se em vez disso de itineraria (*itinerários*), listas com locais de parada ao longo das vias e as distâncias entre eles. A julgar pelo único exemplar de um mapa romano que chegou aos nossos dias, a Tabula Peutingeriana, 4 que mede 0,34 por 6,75 metros, os mapas romanos eram grandes e desajeitados demais para serem usados durante as viagens. Eles, além disso, não reproduziam a geografia da região retratada com a fidelidade a que estamos acostumados, servindo sobretudo para dar indicações acerca dos trajetos”.⁴⁰³

Sempre acompanhada de um séquito, Egéria vai nos contando sobre os lugares visitados, fazendo a comparação com as Escrituras, confirmando as suas dúvidas com os sacerdotes locais. A narrativa de Egéria é bem detalhista, percebemos que ela, além de indicações, pensou naquelas mulheres que não conseguiriam empreender a mesma viagem que ela, deixando assim tudo minuciosamente detalhado.

Em uma outra parte do texto, quando ela já está na Mesopotâmia, acontece uma das passagens mais interessantes e ricas desse relato, em que tivemos conhecimento de que Egéria tinha acesso a obras de copistas, portanto, a uma biblioteca que provavelmente se localizava em um mosteiro, e o comprometimento dela em corrigir essa obra, caso a original se mostrasse muito diversa e se confirmando, mais uma vez que, seu relato estava sendo escrito para um grupo de mulheres! Egéria escreve: “*Também foi muito agradável para mim que eu recebesse desse santo tanto as próprias cartas de Abgar ao Senhor como as do Senhor a Abgar, as quais nos lera ali o santo bispo. E ainda que tivesse na pátria cópia das mesmas, contudo me pareceu mais agradável recebê-las dele, [lacuna] para que nada*

403 SARTIN, 2014, p. 294.

*chegasse a menos até nós, na pátria: na verdade, é bem maior esta que recebi aqui. E se Jesus nosso Deus ordenar e eu voltar desse lugar à pátria, vós também a lereis, senhoras da minha alma”.*⁴⁰⁴

Para quem escrevia Egéria? Para mulheres do mesmo círculo que ela, ou seja, mulheres que pretendiam realizar essa viagem e, portanto, pertenciam a uma classe social abastada, provavelmente à aristocracia fundiária, dominante na região em termos de poder e de posses.

O fato de ela afirmar já ter tido contato com uma cópia das cartas de Abgar ao Senhor nos faz imaginar que ela poderia fazer parte de algum monastério. Mas, no texto que está disponível, para nós, não há menção de nenhum local ou regra monástica por ela seguida.

Seria esse grupo uma comunidade de mulheres priscilianistas? Mas acima expusemos a influência desse movimento durante o século IV na *Gallaecia*, região de origem de Egéria. A popularidade do ascetismo entre as mulheres da aristocracia poderia tê-las aproximado do movimento de Prisciliano, ideias como castidade, jejum e abandono de vícios mundanos eram comuns às duas vertentes de pensamento.

Há um outro aspecto também que favoreceria a adoção do priscilianismo pelas mulheres, a interpretação livre dos Evangelhos, por exemplo, eles questionavam os códices bíblicos e liam os Evangelhos considerados apócrifos, os Ditos de Jesus ao rei Abgar é um deles, assim como o Evangelho de São Tomé, e Egéria mostra um grande interesse em visitar os lugares ligados aos textos apócrifos.

Assim como visitar o *martyrium* de Santa Tecla: *“Mas, visto que a três acampamentos de Tarso, isto é, em Isáuria, fica o martyrium de Santa Tecla, me aprouve que também me dirigisse para lá, sobretudo porque era tão próximo. Partindo, pois, de Tarso, cheguei a uma certa cidade acima do mar, ainda na Cilícia, que se chama Pompeiópolis. E daí, entrando já no território de Isáuria, fiquei na cidade que se chama Córico. E no terceiro dia cheguei à cidade que se chama Selêucia da Isáuria. Assim que cheguei, fui até o bispo, verdadeiramente santo, antigo monge; vi também aí na mesma cidade uma igreja muito bonita. E já que daí até Santa Tecla, que é um lugar além da cidade, numa colina, mas na planície, havia da cidade talvez mil e quinhentos passos, preferi, pois, prosseguir até lá para fazer lá a parada que eu*

404 Ibidem, 19.19.

*ia fazer. Porém, nesse lugar, junto à igreja consagrada, não há nada a não ser um sem-número de mosteiros de homens e mulheres”.*⁴⁰⁵

Segundo a Arquidiocese de São Paulo:

“Não se sabe exatamente se foi em Isáuria ou na Licaônia, Turquia, o local onde a virgem mártir Tecla nasceu. O que se sabe é que é uma das figuras mais importantes dos tempos apostólicos, muito celebrada entre os gregos. Tudo começou quando, um dia, ao ouvir uma conversa sobre o valor da castidade entre o apóstolo Paulo e seu anfitrião Onesíforo, a jovem e pagã Tecla foi tocada no coração pelo discurso do santo. Ficou tão impressionada que, naquele exato momento, resolveu não mais casar-se. Mas o faria muito em breve, pois havia sido prometida a um jovem de nome Tamiris. Quando a jovem resolveu desmanchar o casamento, tanto sua família como a do noivo fizeram de tudo para demovê-la da ideia. Tecla, porém, manteve-se firme na convicção de converter-se. Isso despertou a ira de seu noivo, que conseguiu a prisão e a tortura de São Paulo por influenciar a jovem, o que eles consideravam ser uma atitude demoníaca por parte do apóstolo.

Nem assim Tamiris conseguiu que Tecla abandonasse os ensinamento de Cristo, que agora seguia. Ela foi, algumas vezes, procurar Paulo no cárcere, para dar-lhe apoio e solidariedade. Com essa atitude, deixou seu ex-noivo ainda mais irado. Como consequência, ele a denunciou para o procônsul, que a sentenciou à morte na fogueira. Mas a condenação resultou numa surpresa: as chamas não a queimaram. Algum tempo depois, Tecla foi novamente julgada e condenada à morte, só que, agora, seria atirada às feras, diante do povo no Circo. Mais uma vez o prodígio se realizou e as feras deixaram-se acariciar por ela, cujas mãos lambiam mansamente. Pareciam mais com gatinhos do que com ferozes tigres e leopardos selvagens. Por fim, Tecla foi jogada dentro de uma escura caverna cheia de serpentes venenosas. De novo, nada lhe aconteceu.

*Conta uma das mais antigas tradições cristãs que Tecla morreu aos noventa anos de idade, em Selêucia, moderna Selefkie, na Ásia Menor, depois de conseguir a conversão de muitos pagãos. O corpo de santa Tecla teria sido sepultado nessa cidade, onde, depois, os imperadores cristãos mandaram erguer uma igreja dedicada à sua memória. Santa Tecla é invocada pelos fiéis devotos como a padroeira dos agonizantes e também solicitada para interceder por eles contra os males da vida. A Igreja confirmou o seu culto pela tradição dos fiéis e manteve o dia em que já habitualmente sua festa é realizada”*⁴⁰⁶.

Santa Tecla viveu no século I, tornou-se muito conhecida a partir do século II, como modelo de virgindade e ascetismo feminino, através de Evangelhos Apócrifos, Atos de Paulo e Tecla. Devido aos inúmeros milagres relacionados a ela e à conversão de muitos pagãos através de sua pregação, recebeu da Igreja os títulos de “igual aos apóstolos” e “protomártir entre as mulheres”, pois foi considerada a primeira mártir⁴⁰⁷.

405 EGERIA, *Itinerarium*, 22.2;23.1;23.2.

406 Disponível em: <<http://regiaoipiranga.C.om.br/liturgia/santo-do-dia/santa-tecla>>. Acesso em: 09 set 2020.

407 MARTINS, 2017, p. 266.

Já na região da atual Turquia, Egéria faz uma parada na cidade de Selêucia (atual Silifke, Turquia), na Isáuria, para depois prosseguir até a martíria de Santa Tecla. *“Nos arredores da cidade, num lugar atualmente denominado Ayatecla, na localidade de Meriamlik, encontra-se o principal santuário à Santa Tecla, uma grandiosa basílica do século V. Ali viveu em solidão o Padre capadócio e Doutor da Igreja Gregório de Nazianzo [...] entre 375 e 379, um pouco antes da visita de Egéria”*.⁴⁰⁸

Egéria chega ao lugar da martíria, *“que junto à Igreja consagrada, não há nada a não ser um sem-número de homens e de mulheres”*⁴⁰⁹. *Com efeito aí encontrei uma grande amiga minha, e de quem todos no Oriente davam testemunho de sua vida, uma santa diaconisa de nome Martana, que eu conhecera perto de Jerusalém, onde ela subira para orar: ela dirigia conventos de apotactitas*⁴¹⁰ *ou virgens. Acaso posso descrever qual podia ser minha alegria ou dela quando me viu?*⁴¹¹ *“E aí, pois quando cheguei, em nome de Deus, feita uma oração no martyrium e também lidos todos os Atos de Santa Tecla, dei infinitas graças a Cristo nosso Deus, que se dignou a satisfazer a mim, indigna e não merecedora, em todos os desejos”*⁴¹² Nessas passagens, percebemos uma Egéria que se encaixa como uma priscilianista, ela escreve para uma comunidade de mulheres da importância aos Evangelhos Apócrifos, a carta de Jesus a Abgar, a visita ao santuário de Santa Tecla, e a leitura de seus Atos.

Conforme avançamos no texto, a inclinação de Egéria ao priscilianismo fica mais evidente, ao chegar na região do *martyrium* de Santa Tecla, Egéria presencia uma leitura do apócrifo da Santa!⁴¹³ Possivelmente Egéria estivesse acompanhado de grupos de priscilianistas junto dela. O priscilianismo não foi um movimento pequeno e nem impopular, principalmente entre as mulheres, os adeptos da heresia cresciam, colocando em perigo o fortalecimento da Igreja na região da Gallaecia: *“La popularidad del movimiento priscilianista obligó a la ortodoxia Cristiana a tomar*

408 Ibidem, p. 262.

409 ITINERARIUM, 23.2.

410 Palavra derivada do grego, cujo significado é “os que se separam”, “os que renunciam”. Tipo de asceta, homem ou mulher, praticante de jejuns e assíduo aos ofícios religiosos. São os monazotes (religioso eremita ou solitário, que poderia ou não pertencer ao clero) e as pártenas. Monazotes podem se referir aos dois sexos, mas pártena apenas ao sexo feminino. (MARTINS, 2017, p. 237/254).

411 ITINERARIUM, 23.3.

412 ITINERARIUM, 23.5.

413 EGERIA, *Peregrinatio*, 23.5.

*medidas que regularan la presencia femenina en la Iglesia para ceñirla a los márgenes fijados por la tradición. En el concilio caesaraugustano se recuerda, por ejemplo, el papel de la mujer reducida a un elemento pasivo, subordinado, privado de responsabilidades cuyo ámbito vital se reduce a la familia y sus atribuciones dentro de la comunidad no superan los límites de la lectura y la discusión y nunca incluyen el magisterio. Ante la amenazante popularidad del ascetismo practicado por las seguidoras priscilianistas, la Iglesia católica también estableció como único compromiso ascético permitido a las mujeres el descrito para las puella Dei⁴¹⁴ a finales del siglo IV, siempre bajo el techo familiar, integradas en la vida social de sus comunidades”.*⁴¹⁵

Portanto, podemos compreender por que Valério del Bierzo, o monge hispânico do século VII, descreveu Egéria como uma mulher santa, uma virgem peregrina que foi à Terra Santa para fortalecer seus ideais monásticos, com isso, ele toma para a ortodoxia uma personagem que possivelmente fosse herética, uma política de fortalecimento e exaltação da peregrinação de católicos à Terra Santa.

Vejamos, a obra de Valério é do século VII, e o priscilianismo já havia sido condenado como heresia há muito tempo, caso ele tivesse percebido na obra de Egéria que chegou a ele traços de priscilianismo, ou mesmo que nos lugares por onde ele pregava, era de conhecimento a adesão de Egéria ao movimento, ele construiria uma imagem contrária, se lermos a carta de Valério sobre ela, parece ser uma outra pessoa, aliás, a Egéria da *Peregrinatio* não parece ser a Egéria monja de Valério.

A obra de Valério sobre Egéria a descreve como uma monja que peregrinou até a Terra Santa para reforçar seus valores ascéticos. O monge do Bierzo apresenta em sua obra um modelo eremítico e valores ascéticos, portanto, devemos levar em consideração o fato de que Egéria provavelmente não fosse monja, pois não há evidência de que ela estivesse ligada a algum mosteiro ou comunidade cenobítica, e tampouco fosse uma mulher santa e ascética, possivelmente, era uma devota cristã pertencente à aristocracia romano/galécia.

A vida de Egéria, embora um mistério em muitos aspectos, torna-se mais clara com a leitura de seu *Itinerarium*, percebe-se que ela pertencia a um círculo social e

414 Jovem consagrada.

415 HUESMA,2007, p. 127.

político influente, não necessariamente era aparentada ao Imperador Teodósio (347-395), como afirmam alguns escritores.

Enquanto que, na primeira parte da obra, Egéria narra sua peregrinação a vários lugares sagrados, com descrição geográfica e de localização de cada lugar visitado, na segunda parte ela conta sobre como os ofícios eram praticados nessa parte do Império, o que nos possibilita conhecer a liturgia do cristianismo desses primeiros séculos do cristianismo.

Percebemos a dedicação e preocupação de Egéria para com suas leitoras, que sempre são citadas na *Peregrinatio* de forma coletiva, mas fica bem claro que havia um grupo de mulheres esperando por essa obra.

Ela assim começa a segunda parte: *“Para que de fato Vossa Afeição soubesse que ofício se celebra nos lugares santos em cada dia, julguei dever vos informar, sabendo que teríeis prazer em conhecê-los”*⁴¹⁶.

Essa parte de descrição litúrgica é sobre a Quaresma e Pentecostes, a questão dos jejuns chamam bastante a atenção de Egéria, que descreve tipos diferentes do jejuar, há os que jejuam de forma muito rigorosa, comem uma vez na semana, mas o que eles não fazem é jejuar aos sábados e domingos, e essa constatação gera um estranhamento em Egéria.

Observamos que ela descreve a prática do jejum mais de uma vez, em uma passagem ela explica que os palestinos não jejuam aos sábados, exceto no sábado da Vigília Pascal; domingo não se jejuar: *“Igualmente, quando chegam os dias pascais, se celebram assim. Pois, assim como são observados entre nós os quarenta dias antes da Páscoa, aqui se observam oito semanas antes da Páscoa. Por esta razão, são observadas oito semanas: porque nos dias de domingo e de sábado não se jejuar, exceto em um só dia de sábado, no qual há as vigílias pascais e é necessário jejuar-se; exceto esse dia, em todo o ano, aqui, absolutamente nunca se jejuar ao sábado. Assim, pois, de oito semanas, deduzidos oito domingos e sete sábados, porque é necessário jejuar um sábado, como disse acima, restam quarenta e um dias em que se jejuar, que aqui chamam Eortae, isto é, a Quaresma*⁴¹⁷.

Mais à frente no texto, conforme a Quaresma transcorre, ela novamente descreve a questão do jejum:

416 EGERIA, *Itinerarium*, 24.1.

417 EGERIA, *Peregrinatio*, 27.1.

“Ora, como eu disse, no sábado a missa é feita mais cedo, isto é, antes do sol, para que se liberem mais cedo aqueles que chamam aqui hebdomadários. De fato, tal é o costume dos jejuns aqui na Quaresma, de modo que esses que se chamam hebdomadários, isto é, que fazem semanas, comam no dia de domingo, porque se faz a despedida na quinta hora. Uma vez que terão comido no domingo, já não comem mais a não ser no sábado de manhã, logo após terem comungado na Anástase. Por causa desses, pois, para que se liberem mais cedo, a missa se faz no sábado, antes do sol, na Anástase. Como disse, por causa deles se faz a missa de manhã, não porque apenas eles comunguem, mas todos os que querem comungar comungam naquele dia na Anástase.. Na verdade, o costume dos jejuns na Quaresma aqui é tal que os outros, após terem comido no dia de domingo, depois da missa, isto é, na quinta ou sexta hora, não comem durante toda a semana, a não ser no sábado seguinte, após a despedida da Anástase. São esses que fazem as semanas. Porém, no sábado, porque se terá comido de manhã, já não comem de tarde, mas no outro dia, isto é, no domingo, almoçam depois da despedida da igreja, na hora quinta ou mais tarde, e depois já não comem, senão no sábado seguinte, como disse acima⁴¹⁸”

Percebendo que, há um grupo que jejua durante a semana, há os jejuns no Sábado Pascal, mas nunca há jejum aos domingos, e porque isso chamaria tanto a atenção de Egéria?

Podemos levantar a hipótese de que ela, como seguidora de Prisciliano, jejuava aos domingos, e suas futuras leitoras também. Nesse sentido, o estranhamento da falta de jejum aos domingos justificasse, mesmo porque, parte-se do pressuposto de que a viagem de Egéria, além de desbravar um caminho que poderia ser seguido por outras, era uma obra de reconhecimento de como era praticado o cristianismo na Terra de Jesus e tão longe da casa de Egéria.

Uma sensação de igualdade e de acolhimento por parte de muitos personagens masculinos está presente no decorrer do *Itinerarium*. Nele, Egéria relata a troca de experiências e o estabelecimento de relações sociais com homens e mulheres que encontrou pelo caminho.

O *Itinerarium* nos oferece um novo olhar sobre tudo o que envolveu esses movimentos de peregrinação no século IV, principalmente no que se refere à presença feminina. O relato desnuda uma realidade de tratamento igualitário, no que se refere aos peregrinos de ambos os sexos, Egéria é recebida por monges e, em alguns, abrigadas em pousadas ou mosteiros onde homens e mulheres juntamente tinham a mesma acolhida.

418 Ibidem, 27.9;28.1;28.2.

Essa liberdade que ela encontrou dentro das peregrinações e que arriscamos a demonstrar como um espaço de expressão, um lugar de fala, obedecia a um código de conduta que já estava implícito a muitos, essas pessoas seguiam os valores ascéticos e praticavam a castidade. Mas isso não impediu que a mulher conseguisse se expressar e, o mais importante, escolher uma vida diferente da sua.

No ambiente religioso e ascético do deserto, tanto homens quanto mulheres estavam em busca de experiências espirituais, que obedeciam praticamente ao mesmo modo de conduta.

Egéria nos mostra um ambiente onde homens e mulheres conviviam de forma pacífica, sem limitações de lugares a serem visitados, ou cerimônias das quais mulheres não poderiam participar: *“No sábado à tarde, portanto, caminhamos para o monte e chegamos a algumas ermidas⁴¹⁹; acolheram-nos com bondade os monges que ali viviam, dispensando-nos a maior cortesia [...].⁴²⁰*

No entanto, devemos levar em conta que o tratamento dado à Egéria pode ter sido influenciado por sua origem aristocrática e, possivelmente, muito próxima a Teodosio. Em outra parte, participando de uma martíria, dedicada a Santo Helpídio⁴²¹, Egéria conta que “eles”⁴²² permaneceram no lugar da martíria por mais dois dias devido à festa e às visitas de santos que vieram saudá-la⁴²³.

Como a obra está incompleta, um dos prováveis itinerários de Egéria é que ela tenha chegado a Constantinopla, contornando o Mar Mediterrâneo, após os Pirineus, descendo pelo norte da Itália e depois pelo Mar Adriático. Depois partiu para Jerusalém, Jericó, Nazareth e Cafarnaum. Na lista de lugares visitados por Egéria consta ainda o Egito, Alexandria, Tebas, o mar Vermelho, Antioquia, Edessa, Mesopotâmia, o rio Eufrates, a Síria e novamente Constantinopla.

Ela se mostra uma mulher instruída e aberta a aprender sobre os cultos cristãos orientais, descreve a natureza e os aspectos geográficos de cada lugar, além

419 Habitação de um homem só.

420 ITINERARIUM, 3.1.

421 Este santo, mencionado por Egéria, não consta em nenhum martirologio, portanto, “acredita-se que deveria ser um santo local de Carra atual Harã na Turquia, (que provavelmente morreu durante a perseguição de cristãos promovida pelo rei persa Sapor II, entre 310 e 380. No texto, o dia do martírio corresponde à festa em comemoração a esse santo, no dia 23 de abril (cap. 20,5).” MARTINS, 2017, p. 248.

422 Egéria não descreve quem viaja com ela, sabemos que está sempre acompanhada, mas não sabemos por quem e qual o número de pessoas, por toda a atenção que ela recebe, acreditamos que poderia viajar escoltada por soldados, justamente se fosse ligada de alguma forma a Teodósio.

423 ITINERARIUM 20.7.

das cerimônias cristãs das quais participou, os lugares em que foi abrigada e quem a recepcionou, dialogou com bispos, monges e anacoretas, aqui um relato sobre a subida do Monte Sinai:

[...] porque não se sobe a pouco e pouco andando em volta, em caracol como dizemos, mas sobe-se tudo a direito, como por uma parede, e é necessário descer a direito estes montes um por um, até se chegar à própria base daquele do meio, que é especialmente o Sinai⁴²⁴.

Uma parte importante da obra de Egéria é relacionada à narrativa da liturgia de Jerusalém, considerada os primórdios do que veria a ser a liturgia católica. Sobre isso, ela dedica a segunda parte da obra que engloba os capítulos 24 a 49: *“Para que de fato Vossa Afeição soubesse que ofício⁴²⁵ se celebra nos lugares santos em cada dia, julguei dever vos informar, sabendo que teríeis prazer em conhecê-los”⁴²⁶*. Segundo o relato, a liturgia era uma espécie de peregrinação local, o ofício não era celebrado em um único local, mas sim em vários outros lugares, como grutas ou ao ar livre e que fizessem parte dos acontecimentos de Jesus⁴²⁷, por exemplo, nessa passagem: *“E logo depois, desde a Anástase⁴²⁸ até a Cruz, o bispo é conduzido com hinos, e juntamente com ele vai todo o povo”⁴²⁹*. Como uma procissão, o decorrer do ciclo litúrgico visita vários pontos de importância cristã. Os rituais cristãos antigos tinham um caráter de peregrinação e de memória⁴³⁰, em que se revisitavam as passagens de Cristo. Egéria escreve: *“E acontece aqui, antes de tudo, algo muito agradável e admirável: que sempre tanto os hinos quanto as antífonas⁴³¹, e não só as*

424 *Itinerarium Egeriae*, 2011, p. 357.

425 Ofício, atividade litúrgica ou liturgia, aparecem como traduções do latim *operatio* para uma língua moderna. Ofício também serve para traduzir *missa*. (MARTINS, 2017, p. 149)

426 ITINERARIUM, 24.1.

427 MARTINS, 2017, p. 36.

428 O termo “anástase” é derivado do grego e significa ressurreição e também é o nome de reconhecimento da Igreja da Ressurreição, que apresentava uma majestosa cúpula que cobria o Santo sepulcro, em Jerusalém. Nesse local eram realizados diariamente o ofício divino. “Juntamente com a Cruz, uma pequena capela atrás da Cruz e o *Martyrium*, a Anástase formava a Basílica do Santo Sepulcro, um complexo construído em 335 por Constantino e sua mãe (Santa Helena), que é o mais conhecido e venerado dos Lugares Santos Cristãos. Hoje nada resta dessas suntuosas construções de Constantino, destruídas em 1009 por ordem do sultão Hakim. A Basílica do Santo Sepulcro atual data de 1149, e sua construção e sobrevivência só foram possíveis graças a um acordo do Império Bizantino com os muçulmanos e à conquista de Jerusalém pelos Cruzados”(MARTINS, 2017, p. 236.

429 ITINERARIUM, 24.7.

430 Disponível em: <<https://www.ecclesia.org.br/biblioteca/liturgia/a-influencia-da-liturgia-de-jerusalem-sobre-as-outras-igrejas.html>>. Acesso em: 31 ago 2021.

431 Antífona é uma melodia curta, executada em canto gregoriano, antes e depois da recitação de um Salmo.

*leituras, mas também as orações que o bispo diz, possuam exposições tais que sejam sempre apropriadas e convenientes ao dia que se celebra e ao lugar em que fazem*⁴³².

O Rito de Jerusalém aparece com um formato de peregrinação, não apenas pela movimentação física de visitar e louvar em lugares santos, mas uma peregrinação mental em busca do sagrado que está contido em todo o ofício ministrado nos lugares santos. O ritual do batismo, realizado durante a quaresma, traduz essa peregrinação espiritual, os candidatos apresentam um padrinho, no caso dos homens, e uma madrinha, no caso das mulheres. Os vizinhos dos candidatos ao batismo são inquiridos pelo bispo: *“É este de vida honesta, honra os pais, não é ébrio ou frívolo?”*⁴³³, no caso de alguma falha por parte daqueles que serão batizados, o bispo ordena que a pessoa saia e se corrija, após a correção, que se dirija à pia batismal.⁴³⁴ Egéria comenta da preocupação com o caráter e os hábitos de vida daqueles que desejam se converter e esclarece que os que são peregrinos têm muita dificuldade em se batizar, justamente porque não há esse tipo de prova.

Nessa mesma parte, em que Egéria fala sobre o batismo, temos mais uma frase que nos remete a um círculo de mulheres do qual Egéria fazia parte e para quem ela estava escrevendo o diário: *“Isto, porém, caras irmãs para que não penseis ser feito sem razão, julguei dever escrever”*⁴³⁵

Algumas cerimônias eram realizadas por religiosos e na presença de poucos leigos, como o serviço da vigília. O ofício da manhã era público e ocorria depois da vigília e era presidido pelo bispo. Assim como a diversificação de lugares que ocorriam as cerimônias, havia uma diferença entre a forma. Sobre os poucos leigos que presenciavam o serviço de vigília, podemos aventar a hipótese de serem autoridades locais ou de passagem, nesse sentido, Egéria pode ter estado presente em uma delas, pois não especifica o sexo dos participantes.

O *Itinerarium* nos mostra uma mulher que conseguiu realizar dois feitos muito importantes: a viagem e a escrita da mesma. Mostrando-nos um pouco acerca do mundo feminino do século IV.

Para a historiadora Rosa Maria Cid Lopez,

432 Ibidem, 47.5.

433 ITINERARIUM, 45.3.

434 Ibidem 45.4.

435 Ibidem 46.1.

[...] no caso de Egéria, destaca-se o feito de ser a primeira peregrina escritora, feito que há poucos exemplos inclusive em períodos mais modernos; aí está a importância do seu texto, sem esquecer que sua obra constitui o primeiro livro de viagens escrito na Península Ibérica⁴³⁶.

A obra de Egéria contribui para darmos voz às mulheres do cristianismo primitivo, sua importância centra-se principalmente em ser escrita por uma mulher, e não a história de uma mulher escrita por homem, como comumente encontramos. É o testemunho feminino dos primeiros séculos da cristandade.

436 LOPEZ, 2019, p.. 12.

11. CONCLUSÃO

A História das Mulheres propõe nos afastarmos um pouco das narrativas masculinas sobre o feminino, muitas fontes que nos chegaram são relatos de homens sobre mulheres, o que nos fez pensar por algum tempo que a mulher sempre estava em situação de inferioridade social e política com relação ao homem. A própria estruturação da família no período, compreendido entre o Baixo Império Romano e Alta Idade Média, nos mostra a mulher detentora do poder dentro de sua casa, já que esse espaço era seu por definição⁴³⁷.

De qualquer modo, sempre se tentou calar o “sexo frágil”, porque a sociedade não sabia lidar com a independência feminina, as mulheres solteiras eram mal vistas, as casadas e com filhos adquiriam um poder maior, isso mostrou que o casamento era a solução para que a mulher se afastasse da sedutora sensação de ser senhora do próprio corpo e destino.

A chegada do cristianismo provocou uma mudança psicológica e moral na mentalidade das mulheres do período⁴³⁸, as mártires preferiam se mutilar até a morte a abjurar a sua fé ou a cometer atos que significavam pecado para os cristãos. Valores ascéticos, como jejuns e celibatos, encontraram muitas adeptas. No caso das virgens, embora o universo pagão já convivesse com elas, as Vestais romanas, os mosteiros ajudaram a abrigar aquelas que renunciavam à vida de luxúria e vaidade.

O deserto egípcio e a Terra Santa tornaram-se o destino dos sonhos das cristãs primitivas, comunidades ascéticas somente de mulheres eram encontradas aos montes nessas regiões, embora a presença feminina ainda causasse estranheza, como um anacoreta que vivia no deserto egípcio, de nome Arsênio, que ao ser visitado por uma peregrina cristã a repreendeu por viajar sozinha e ainda por influenciar outras a fazerem o mesmo! Mas eram casos isolados, a maioria das peregrinas, monjas e anacoretas pareciam circular normalmente nesse ambiente. Mesmo porque era necessário que mais pessoas se tornassem evangelizadores, divulgando através da palavra e de atos a religião cristã, essa abertura à mulher tinha um limite, os cargos mais altos eclesiásticos e a participação nas definições dogmáticas da ortodoxia católica.

437 DUBY, 2011, p.. 111.

438 WOLFRAM, 2012, 654.

De qualquer modo, quando iniciamos a leitura do *Itinerarium* para este trabalho, conhecemos a grande obra de Egéria através do seu olhar, e não de um olhar masculino traduzindo seus pensamentos. A questão central deste trabalho foi mostrar a falsa ideia de invisibilidade das cristãs na construção do cristianismo nesses primeiros séculos, em especial no IV d.C. Esse século foi decisivo para o cristianismo, devido a dois imperadores Constantino (306-337) e Teodósio (378-395).

Constantino legalizou o culto cristão, abrindo espaço para uma religião que crescia mesmo perante todas as perseguições dos séculos anteriores, Teodósio a transformou em culto oficial, o que colocava outras religiões em um patamar que virá a ser impossível de conviver em um ocidente cada vez mais centrado nos dogmas ortodoxos cristãos, estabelecidos no Primeiro Concílio de Niceia, em 325, em que foram estabelecidos os principais dogmas cristãos. A doutrina cristã que dele resultou foi chamado de Credo Niceno, e sua ortodoxia foi responsável por abolir as outras interpretações dogmáticas, com a finalidade de fundamentar e centralizar a fé cristã em uma só Igreja.

Nesse ambiente movimentado do início da Igreja, resolvemos analisar qual era o papel da mulher, levando em conta as análises de gênero, pois as colocavam em um ambiente onde homens e mulheres disputavam um lugar na cristandade. Eram relações de poder que se formavam em um período de transformações na sociedade romana.

Compreendemos que não houve neutralidade na presença feminina nesse período, e que a importância dada ao sexo masculino foi uma construção de historiadores que repetiam a normativa de sociedades patriarcais e que visavam o protagonismo masculino dentro da Igreja em construção.

Nossa peregrina, Egéria, nos abriu um caminho de pesquisa onde nos localizamos contextualmente no século IV do Império Romano, e na sua província de origem, a Gallaecia. A partir disso, pudemos analisar o seu *Itinerarium* e algumas características que nos provocou questões ligadas à formação religiosa de Egéria, em especial, sua provável ligação com a heresia prisciliana.

O priscilianismo teve muita influência dentro das classes mais altas, às quais pertencia Egéria, e seu círculo íntimo consistia em mulheres cultas e aristocráticas, foi para essas mulheres que Egéria escreveu sua obra. Mulheres que tinham acesso à instrução e condições financeiras para viagens. As peregrinas aqui citadas pertenciam

todas à aristocracia, infelizmente as mulheres de classes mais baixas desaparecem das fontes.

Muitas das peregrinas abandonaram luxo e riqueza para acolherem os preceitos ascéticos, muitas jejuavam e vestiam apenas vestes simples. Elas exerceram de muitas maneiras a peregrinação como forma de diminuir os seus pecados. Se pensarmos que no imaginário cristão do período a mulher já nascia sob o signo do pecado original, a ideia de visitar os lugares que o Cristo viveu os atenuariam, soava como objetivo de vida.

Agostinho nos mostrou que a peregrinação poderia ser espiritual, ou seja, o caminho da fé até Deus é uma peregrinação que principalmente deve ser feita com a mente e o coração. No nosso trabalho, a matrona Marcela, discípula de Jerônimo, não empreende a peregrinação junto com sua colega Paula, ela decide ficar em Roma, um exemplo de peregrina espiritual, já que Marcela doou sua riqueza depois de viúva a criar um ambiente onde as mulheres se convertiam e aprendiam sobre o Evangelho.

Mas a peregrinação até os locais de fé cristã, como o deserto egípcio e a Terra Santa, possibilitou à mulher uma sensação de liberdade até então não vivenciada, pois as mulheres pagãs tinham uma vida restrita ao ambiente doméstico, a filósofa Hipátia ministrava aulas na Ágora, mas não viajava para outros lugares. A influência da cultura grega, muito presente, com a mulher completamente destinada ao espaço público, era o normal na sociedade romana.

Os homens do período começam a experimentar a convivência com as mulheres em espaços até então meramente masculinos. O mundo do deserto, com seus ermitões e ermitãs, os mosteiros as martírias. O ambiente cristão possibilitou uma convivência, em muitas vezes, igualitárias entre os dois sexos. A igualdade espiritual de homens e mulheres possibilitou uma abertura maior ao feminino. As mulheres cristãs experimentaram um caminho de mobilidade e liberdade, até então inexistente. A busca pelo Sagrado impulsionou deslocamentos geográficos sem a presença ou autorização masculina.

Peregrinas tinham no seu caminhar, seja o deslocamento físico ou o engajamento espiritual, o caráter de testemunhas, pois a testemunha está no fundamento da religião cristã. O cristianismo tornou Jesus a figura de testemunha entre Deus e Israel. Para as peregrinas, então, que testemunhavam os lugares bíblicos, a sensação de pertença a algo maior que o lar foi muito sedutora. O diário de viagem de Egéria é uma literatura de testemunho, pois ela apresenta, através da

própria experiência de estar nos locais sagrados, seu testemunho a respeito da veracidade bíblica. Testemunhar é um ato de grande importância cristã, em Apocalipse 12:11 está: “Eles o venceram pelo sangue do cordeiro e pela palavra do testemunho que deram; diante da morte, não amaram a própria vida”⁴³⁹. No Evangelho Segundo João, percebemos a importância do testemunho como ação da fé: “Quem crê no Filho de Deus tem em si mesmo esse testemunho. Quem não crê em Deus o fez mentiroso, porque não crê no testemunho que Deus deu acerca do seu filho”.⁴⁴⁰

Egéria então tornou-se uma testemunha, pois estabeleceu na sua viagem a veracidade do que está nas Escrituras: “*Há certos relatos da viagem de Egéria que se constituem como os primeiros testemunhos de fatos bíblicos*”⁴⁴¹, justificado pela própria Egéria, que escreve “*mostravam-se conforme as escrituras*”.⁴⁴²

Essas mulheres provaram serem partícipes da construção da narrativa cristã, evangelizaram e contribuíram para o fortalecimento na fé nas Escrituras. A História das Mulheres abriu espaço para tirar do segundo plano a participação feminina na História, mostrar a mulher como sujeito histórico. Com a ajuda de mecanismos de análise, o estudo de gênero, conseguimos aprimorar ainda mais essa análise, percebendo a mulher dentro das relações de poder e no seu espaço social, interagindo culturalmente com a população masculina.

Em uma quebra de paradigma, essas mulheres nos mostraram que o cristianismo, em vez de ressaltar a opressão feminina, auxiliou a descoberta de uma liberdade de movimento, não necessariamente físico, mas mental e intelectual, proporcionando uma liberdade de escolha de forma de vida para mulher.

Embora para nós possa parecer pequeno, o ato da escolha, de uma viagem, uma reunião de mulheres para discutir textos bíblicos, a decisão do celibato, da via ascética, etc., foi uma mudança grande para uma parcela da população do Império, acostumada a uma vida já definida e imóvel.

Este trabalho teve como premissa provocar uma discussão mais ampla acerca do papel das mulheres na construção do cristianismo. Mostrando um universo rico de mulheres ativas e cientes de sua escolha de vida, participando e disputando

439 Apo 12:11

440 Jo 5:10

441 MARTINS,2017, p34.

442 ITI 1.1 p. 59.

conjuntamente com os homens por um espaço dentro de um século que presenciou o cristianismo deixar de ser perseguido a tornar-se a religião oficial do Império.

FONTES

ARISTÓTELES. A Política. São Paulo: Martins Fontes, 1991

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1998.

EUSÉBIO DE Cesareia. História Eclesiástica. Os primeiros quatro séculos da Igreja Cristã. São Paulo: Novo Século, 2002.

_____. Vida de Constantino. Madrid: Editorial Gredos, 1994.

JONES, A. H. M; MARTINDALE, J. The Prosopography of the Later Roman Empire. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

MARTINS, Maria Cristina. Peregrinação de Egéria: uma narrativa de viagem aos Lugares Santos. Uberlândia: EDUFU, 2017.

OBRAS DE SAN CIPRIANO. Madrid: BAC, 1964.

PALADIO de Galacia. Historia Lausiaca. Ivory Falls Books: Columbia-SC, 2018.

SAN JERONIMO. Epistolario.

<https://archive.org/details/SANJERONIMOEpistolario/page/n9/mode/2up>.

_____. *Select Letters of St Jerome*. William Heinemann LTD: London, 1933.

_____. The Pilgrimage of The Holy Paula. Palestine Pilgrim's Text Society: London, 1887.

<https://archive.org/details/cu31924028534190/page/n9/mode/2up>.

SANTO AGOSTINHO. As Confissões. São Paulo: Quadrante, 1985.

_____. A Cidade de Deus. Vol.I. Fundação Calouste Gulbekian. 2 edição. Tradução J. Dias Pereira. Coimbra, 1996.

_____. A Doutrina Cristã. Tradução Ir. Nair de Assis Oliveira, csa. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. Comentário aos Salmos (Enarrationes in psalmos) Salmos 1 -50. São Paulo: Paulus, 2019.

SANTO AMBRÓSIO. A Virgindade. Vozes, 1980.

SOCRATIS AND SOZOMENUS. Ecclesiastical Histories by Socratis Scholasticus.
<<https://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf202.html>>

TOMÁS DE AQUINO. Suma Teológica. Disponível em
<<http://www.alexandriacatolica.blogspot.com>>

_____. Verdade e Conhecimento. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

REFERÊNCIAS

AMARAL, R. **A santidade habita o deserto**. A hagiografia à luz do imaginário social. São Paulo: Unesp, 2009.

ARCE, A. **Itinerario de la virgen Egeria**. Madrid: Ed. Biblioteca de Autores Cristianos, 1980.

ARENDT, H. **A Condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

ARIÉS, P; DUBY, G. **História da vida privada**. Do Império Romano ao ano mil. v.1. São Paulo: Schwarcz, 2010.

ARIÉS, P. **O Tempo da história**. São Paulo: Unesp, 2013.

BAPTISTA, A. P. P. **Marianismo e iconografia nos primórdios da Igreja Católica**: a anunciação à Virgem Maria. Rio de Janeiro: Phoênix, 1998.

BARRACLOUGH, G. **Os papas na Idade Média**. Lisboa: Verbo, 1972.

BARROS, J. D'. **Fernand Braudel e a geração dos Annales**. Revista eletrônica História em Reflexão, V.6 N.11 UFGD, Dourados jan/jun 2012.

_____. **Os conceitos seus usos nas ciências humanas**. Petrópolis: Vozes, 2016.

BEARD, M. SPQR. **Uma História da Roma antiga**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

BORGONDINO, B. U. **Cenobitas e anacoretas**: apontamentos sobre as conferências XVIII e XIX de João Cassiano. História, política e poder na idade média iseminário de História Medieval. III Encontro da Abrem Centro-Oeste. Anais. p. 95 -108.

BRAVO, G. **Crisis del Imperio Romano?** Desmontando un tópico historiográfico. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2013.

BRAUDEL, F. **História e ciências sociais**. A Longa Duração. Revista de História, v. XXX, ano XVI, n.62, abril- junho 1965.

BROWN, P. Corpo e Sociedade. **O homem, a mulher e a renúncia no início do cristianismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

_____. **O fim do mundo clássico**. De Marco Aurélio a Maomé. Lisboa: Editorial Verbo, 1972.

BURKE, P. **A Escola dos Annales 1929-1989**. A revolução francesa da historiografia. São Paulo: Unesp, 1990.

CABECEIRA, A.C. da S. **A vida de Hipácia de Alexandria**: Representações de Gênero na Antiguidade Tardia. Monografia. Brasília: UNB, 2014.

CALZADO, M. A. **La participación de la iglesia en la transformación del escenario urbano**: la cristianización y despaganización de emerita (SS. V-VII). Monografías Arqueológicas 49. Zaragoza: Prensa Universidad de Zaragoza, 2014, p. 81-99.

CARDINI, F. **Cristiani perseguitati e persecutori**. Roma: Salerno Editrice, 2011.

CARLAN, C. U; CARVALHO, Margarida Maria de; FUNARI, Pedro Paulo; PAPA, Helena Amália. **Religiões e religiosidades na antiguidade tardia**. Curitiba: Prismas, 2017.

COELHO, F de S. **As matronas da igreja de Roma na antiguidade tardia**. REHR/Dourados MS; n.23; p. 137-160. jan-jun 2018.

COLLING, A. M. **Gênero e história**. Um diálogo possível? Contexto e Educação. UNIJUÍ – Ano 19 - n 71/72. Jan/dez 2004. p. 29-43.

CORBIN, A; COURTINE, J-J; VIGARELLO, G. **História da virilidade**. A invenção da virilidade da Antiguidade às Luzes. Petrópolis: Vozes, 2013.

CORREIA, L.M. **Escrita feminina e profeminismo em Jane Austen**: Elementos para a construção de um novo perfil de mulher em A Abadia de Northanger e Orgulho e Preconceito. Dissertação. Mestrado em Letras. Vitória da Conquista.

DE WET, C. L. **Claiming corporeal capital**: John Chrysostom's homilies on the Maccabean martyrs. Journal of Early Christian History Volume 2 • Number 1 • 2012. p. 3 -21.

DÍAZ,P.C.**Sedes episcopales y organización administrative en la Cuenca del Duero (siglos IV – VII)**.In:CASTELLANOS,S;VISO,M.S.(eds).**De Roma a los bárbaros.Poder central y horizontes locales en la Cuenca del Duero**. Universidad de León ,2008, p 123-124.

DUBY, G. **Idade Média, idade dos homens**. São Paulo: Schwarcz, 2011.

DZIELSKA, M. **Hipátia de Alexandria**. Lisboa: Relógio d'Água,2009.

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa**. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2019.

FERNANDÉZ-GALIANO, D. **Los monasterios paganos**. La huida de la ciudad en el Mundo Antiguo. Córdoba: Ediciones El Almendro, 2011.

FERRES, S. **Mujeres silenciadas em la Edad Media**. Madrid: Punto de Vista Editores, 2016.

FONSECA, A. **O cuidado de si**: alma e corpo na Antiguidade Tardia. In: FONSECA, A.; LOBO, A. (org). Curitiba: Juruá, 2015.

FONSECA, R.M. **O Positivismo, historiografia positivista e história do direito.** Revista do Programa de Mestrado em Ciências Jurídicas da Fundinopi. n.10 – 2009 – p. 143-66.

FORTES, C. **Os mártires na Legenda Aurea:** a reinvenção de um tema antigo em um texto medieval. In: LESSA, Fábio & BUSTAMANTE, Regina (orgs.). Memória & Festa. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

FOSSIER, R. **As pessoas da Idade Média.** Petrópolis: Vozes, 2007.

FRACCARO, G.C.C. **Uma história social do feminismo;** diálogos de um campo político brasileiro (1917 – 1937). Estudos Históricos (Rio de Janeiro). p. 31-63. Jan/abr 2018.

FREISENBRUCH, A. **As primeiras-damas de Roma.** Rio de Janeiro: Record, 2010.

FRIGHETTO, R. **A antiguidade tardia.** Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações. Séculos II-VIII. Curitiba: Juruá, 2012.

_____. **A comunidade vence o indivíduo:** a regra monástica de Isidoro de Sevilha (século vii). Curitiba: Prismas, 2016.

_____. **Considerações sobre o conceito de Gens e a sua relação com a ideia de identidade nobiliárquica no pensamento de Isidoro de Sevilha (século VII).** Imago Temporis. Medium Aevum, VI (2012): 420 – 439.

_____. **Cultura e poder na antiguidade tardia ocidental.** Curitiba: Juruá, 2005.

_____. **Exílio e exclusão política no mundo antigo.** De Roma ao reino Godo de Tolosa (séculos II a.C. – VI d.C.). Jundiaí: Paco Editorial, 2019.

FUNARI, P. P. **As religiões que o mundo esqueceu.** Como Egípcios, gregos, celtas, astecas e outros povos cultuavam seus deuses. São Paulo: Contexto, 2009.

FURLANI, J. C. **Reflexões sobre a história social das mulheres na antiguidade tardia**: o caso das devotas cristãs. Cadernos de Clio, Curitiba, n.º 4, 2013, p. 295-313.

GARCIA, G. I. **Perspectivas sobre o papel das mulheres no cristianismo do segundo século. Diversidade religiosa**. V.8 N. 2 (2018) Religião e Violência. p. 86-101.

GAZZOTTI, D. M. **A difusão do priscilianismo pela Gallaecia**: o testemunho de Idácio de Chaves. Revista História e Cultura, Franca-SP, v.1, n.1, p.71-84, 2012.

_____. **O processo de legitimação e reconhecimento do priscilianismo na segunda metade do século IV**. Mare Nostrum, ano 2013, n.4, p 67-79.

GRIMAL, P. **História de Roma**. São Paulo: Unesp, 2010.

GUIMARÃES, M. L.; FRIGHETTO, R; SILVA, G. V. Da. **As mobilidades e as suas formas na Antiguidade Tardia e na Idade Média**. Vitória: G M Gráfica e Editora, 2019.

HUESMA, F. J. S; MARTÍNEZ, P. C. D; MAZA, C. M. **Hispania tardoantiga y visigoda**. Madrid: Ediciones Istmo, 2007.

KOCHMANN, S. **O lugar da mulher no judaísmo**. Revista de Estudos da Religião, N.2/2005/ p. 35-45.

LE GOFF, J. **A civilização do ocidente medieval**. Petrópolis: Vozes, 2016.

_____. **As Raízes medievais da Europa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LE GOFF, J.; SCHMITT, J-C. **Dicionário temático do ocidente medieval**. v ii. Guarulhos: Edusc, 2002.

LEITE, E. S. **O Deserto nas epístolas de São Jerônimo**. XVIII Encontro de História Anpuh. Rio de Janeiro: História e Parcerias. p. 1 -11.

LEMOS, C.T. **Religião e patriarcado: Elementos Estruturantes das Concepções e das Relações de Gênero**. Caminhos, Goiânia, v.11, n.2, p. 201-217, jul/dez 2013.

LIZZI TESTA, R. **The late antiquity bishop: Image and reality**. In: ROUSSEAU, P (ed) **A companion to de late antiquity**. Blackwell: Oxford, 2009, p 525-38.

LOPES, M. **Para a história conceitual da discriminação da mulher**. Cadernos de Filosofia Alemã. N.15 – jan/jun 2010 – p. 81-96.

LOPES, M.A.(org) Fernand Braudel: tempo e história. Rio de Janeiro: FGV, 2008. In: SANTOS, A.S. **História da historiografia**. Ouro Preto, n.7, nov/dez.2011. p. 305-311.

LÓPEZ, R. M. C. **Egeria, peregrina y aventureira**. Relato de um viaje a Tierra Santa em el siglo IV. Universidad de Oviedo. ARENAL. 17:1; enero-junio 2010, 5 -31.

MARAVAL, P. **Égérie. Journal de voyage (Itinéraire)**. Introduction, texte critique, traduction, notes, index et cartes. Suivi de la Lettre de Valerius du Bierzo sur la bienheureuse Égérie, introduction, texte et traduction par Manuel C. Díaz y Díaz. In: L'antiquité classique, tome 52, 1983. p. 416-417.

MARTY, M. **O Mundo cristão**. Uma História Global. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

MATHISEN, R. W. **Peregrini, barbari, and Cives Romani: concepts of citizenship and the legal identity of barbarians in the later Roman Empire**. Byzantine Studies Conference: Baltimore, Maryland, october 2004.

MATOS, J.S.A **História estrutural: trajetória, conceitos e aplicabilidade**. Biblos, Rio Grande, 1 (1): 55-67, 2010.

MATTOS, C. E. de A.; NOGUEIRA, P. A. de S. **Santas, condenadas ou demoníacas?** Mulheres no imaginário do além-mundo no cristianismo primitivo. Revista Mandrágora, v.26, n.1, 2020, p. 29-47.

MEIER, C. Antiguidade. In: ENGELS, O; GÜNTER, H; KOSELLECK, R; MEIER, C. (orgs.). **O Conceito de história**. São Paulo: Autêntica, 2013.

MIEIRO, D. M.M. **Ecclesia in strata**. A peregrinação de Egéria como itinerário espiritual. Dissertação. Mestrado Integrado em teologia. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2013.

MILIONI, J. **Epístolas paulinas. Estudo de Gálatas, I e II Tessalonicenses, I e II Coríntios**. Seminário Bíblico das Américas: Montevideu, 2006.

MOATTI, C. **Translation, migration and communication in the Roman Empire: three aspects of movement in History**. Classical Antiquity, University of California Press, 2006, 25 (1), p. 109-140.

NASCIMENTO, R.C.S. **A Relíquia do Santo Lenho em Portugal: Narrativas de Milagres**. História Revista, Goiânia, V.19, n.1, p. 105-120, jan/abr 2014.

NATAL VILLAZALA, D. **De Ambrósio de Milán a Lérin: Gestión del conflicto y construcción del poder episcopal em época teodosiana (375 – 450 d. C)**. Universidad de León, 2000.

NOGUEIRA, P.A. de S. **O cristianismo primitivo como objeto da história cultural: delimitações, conceitos de análise e roteiros de pesquisa**. Antíteses. 8 (16). 31-49.

OLIVEIRA, R. M. B. **O Itinerário de Egéria (séc. IV)**. Olhares sobre um Olhar. Mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares. Lisboa: Universidade Aberta, 2014.

PARRA GUINALDO, V. **Itinerarium Egeriae**: A Retrospective Look and Preliminary Study of a New Approach to the Issue of Authorship-provenance. *Linguistics and Literature Studies* 7(1): 13-21, 2019. p.13 -21.

PERCIVALDI, E. **A Vida secreta da Idade Média**. Fatos e curiosidades do milênio mais obscuro da história. Petrópolis: Vozes, 2013.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2017.

_____. **Os Excluídos da história**. Operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

PITTA, A. **Cartas paulinas**. Editora Vozes: Petrópolis, 2019.

POHLMANN, J. F. **Nobility, ascetic christianity and martyrdom**: A family's identity in the writings of Ambrose of Milan, *Networks and Neighbours* 2.2 (2014): 278-294.

ROST, A. **Doze lições sobre a história**. São Paulo: Autêntica, 2008.

RAFFAELLI, J. S. Conflito e legitimação: O Eremetismo na autohagiografia de Valério do Bierzo (século VII). In: BORGONGIDO, B.U; SILVA, L.R. da; SILVA, P.D; TOMAZ, R.B.P. (orgs). **A Igreja em construção**: Poder e discurso cristão na Alta Idade Média (séculos IV-VII). PEM/UFRJ. Rio de Janeiro, 2013. p. 167-187.

_____. O eremitismo no reino visigodo do século VII: um estudo comparado da auto-hagiografia de Valério do Bierzo e do discurso episcopal nos concílios de Toledo e em Isidore de Sevilha. In: TEIXEIRA, I.S. (org.) **Reflexões sobre o medievo IV**. Estudos sobre a hagiografia medieval. São Leopoldo: Oikos, 2014. p. 85-94.

RAPP, C. Saints and holy men. In: **The Cambridge history of Christianity, vol 2**: Constantine to c. 600, ed. A. Casidy, F W. Norris. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

RECIO, J.F.R. **San Ildefonso de Toledo**. Biografía, época y posteridad. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1985.

REINERT, R. P.F. **Antropologia jurídica**. Curitiba: Intersaberes, 2020.

REVEL, J. **História e historiografia**. Exercícios Críticos. Curitiba: UFPR, 2010.

ROUSSEAU, J. J. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Tradução de Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2005.

_____. **Emílio ou da educação**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

RUEDA, S. M. C. **Mundo y mundos de las viajeras medievales**. Entre desafios para la mulier virilis y señales divinas para peregrinas anónimas. Actas XIII Congreso AHLM. Valladolid, 2010, p. 529–538.

RUFINO, J. R. **A noção de peregrinatio em Agostinho de Hipona**. *Ágora Filosófica* Ano 11 • n. 2 • jul./dez. 2011 – 113.

SARTIN, G. **Itinerarium Burdigalense uel Hierosolymitanum**. (Itinerário de Bordeaux ou de Jerusalém). Texto Latino, Mapas e Tradução Comentada. *Revista Scientia Translationes*, n. 15, 2014, p. 293-379.

SCOTT, J. **Gênero**: uma Categoria Útil de Análise Histórica. *Educação e Realidade*. 20 (2):71 – 99. jul/dez 1995.

_____. **Gênero e história**. Ciudad de México: UACM, 2008.

SENKO, E. C; VALENTE, C. M. **Uma conversa sobre a feminilidade no processo histórico**. *Embrenal* v. 7, n. 14 (2016). p. 104 – 123.

SILVA, B. dos S. **Introdução aos estudos sobre A Geografia de Estrabão. Mare Nostrum**, ano 2010, v.1, ano 1, p. 71 – 83.

SILVA, G. V. da. **Ascetismo, gênero e poder no Baixo Império Romano**. Paládio de Helenópolis e o status das cevotas cristãs. História, São Paulo, v. 26, n.1, p. 82 – 97, 2007.

_____. **A sinagoga como heterotopia segundo João Crisóstomo**. Rio de Janeiro: Phoênix, 2012.18-1.p.136.

_____. **João Crisóstomo e o conflito com os judeus e judaizantes de Antioquia**. PHILÍA. Informativo de História Antiga, ago, set, out 2009. Núcleo de Estudos da Antiguidade: UERJ.

SILVA, M. do C. M. **Renúncia à vida pela morte voluntária: O suicídio aos olhos Imprensa no Recife dos anos 1950**. Dissertação de Mestrado em História. UFPE, 2014.

SILVA,P. **Pregação e poder no ocidente; as festas cristãs nos séculos V-VI (440 – 543)**. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

SMITH, B. G. **Gênero e história: Homens, mulheres e a prática histórica**. Bauru: Edusc, 2003.

SOUZA, C. A. de. **A desigualdade de gênero no pensamento de rousseau**. Revista Novos Estudos Jurídicos – Eletrônica, Vol. 20, n. 1, jan-abr 2015. p. 146-170

STADLER,T.D. **O Império Romano em cartas**. Curitiba: Juruá, 2013.

SUAREZ, D. P. **Las formas del poder personal: la monarquia, la realeza y la tirania**. Gerión. 2007, 25, n 1, 127 – 166.

TAMANINI, P. A. **O tema do deserto e da vida ascética no monaquismo Feminino na Igreja Cristã Primitiva: Os Monges e as Monjas do Deserto**. Revista Signum, 2016, vol. 17,n.1.

TEJA, R. **Emperadores, obispos, monjes y mujeres: Protagonistas del cristianismo antiguo**. Editorial Trotta: Madrid, 1999.

TEIXEIRA, J.L.S. **A atuação das mulheres nas primeiras comunidades cristãs**. Revista de Cultura Teológica – v.18 – n. 72 – out/dez 2010.

TILLY, L.A. **Gênero, história das mulheres e história social**. Cadernos Pagu (3) 1994: p. 29-62.

TOLDY, T.M. **A violência e o poder da(s) palavra(s)**: A religião cristã e as mulheres. Revista Crítica de Ciências Sociais. 89/2010, 171-183.

VALENTE, C. **Ildefonso de Toledo e o Culto Mariano como legitimação da ortodoxia niceísta na Hispânia do século VII**. Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR, 2015.

VEYNE, P. **Pão e Circo**. São Paulo: Unesp, 2014.

WOLFRAM, M. A Mulher cristã na Antiguidade Tardia. Entre Fontes Documentais e Epigrafia. In: GONÇALVES, A; GONÇALVES, M; LOPES, M.J.F; MEIO, A.; PINTO, A.P. (orgs.). **Narrativas do Poder Feminino**. Braga: Aletheia, 2012.

Disponível em:

<https://www.publico.pt/2019/10/21/ciencia/noticia/descoberto-caminho-peregrinos-jerusalem-mandado-construir-pilatos-1890763>. Acesso em: 20 mai 2020.

Disponível em:

<https://www.classics.upenn.edu/sites/www.classics.upenn.edu/files/>. Acesso em: 20 mai 2020.

Disponível em:

<https://www.churchofjesuschrist.org/study/scriptures/gs/pauline>. Acesso em: 20 nov 2021.

ANEXOS



Figura 1: Império Romano de I.A.E.C a V.E.C.

Fonte: Disponível em: <https://cdn.civitatis.com/italia/roma/galeria/mapa-imperio-romano.jpg>.

Acesso em: 20 ago 2020.

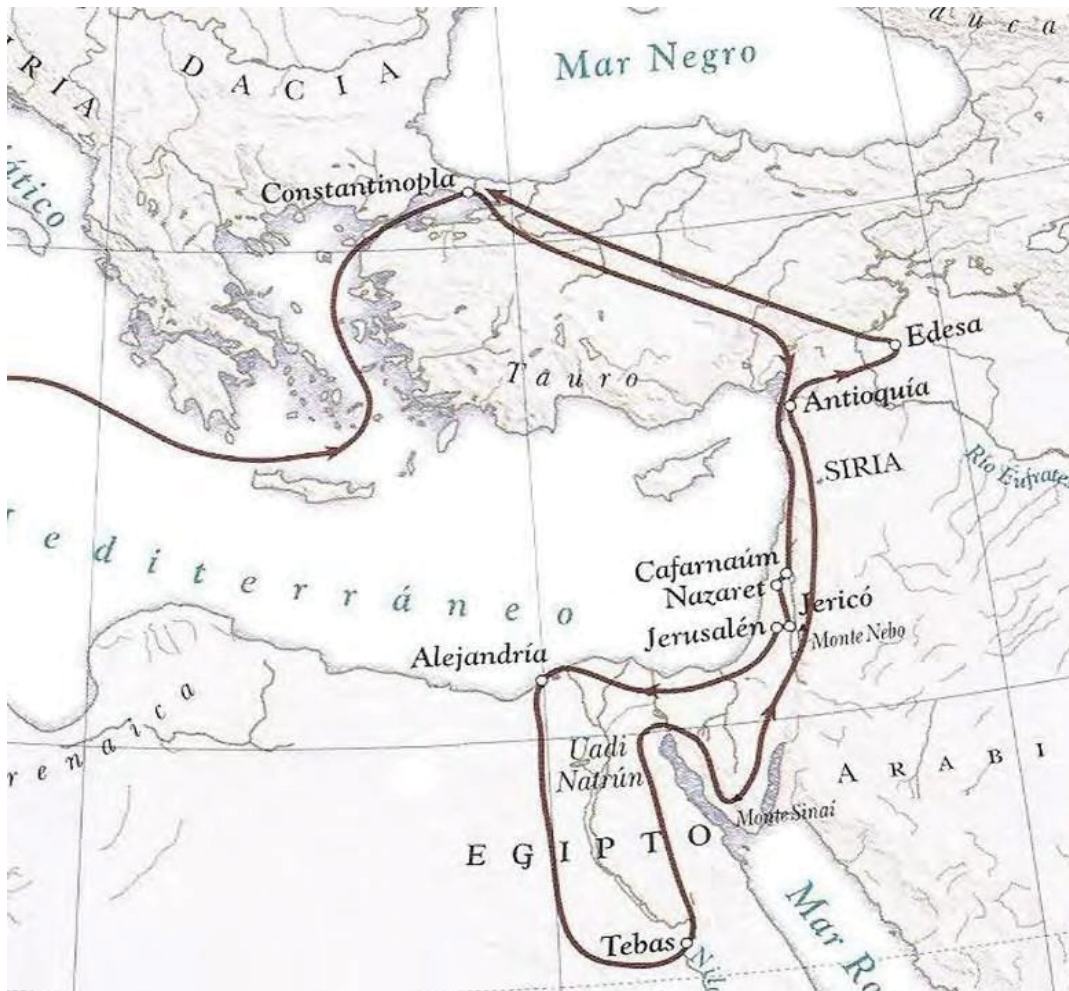


Figura 2: Mapa referente ao caminho percorrido por Egeria em sua peregrinação à Terra Santa

Figura 3: Retrato de Egéria



Embora essa imagem apareça em algumas publicações ou reportagens na Web, como sendo Egéria, não há uma comprovação científica a respeito, mas observamos uma mulher aristocrata do período Imperial, as joias mostram a sua classe social, a vaidade, que não era ascética, mas a utilizaremos como exemplo de como Egéria é imaginada.

Fonte: Disponível em: <<https://www.ancient-origins.net/sites/default/files/Egeria.jpg>>. Acesso em: 20 ago 2020.



Figura 4: Folio 188 del Manuscrito 10018 de la Biblioteca Nacional, en que se contienen los llamados Excerpta Matritensia relativos al Viaje a Tierra Santa de la Monja Egeria”.

Fonte: Disponível em:

<<http://www.bne.es/es/Actividades/Ciclos/PiezaDelMes/Historico/Piezas2008/ViajeMonja.html>>. Acesso em: 06 set 2021.



Figura 5: Mosteiro do século IV

Fonte: Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2021-05/egito-descoberto-deserto-mosteiro-cristaos-seculo-iv.html>. Acesso em: 06 set 2021.



Figura 6: Mapa da Gallaecia no tempo de Diocleciano

Fonte: Disponível em: <<http://nomesdopais.gal/apontamentos-sobre-o-conceito-de-territorio-na-gallaecia-dos-celtas-aos-suevos/>>. Acesso em: 06 set 2021.



Figura 7: Crismón de Quiroga,

(município de Lugo), Crismon é a denominação da mais usual das representações do cristograma ou monograma de Cristo, datado do século V, é uma representação das mais antigas da presença cristã na Galaecia.

“Quero desamarrar e quero ser desamarrado.

Quero salvar e quero ser salvo.

Quero ser engendrado.

Quero cantar; cantai todos.

Quero chorar: batei os vossos peitos.

Quero enfeitar e quero ser enfeitado.

Sou lâmpada para ti, que me vês.

Sou porta para ti, que chamas a ela.

Tu vês o que faço. Não o menciones

A palavra enganou a todos, mas eu não fui completamente enganado”.

Hino a Jesus Cristo, de forte inspiração gnóstica, atribuído a Prisciliano.

Fonte: Disponível em: <<http://dicionario.sensagent.com/Prisciliano/pt-pt/>>. Acesso em: 06 set 2021.